

Célia Maria Groppo

*Ordem no céu, ordem na terra: A revista “A Ordem” e o ideário
anticomunista das elites católicas
(1930 – 1937)*

Programa de Pós Graduação em História

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em História sob a orientação da
Professora – Doutora Márcia Barbosa Mansor D’Aaléssio**

São Paulo

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

*À meu pai, minha mãe, meu irmão e meu filho.
Pessoas a quem eu amo, e mesmo sem o saber,
são a razão da minha vida e a força que me
trouxe até aqui.*

Agradecimentos

À Professora – Doutora Márcia Barbosa Mansor D’Aléssio, minha orientadora, em quem encontrei amizade, apoio e uma orientação segura e competente para desenvolver este trabalho.

Ao Professor-Doutor Antonio Rago Filho (em quem tenho um exemplo dos mais belos de ser humano) e à Professora-Doutora Teresa Maria Malatian, que gentilmente fizeram parte da Banca de Qualificação deste trabalho com apontamentos cuidadosos e pertinentes sobre os melhores caminhos a seguir.

À Professora-Doutora Estefânia K.C. Fraga e ao Professor-Doutor Maurício Broinize Pereira, com os quais tive a oportunidade de cursar disciplinas no programa de pós-graduação e cuja orientação, foram de grande valia.

À Professora-Doutora Maria Luiza Tucci Carneiro que (sem ao menos me conhecer), aceitou-me como aluna de seu curso *O discurso da intolerância*, ministrado em 2001, na Universidade de São Paulo, e, com carinho e paciência, orientou-me na elaboração do projeto desta pesquisa.

Ao Professor-Doutor Isnard de Albuquerque Câmara Neto, meu mestre e meu guia nos primeiros caminhos do curso de pós-graduação.

Ao Professor-Doutor Juvenal Savian Filho (mais que um amigo, um irmão) pela paciência na revisão deste trabalho e pelas sugestões sempre carinhosas e inteligentes.

À Marisa Labriola, minha amiga e “fiel escudeira” desde 2002, na digitação e formatação dos textos.

Aos meus amigos da E.E. “Professora Nercy Amélia M. Daher”, especialmente à Sueli Conceição Martelini, Rute dos Santos, Silvana de Oliveira, Silmara Caselli Mathiazo, Ana Paula Camargo Sabença do Couto, Viviane Motta Niebus, Maria Luíza Godoy Cotomácio, Wagner Leite Viana e ao querido aluno Bruno Labriola Missé. Durante os problemas de saúde de meu pai e o acidente de meu filho, teria sido impossível prosseguir sem o apoio

deles, bem como dos amigos presentes e distantes da “*Casa e vida Frei José*”, representados pela Cecília, Ana e senhor Sett Enkata, que sempre me auxiliaram nos momentos mais difíceis.

Aos amigos Elcio e Ivonete Scherrer, que considero parte da família. E à querida Ritinha, com quem sei que posso contar sempre.

À Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro e ao Centro Dom Vital, na pessoa de seu presidente, Professor-Doutor Tarcísio Meirelles Padilha e de sua Secretária Geral, a senhora Modesta Soares da Costa.

À Arquidiocese Metropolitana de São Paulo, aos Seminários Premonstratenses de Jaú e Pirapora do Bom Jesus.

À Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, que proporcionou esta Bolsa de Estudos e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pela oportunidade dada aos professores da rede pública de ensino ao manter este convênio.

Por fim, mas não menos importante, meu agradecimento a todas as pessoas que de uma forma ou de outra, me ajudaram a estar aqui.

Resumo

A presente Dissertação tem como objetivo analisar as bases do anticomunismo católico brasileiro, em um de seus períodos de maior recrudescimento: a terceira década do século XX, utilizando como principal fonte a revista **A Ordem**, fundada em 1921 e que representou um marco na aglutinação de uma elite intelectual católica laica, a partir de Jackson de Figueiredo e do Centro Dom Vital. A revista **A Ordem** foi um dos principais veículos de divulgação do pensamento conservador, em suas páginas inscreveu-se parte da gênese do anticomunismo católico no Brasil, subsidiando a construção, reelaboração e dinamização de estereótipos e arquétipos sobre os inimigos da Igreja, dentre os quais o comunismo era visto como “o maior perigo da civilização” e como “inimigo irreconciliável da Igreja”.

As questões que norteiam esta dissertação buscam as origens do anticomunismo católico no Brasil em meio ao contexto histórico de seu surgimento, nas matrizes do pensamento conservador, na posição da Igreja Católica e na atmosfera política dos anos de 1930. As datas limites para o estudo dos artigos da revista situam-se no interregno de 1930, ano em que os artigos anticomunistas começam a ganhar espaço na revista, a 1937, época na qual é possível perceber uma mudança na diretriz ideológica de grande parte dos articulistas de **A Ordem**, sob a influência do princípio de “Democracia Humanitária” proposta pelo filósofo francês Jacques Maritain.

Abstract

The present dissertation has a purpose to analyze the bases of Brazilian Catholic's anticommunism, in one of its biggest age of recrudescence: the third decade of century XX, utilizing as wellspring of information the magazine "**The Order**", which has found in 1921, and was mark in the agglutination of the laic catholic intellectual's elite, as from Jackson de Figueiredo and Dom Vital's Center. The magazine "**The Order**" was one the most important vehicles of disclosure of conservation's mind, in its pages was enrolled part of catholic anticommunist's genesis in Brazil, subsiding the construction, rework and dynamism of stereotypes and archetypes about the Church's enemies, in the midst of that, the communism has seen as "the most danger of the civilization" and "the irreconcilable enemy of the Church".

The questions in this dissertation search the source of the Catholic's anticommunism in Brazil, among the historic context of its appearance, in the matrixes of conservation's mind, the Catholic's Church position and politician atmosphere in 1930. The limits dates for studying about the magazines' articles are placed in the interregnum from 1930, the year which the anticommunist's articles have began to earn space in the magazine, to 1937, the age which is possible to perceive an important change in the ideological directress of the majority of the writers of "**The Order**", under influence of the Humanitarian's Democracy", which was proposal for French's Philosopher Jacques Maritain.

Sumário

| | |
|---|------|
| Introdução..... | 8 |
| Capítulo 1: A revista “A Ordem”, suas razões e desdobramentos..... | 18 |
| A revista “A Ordem” e o Centro Dom Vital..... | 28 |
| A Igreja no Brasil: entre a Reforma Ultramontana e a República..... | 39 |
| Jackson de Figueiredo: um arauto da Fé..... | 48 |
| De Joseph de Maistre a Jacques Maritain..... | 51 |
| Estrutura da revista..... | 62 |
| | |
| Capítulo 2: Inimigos e soldados da Fé, segundo a revista “A Ordem”..... | 66 |
| A Reforma Protestante..... | 75 |
| A Maçonaria..... | 78 |
| Liberalismo e Revolução Francesa..... | 80 |
| Judaísmo..... | 83 |
| O Comunismo..... | 96 |
| Os soldados da ordem..... | 115 |
| | |
| Capitulo 3: A força das palavras: fala “A Ordem”..... | 125 |
| O medo da destruição..... | 139 |
| O medo da miséria..... | 146 |
| O medo da doença..... | 149 |
| | |
| Considerações Finais..... | 169 |
| Fontes..... | 175 |
| Dissertações e Teses..... | 1171 |
| Bibliografia..... | 76 |
| | 177 |

INTRODUÇÃO

Onze de setembro de 2001, através das emissoras de rádio e televisão, o Brasil recebe as primeiras notícias sobre a explosão no edifício World Trade Center, coração de Nova York. De imediato nenhum noticiário parecia dar conta sobre o que, de fato, havia ocorrido. As primeiras informações, um tanto quanto desconstruídas, aventavam a possibilidade de tratar-se de um acidente aéreo. Entretanto, após o choque de um segundo avião sobre as torres do edifício, o mundo receberia, perplexo, a confirmação de que os Estados Unidos da América haviam sofrido um ataque terrorista.

Em meio ao turbilhão de imagens transmitidas ao vivo, através dos satélites, vi minha mãe fechar os olhos, e após um longo suspiro, sentenciar triste e pausadamente que “aquilo era coisa de comunista...”

Dois momentos, inusitados e distantes, causaram-me perplexidade; de um lado o caos inimaginável em meio à cortina de fumaça na maior cidade do planeta; de outro, o olhar estarecido de minha mãe deixando transparecer o medo vindo de algum ponto perdido de suas memórias.

Era incrível que ela não conseguisse expli

seus fios: a parte e o todo prontos a serem resgatados e compreendidos na tarefa imprescindível e complexa, de lançar um foco de luz sobre uma época, uma idéia, uma crença.

Eu estava diante de uma senhora de 72 anos, que cursara até a terceira série primária na escola de um pequeno vilarejo às margens do rio Tietê¹, cuja formação moral se dera em grande parte no seio da Igreja Católica através de seus ritos e congregações, a exemplo das *Filhas de Maria* e do *Apostolado da Oração*. Um micro universo quase esquecido, onde a força das idéias anticomunistas resistira ao tempo e às transformações compondo uma espécie de verdade sempre pronta a confrontar os inimigos da ordem por ela estabelecida.

Diante do fato, sem precedentes, ocorrido naquele onze de setembro, duas visões a respeito do comunismo foram resgatadas, frutos de tempos e contextos culturais distintos traziam à baila a fragilidade de duas representações opostas dessa doutrina. Não era apenas a versão negativa sobre os comunistas exposta por minha mãe que fora ali representada, naquele momento, eu percebera com estranho constrangimento o quanto aquela frase me provocara indignação, pois, também eu, no processo de formação de minhas convicções políticas, havia idealizado o comunismo como uma proposta para a “redenção do mundo”.

Em meio a essas duas representações inúmeros questionamentos estavam postos fazendo surgir a idéia desta pesquisa que tem como objetivo contribuir para a compreensão das bases do anticomunismo católico brasileiro, em um de seus períodos de maior recrudescimento: a terceira década do século XX, utilizando como principal fonte a revista **A Ordem**, fundada em 1921 e que representou um marco na aglutinação de uma elite intelectual católica laica, a partir de Jackson de Figueiredo e do Centro Dom Vital².

Corolária do pensamento conservador, em suas páginas inscreveu-se parte da gênese do anticomunismo católico no Brasil, subsidiando a construção, reelaboração e dinamização de estereótipos e arquétipos sobre os inimigos da Igreja, dentre os quais o comunismo era visto como “o maior perigo da civilização” e como “inimigo irreconciliável da Igreja”.

1- Pirapora do Bom Jesus, localizada no vale do Tietê, a 54 quilômetros da capital paulista e até 1958, vila de Santana de Parnaíba

2- Jackson de Figueiredo, jornalista, fundador da revista **A Ordem** e do Centro Dom Vital com o objetivo de aglutinar intelectuais católicos para a formação de um núcleo de fortalecimento e divulgação do catolicismo.

“ (...) Por um lado o bolchevismo é considerado o maior perigo da civilização presente, e, por outro lado galanteia-se atrevidamente com o inimigo, e conservam-se trunfos para o caso da queda. Quem sabe o que está para suceder?(...) Quem nos afiança que mais uma vez os cossacos não farão os seus cavalos beber águas do Reno?”³

Colaborar para melhor compreensão das sensibilidades católicas dentro da atmosfera das primeiras décadas do século XX é tarefa delicada, desafiadora, porém, necessária. Segundo Eric Hobsbawm, qual a função da história senão “*perguntar os grandes por quês?*”⁴ No contexto político e religioso da época, torna-se claro que a “diferença” sob seus múltiplos aspectos, deve ser mantida a distância ou sob severa vigilância, sob risco de que as verdades construídas e estabelecidas, tanto pelo Estado como pela Igreja sejam contrariadas ou colocadas sob suspeita.

O comunismo, enquanto diferença⁵ é visto como um mal, e isso por si basta. É a negação da alteridade. Nesse sentido, o anticomunismo católico e o anticomunismo de Estado entrelaçam-se a acontecimentos nacionais e mundiais, por exemplo a Revolução Russa de 1917 e a Intentona Comunista no Brasil, em 1935.

As questões que norteiam esta dissertação buscam as origens do anticomunismo católico no Brasil em meio ao contexto histórico de seu surgimento, nas matrizes do pensamento conservador, na posição da Igreja Católica e na atmosfera política dos anos de 1930.

Através da análise dos artigos foi possível detectar que até 1935, a Igreja Católica foi a instituição que mais se preocupou com o avanço do comunismo na Terra de Santa Cruz, criando mecanismos concretos para combatê-lo, por meio de organização de associações leigas sob severa supervisão eclesiástica, como a *Ação Católica* e a *Liga Eleitoral Católica*, entre outras.

3- MUCKERMANN, Frederico. *Por que tanta frouxidão no combate ao Bolchevismo?* In: **A Ordem**. Rio de Janeiro, jan/1933, p. 10

4- HOBBSAWAM, Eric. *Em defesa da História*. In: **O Estado de São Paulo**, Caderno 2, 23 de janeiro, 2005. Tradução de Celso Pacionirk

5 – Nos textos católicos das primeiras décadas do século XX, no Brasil, o comunismo é descrito como idéia “exótica” comum a povos e nações estranhas. Inadaptável a estas terras por ser contrária aos princípios e à índole dos brasileiros, essencialmente pacíficos e católicos.

Quanto a esses temas, cabe observar a que propósito serviria a aglutinação dos intelectuais católicos laicos? Que objetivos a revista **A Ordem** cumpriu em relação ao ideário anticomunista no Brasil? Que tipos de arquétipos dos inimigos ela construiu ou consolidou? Era uma publicação anti-semita na medida em que não desvinculava comunismo e judaísmo? E, finalmente, que estratégias utilizou para efetivar seu discurso?

As datas limites para o estudo dos artigos da revista situam-se no interregno de 1930, ano em que os artigos anticomunistas começam a ganhar espaço na revista a 1937, época na qual é possível perceber uma mudança na diretriz ideológica de grande parte dos articulistas de **A Ordem**, sob a influência do princípio de “Democracia Humanitária” proposta pelo filósofo francês Jacques Maritain.

Não é nossa proposta defender posições teóricas ou ideológicas em relação aos principais acontecimentos históricos ligados a estas datas limítrofes; entretanto, algumas ressalvas devem ser feitas com relação aos anos de 1930, 1935 e o biênio 1937/1938 para uma melhor compreensão da trama histórica que envolve os artigos.

Durante todo o período conhecido historicamente como República Velha, as tensões sociais e políticas foram constantes, acentuando-se sobremaneira na década de 1920. Em 1930 a conjuntura política brasileira sofre uma distensão com a deposição do presidente Washington Luís e da ascensão ao poder de Getúlio Vargas chefiando a Aliança Liberal, e, em cuja bandeira, abrigavam-se diferentes seguimentos ideológicos e interesses políticos. Essa mudança no tabuleiro do poder será fonte de incertezas e conflitos em determinados setores sociais, entre eles a Igreja, historicamente receosa ante as transformações e cuja influência no centro das decisões políticas do país oscilava desde a época do Império.

Para a Igreja Católica, além da conjuntura brasileira, havia questões externas que tornariam este, um momento particularmente delicado para o futuro da instituição, como as medidas laicizantes adotadas pelos governos da Espanha e do México, países tradicionalmente católicos e que foram entendidas como sendo de caráter comunista ou “bolchevizante” (termo com o qual os articulistas de **A Ordem** costumavam designá-las). A partir de 1930, a presença de artigos anticomunistas na revista, cresce consideravelmente em relação à década anterior.

Com o centenário da Independência e da Semana da Arte Moderna de 1922, parte da elite intelectual e artística do Brasil enseja a construção (ou retomada) de uma “identidade

nacional”. Para a Igreja, bem como para os articulistas da revista, o catolicismo era o principal elo construtor e integrador dessa suposta nacionalidade.

Com a consolidação do Estado Vargasista, após 1930, a formação identidade nacional será valorizada pelo governo como um dos elementos disciplinadores do estabelecimento de uma nova “ordem política” no país, bem como na busca e na instituição do “pacto social” em oposição à idéia da “luta de classes”. Em certa medida, a elite dirigente do catolicismo brasileiro será aliada do governo nessa empreitada.

O ano de 1935 é marcante tanto do ponto de vista dos acontecimentos como da simbologia. A partir de 23 de novembro desse ano, temos a eclosão de levantes militares nos quartéis de Natal, Recife e Rio de Janeiro, então capital da República. Estas insurreições, posteriormente chamadas de Intentona Comunista, suscitam calorosos debates historiográficos e mantêm inúmeras questões não resolvidas até hoje, principalmente com relação à ligação do movimento a diretrizes internacionais e seu suposto caráter comunista.

Como exemplo de tais questões, podemos citar os objetivos do movimento; enquanto alguns historiadores defendem que as ações militares nos quartéis foram coordenadas a partir da *Aliança Nacional Libertadora* e do *Partido Comunista Brasileiro*, (seguindo deliberações do *Komintern*) capitaneados pela figura de Luís Carlos Prestes, com o objetivo explícito de depor o presidente Vargas e instaurar um novo modelo político-econômico no país, outros defendem que os levantes pautavam-se antes de qualquer outra coisa na resolução de problemas internos do exército, como a questão da rigidez disciplinar e dos salários, para num segundo plano, objetivar reformas sociais no país.

Com relação ao seu caráter “efetivamente” comunista, as dúvidas são ainda maiores (façamos aí uma diferenciação entre o que seria uma rebelião efetivamente pensada e dirigida por organizações comunistas, de um movimento que pode ter recebido influência de comunistas). Palavras de Prestes, citadas por Néelson Werneck Sodré⁶, remetem diretamente a esta questão “A insurreição de 1935 não foi, porém, um movimento exclusivamente comunista, nem pretendiam os insurretos de 35 instaurar em nosso país a ditadura do proletariado, nem muito menos um governo comunista, como afirma a reação”. Agildo Barata, acusado de ser o líder militar da revolta no Rio de Janeiro, afirmou ao mesmo autor

6 - SODRÉ, Nelson Werneck.. **História Militar do Brasil**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 256

“que durante todo o movimento não foi dado um grito sequer por ninguém, alusivo a um governo comunista ou a uma ditadura proletária”.⁷

Roberto Martins Ferreira⁸, estudioso das manifestações anticomunistas no Exército brasileiro, cita o contraditório relatório do delegado Eurico Bellens Porto, responsável pela investigação da insurreição no Rio de Janeiro, onde em diversas passagens

A postura assumida pelo governo em relação ao movimento é, também, bastante polêmica. Muitos estudiosos sustentam a tese de que o governo tinha conhecimento dos planos (ao menos no Rio de Janeiro) para eclosão de movimentos insurrecionais nas Forças Armadas com participação de elementos ligados a Aliança Nacional Libertadora e do Partido Comunista, mesmo assim, permitiu que esses movimentos ocorressem para fornecer justificativas a um possível endurecimento do regime.

Tais apontamentos foram feitos, não no sentido de adotar uma dessas correntes como condutora deste trabalho, mas, no sentido de destacar os episódios de novembro de 1935, como um “divisor de águas” no discurso anticomunista que, daí em diante, será capitaneado pelo governo e pelas Forças Armadas brasileiras, fazendo com que o anticomunismo católico passasse do papel de protagonista ao de coadjuvante.

Além disso, interessa-nos a gama de representações¹¹ sobre o comunismo que tais fatos proporcionaram, abrindo caminho para uma série de medidas repressivas e para a escalada do autoritarismo político no país. A partir de 1935 e com maior ênfase após a instauração do Estado Novo, o comunismo passa a ser o “inimigo eleito” tanto do governo quanto das Forças Armadas.

Em 1937, temos o fechamento do regime com o estabelecimento do Estado Novo sob a égide do “Plano Cohen”¹², trazendo consigo a censura aos meios de comunicação e o fim da liberdade de expressão. Com isto, muitas medidas adotadas pelo governo autoritário de Vargas, acabam por gerar descontentamento nos meios intelectuais, católicos ou não. Além da censura à Imprensa, a partir de 1938, percebe-se uma mudança nas diretrizes ideológicas de **A Ordem**, sob o comando de Alceu Amoroso Lima, principal redator da revista, presidente do

11- O conceito “representações” será aqui utilizado sob a perspectiva de Roger Chartier : “As representações remetem às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real”. In: CHARTIER, Roger. **A História Cultural – Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990, p.17.

12 - Plano cuja história tem até hoje aspectos obscuros. Aparentemente, tratou-se de uma fraude a ser publicada num boletim da *Ação Integralista Brasileira*, forjando uma insurreição comunista no Brasil, onde haveria massacres de populares, saques nos estabelecimentos comerciais, depredações e incêndios em prédios públicos e igrejas. A suposta autoria do Plano Cohen (nome marcadamente judaico), foi atribuída ao oficial integralista, Capitão Olímpio Mourão Filho. A obra de ficção foi transformada em “documento oficial”, servindo como pretexto para a instalação de uma ditadura política no país, em 10 de novembro de 1937.

Centro Dom Vital e da Ação Católica que, por meio da influência do filósofo francês Jacques Maritain, vai lentamente abdicando de seu característico autoritarismo conservador (legado de Jackson de Figueiredo), para aderir às propostas democráticas e humanitárias. O comunista até então relegado à categoria de “inimigo irreconciliável da Igreja”, é alçado à condição de “irmão em Cristo” que deve ser amorosamente esclarecido de seus erros e reconduzido aos braços da Igreja.

Estas mudanças vão atingir de forma bastante intensa os meios católicos no Brasil, promovendo cisões dentro deste grupo. Cisões estas que colocarão em diretrizes opostas dois grandes representantes do catolicismo conservador e da revista **A Ordem**: Alceu Amoroso Lima e Plínio Corrêa de Oliveira.

Na abordagem dos temas propostos, esta pesquisa divide-se em três capítulos. O primeiro faz introdução ao contexto histórico, e também, eclesial da época de fundação da revista. Situa Jackson de Figueiredo, seu fundador no ideário conservador católico do período e aponta algumas matrizes do conservadorismo e do anticomunismo de base religiosa.

O segundo capítulo discute a construção ou dinamização dos arquétipos dos inimigos da Igreja, segundo a visão dos colaboradores da publicação. Aponta acontecimentos relevantes na elaboração das representações comunistas e anticomunistas no Brasil, destacando como um marco a eclosão da *Intentona Comunista* em 1935, entendida pelas forças conservadoras como símbolo da concretude das idéias bolchevistas no país, e, utilizada pelo governo para legitimar ações repressivas e medidas autoritárias.

O terceiro e último capítulo analisa os artigos de textura anticomunista, no período de 1930 a 1937, por meio de metáforas, expressões recorrentes, apelos à tradição, arquétipos e atributos daqueles que são, segundo a revista, “estranhos a graça de Deus”.

Personificados em diferentes grupos ao longo dos tempos, oculta-se sempre o Demônio, o grande rebelde da causa divina. É ele o protestante, o maçom, o liberal, o judeu, o comunista, o estrangeiro, a Modernidade, a transformação. Sua atuação tem, segundo os articulistas de **A Ordem** como objetivo máximo, a destruição da Igreja Católica, “única e legítima porta voz da palavra de Deus”.

As considerações finais estabelecem parâmetros para o término das discussões, reabrindo canais para a compreensão do papel da Igreja Católica na construção do discurso

anticomunista no início do Século XX. Procura responder as questões formuladas de início, abrindo espaço para possíveis questionamentos que merecerão novas análises.

*“Contra a Igreja, no decurso dos séculos, se levantaram a Sinagoga, o Império Romano, o Arianismo, os Bárbaros a Renascença a Reforma Protestante e a Revolução Francesa; todos esses inimigos foram vencidos, também o será o inimigo da undécima hora, o comunismo ateu. Aguardemos o soar da hora marcada pela Providência”*¹³

As fontes utilizadas foram os artigos da revista **A Ordem**, no período de 1921 a 1945 para uma análise geral e de 1930 a 1937, especificamente sobre o anticomunismo; as obras de Jackson de Figueiredo *Do Nacionalismo na Hora Presente*, *A Reação do Bom Senso* e *Literatura Reacionária*; as Encíclicas Católicas *Quanta Cura*; *Quod Apostolici Muneris*; *Rerum Novarum*; *Quadragesimo Anno* e *Divini Redemptoris*; as *Cartas Pastorais* reproduzidas pela revista; e as deliberações da *Ação Católica*.

Tais fontes aparecem ao longo de todos os capítulos, na medida em que as propostas de análise vão sendo delineadas, e, particularmente, no capítulo final através da uma maior ênfase aos artigos de fundamentação anticomunista veiculados por meio da revista entre 1930 e 1937.

Para fins estatísticos, a pesquisa realizada com **A Ordem**, resultou na leitura de mais de 40 volumes da revista, onde foram selecionados e analisados 282 artigos que estabeleciam uma relação direta com os temas abordados. Destes, 76 têm excertos neste trabalho.

Faz-se aqui uma ressalva: sendo a Igreja Católica uma instituição de propostas universais, as transformações em suas diretrizes dar-se-ão sempre de forma lenta e não sem entraves das várias linhas de pensamento que a compõem. Em nenhum momento, ao longo da história, a Igreja alcançou homogeneidade nas idéias ou práticas. Portanto, as referências presentes no texto sobre a “Igreja” ou o “Catolicismo” devem ser entendidas dentro de um contexto que privilegia o grupo eclesial dirigente naquele determinado momento histórico. Embora **A Ordem** não representasse a totalidade dos católicos nem fosse um órgão oficial da Igreja, nos anos de 1920 e 1930, ela expressava o ideário do clero dirigente no Brasil.

13 - CABRAL, Padre J. **A Igreja e o Marxismo**, São Paulo: Panorama, 1949, p. 30.

A priori, os artigos mantinham a grafia original dos anos de 1930; todavia, por sugestão pertinente da banca de qualificação foram reescritos, respeitando a ortografia atual. Entretanto, algumas expressões podem soar um tanto quanto estranhas à conformação da língua portuguesa em nossos dias.

Tendo em vista que algumas citações (especialmente referentes aos artigos) foram muito longas, apresentamos a justificativa de que qualquer tipo de corte ou paráfrase seria prejudicial não apenas para a compreensão direta do texto, mas também para o contato com o estilo literário de seus autores. Por uma questão de coerência na tentativa de compreender a ideologia (implícita ou explícita) presente nos artigos, optamos por não cercear em demasia a voz dos articulistas. Neste sentido assumimos inteiramente a responsabilidade pela extensão das citações, ainda que elas possam causar estranheza no leitor.

Capítulo 1

Revista *A Ordem*: suas razões e desdobramentos

“Depois disto olhei e vi uma porta aberta no céu e a primeira voz que ouvi era como de trombeta que falava comigo, dizendo: Sobe cá e mostrar-te-ei as coisas que é necessário fazer-se depois destas. E logo fui arrebatado em espírito e vi imediatamente um trono, que estava posto no céu, e sobre o trono estava um assentado. Há alguma coisa que não vem de mim. Alguma coisa que chega ao meu espírito de cima e de longe e nele provoca temor e reação. Alguém terá de retomar a profecia e gritar diante do sorriso dos homens deste século. Alguém terá de retomar a profecia e fazer as lamentações. Não será por livre vontade. Mas em virtude de uma imposição. (...) Nós sabemos de tudo. Ninguém nos enganará. Precisamos acordar os que estão dormindo enquanto é tempo de acordar o que há de bom no fundo dos corações. É preciso que todos estejam atentos porque o inimigo vai chegar. Vai chegar pela calada da noite. Distribuindo sorrisos e prometendo pão. Os sorrisos, porém, serão amargos e o pão amargará. O inimigo é falso e porque é falso procura usar o que é verdadeiro. O inimigo é medíocre e porque é medíocre procura usar do que é elevado, o inimigo é odioso e anda nas sombras. E porque anda na sombra se diz perseguido. Se diz maltratado e se queixa de que fala em nome de um ideal. Diz que fala em nome da lógica e que fará prodígios. Diz que fala em nome do Direito e da Justiça e que distribuirá a todos o que é de todos. E acabará com a fome e o frio. (...) Eu tenho compreendido tanto os manejos do Inimigo que tenho chorado. (...) Este é o templo, o nosso templo é a Igreja de Pedro. Ela é a grande trincheira, onde se esconderão os assinalados. Pouco importa que o inimigo avance sobre o mundo. (...) É preciso que a matéria seja vencida pelo espírito. Não nas coisas do mundo, mas em si mesma. (...) O inimigo de Deus se apossou do sofrimento dos Homens. E está falando em nome de longas misérias. O inimigo se apossou da fome de pão e de carne. Se apossou das mães que morrem nos bairros da miséria. Das crianças sem lar. Dos homens brutalizados pelos trabalhos longos e sem recompensa. É preciso que todos os que sofrem saibam que o Cristo é o pai do sofrimento. E que só Ele tem o remédio. É preciso que os operários olhem para o grande Operário, o filho de Operário. Ele é a chave dos novos tempos. (...) É preciso que Ele não seja mais traído. É preciso que tudo se diferencie, que os amigos estejam de um lado e os inimigos de outro lado. E que o mar os separe. Os inimigos reforçam suas hostes. Estamos no momento grave. (...) O Espírito está sendo combatido vantajosamente. Para cada alma que sofre há uma palavra de esperança na promessa do Inimigo. (...) Que estamos fazendo nós? As palavras soam falso neste momento. Temos que defender a poesia do mundo. Temos que defender as Igrejas do mundo. (...) Os inocentes estão dormindo. Os ignorantes estão dormindo. As mulheres felizes estão dormindo. (...) As bandeiras tremulam nas ruas. Vamos seguir agora com as ondas humanas que se balançam?

Nós somos filhos do País pobre, mas Cristo está nos olhando.

(...) Nós somos filhos do país pobre. Terra tão pobre e imensa.

Terra de indecisão e angústia. Brasil!

Terra triste e apagada. Onde a mocidade é o crepúsculo!”¹

Quando, em cinco de outubro de 1931, Augusto Frederico Schmidt proferiu este texto, em tom de súplica e oração, na Igreja de São Francisco de Paula, no Rio de Janeiro, evocava a proteção de Deus para mais uma, entre as muitas batalhas, que a fé católica travara, ao longo de sua história, contra aqueles a quem considerava inimigos. Inimigo que poderia ser de agora, mas, que nada mais era que um novo ataque, dos inimigos de sempre, assumindo outras formas, travestidos de elementos marcados pelos novos tempos.

Eram as faces de um mesmo mal, fruto do afastamento do homem com relação à vontade de Deus e da qual a Igreja Católica, seria a fiel depositária na Terra, contra a qual os inimigos conspiram, tendo como único objetivo a sua destruição.

Fora assim, desde a Reforma Protestante, a Revolução Francesa, o Liberalismo, quando judeus, maçons e rebeldes concorriam para a desagregação do equilíbrio do mundo, equilíbrio esse estabelecido pela Divina Providência, consubstanciado num tempo e espaço terrenos, nos modelos de hierarquia, corporativismo, obediência e fé, presentes na Idade Média. Ordem sacralizada, que a Reforma Protestante, o Racionalismo e o Liberalismo, vieram destruir, por meio de seus principais agentes, os judeus-maçons.

“A avaliação dos efeitos nocivos de uma idéia ou de um fato, aparentemente mínimos e carentes de importância na sua origem, requer muitas vezes períodos de séculos, para que possamos ter uma vista global dessa nocividade. Quem poderia calcular que o despeito e o orgulho de um frade alemão, que as meditações junto à lareira, de um filósofo francês, que a literatura sentimental de um valdevino suíço, entramando-se num tecido, por vezes disparatado, viessem a ser, através dos séculos, utilizados na formação de todas as heresias, de todas as ideologias, que achacam o pensamento moderno?! Entretanto, se enveredarmos por todas as embocaduras dos inumeráveis sistemas religiosos, filosóficos e sociais, que alagam a mentalidade dos nossos dias, iremos encontrar, fatalmente, nas cabeceiras, essas três fontes: Lutero, Descartes e Rousseau. Lutero, essa vontade férrea a serviço de um individualismo hipertrofiado, desprezando a razão, insurgindo-se contra a ordem e a disciplina, fazendo do seu eu centro do mundo nas verdades eternas, levando o pavilhão vermelho do livre exame, libertou o homem-animal que forceja sempre acorrentado dentro

1 – SCHMIDT, Augusto Frederico. *A Vinda do Inimigo*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, out/1931, pp. 222-227.

de nós. Descartes, erigindo a dúvida em fim e não simples meio de conhecimento, dismantelou a trama da inteligência humana, fazendo-a perder-se nos labirintos de suas próprias dúvidas e falsas certezas. Rousseau, crendo na bondade e na igualdade naturais do homem, tornando a consciência individual o juiz supremo dos próprios atos, minou as bases da sociedade e deu liberdade às paixões mais violentas e egoísticas do homem.(...) Não souberam atrair à liberdade a autoridade e proclamam a preponderância de uma sobre a outra, dando origem a esse erro funesto do Liberalismo, que viria com o correr do tempo, envenenar toda a vida social, intelectual da humanidade.(...) O Liberalismo que apontamos, como funesto e corrosivo, é aquele que Leon Daudet, o contundente e cáustico panfletário francês, chamou de “ramo fêmea da Reforma” de que a Revolução Francesa fora o macho.(...)É esse Liberalismo prejudicial, virulento, hipócrita, acomodaticio, incoerente, cuja ação danosa iremos observar na história de nossa pátria, indigitando as suas falsas doutrinas e as suas falsas atitudes”.²

A Igreja católica, desde sua fundação encontrara inimigos, fossem eles idéias, homens ou insurreições. Sobremaneira, a partir do século XV, as batalhas tornaram-se mais renhidas face às transformações provocadas pelo Renascimento, pela expansão marítima, pelo processo de urbanização, até alcançar expressões historicamente marcantes como a Reforma Religiosa, a Revolução Francesa e o fortalecimento do Liberalismo, especialmente após a Revolução Industrial, no século XVIII. Rebelião, livre-exame, Estados laicizados, individualismo, sinais incontestáveis do dismantelamento de um mundo cujas bases haviam sido pacientemente construídas ou legitimadas pelo catolicismo medieval.

Entretanto, a batalha que agora se iniciava, descrita em forma de oração pelo poeta Augusto Schmidt, tinha um caráter específico, semelhante a uma luta final entre as forças do Bem contra tudo quanto representasse o Mal, pois o inimigo da última hora, pregava abertamente algo jamais visto até então: a negação da existência de Deus, a proposta de fim das religiões que, na visão desse inimigo, nada mais seriam do que elementos de manipulação popular, geradores de ilusões que desviavam o homem da luta pela igualdade econômica, social ou política.

Esse inimigo era o comunismo, visto não mais como uma doutrina “exótica” pregada pelo “velho Marx”, nem o modelo “alienígena” adotado pelos cossacos além dos Urais, mas, sim, como um conjunto de idéias que cada vez mais ganhava força, não só na distante

2- MENDES, Oscar. *Liberalismo no Brasil sob o ponto de vista católico*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jan/1932, pp. 31-45.

Rússia, como também, na Espanha e México, países com séculos de tradição católica, e mesmo no Brasil, terra embalada desde seu nascimento pela catequese dos jesuítas e maior nação católica do mundo, já tinha a bandeira vermelha fincada em seu solo de maneira concreta, desde 1922, com a fundação do Partido Comunista – Seção Brasileira da Internacional. A ameaça do comunismo é tão singular e perceptível aos articulistas de **A Ordem**, nos anos de 1930, que Ruy Barbosa de Campos, como muitos de seus companheiros da revista, a retrata em um de seus artigos:

“Sempre houve capitalistas e trabalhadores, ricos e pobres, intelectuais e operários, mas, nem sempre a questão dos recursos e da felicidade dos obreiros esteve tão agitada nem assumiu proporções tão grandes, a ponto de gerar um Estado Proletário: o Estado Bolchevista, como nos tempos modernos”.³

É este o inimigo a que Schmidt se refere em seu poema, e que diz falar em nome do Direito e da Justiça. Inimigo que exaltava a força das camadas operárias e a elas entregara a tarefa de condução da revolução, inimigo que usava a exploração do trabalho e sua conseqüente miséria, como bandeiras de sua causa. Parecia imprescindível que a Igreja levantasse sua trincheira entre o comunismo e os operários, entre o comunismo e os miseráveis. E o comunismo, segundo **A Ordem**, nada mais era senão o Judaísmo e a Maçonaria em sua conspiração final.

“Quem do Judeu prescindir no estudo da Maçonaria, não pode dela formar um conceito exato, nem medir o alcance de sua ação. Sem a origem judaica e a direção judia, não se compreende da Maçonaria a duração, sem seu caráter cosmopolita de ação universal. Quem lhe dá a unidade do fim e sustenta em toda parte, sempre inimiga rancorosa da Igreja, é a sinagoga. No mundo tudo muda, mas o judeu não muda, é sempre o mesmo; e a Maçonaria também é sempre a mesma. O judeu não tem pátria, a Maçonaria é internacional; o judeu sonha o domínio do mundo, a Maçonaria pretende a República Universal. O judeu é povo deicida, a Maçonaria não esquece a blasfêmia de Voltaire. O nosso fim principal, diz ela na “Instrução Secreta e Permanente da Alta-Venda”, é o de Voltaire e da Revolução Francesa; o aniquilamento perpétuo do Catolicismo e até da idéia Cristã”.⁴

3- CAMPOS, Ruy Barbosa de. *Questões do Trabalho*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jun/1933, p. 289.

4- ALMEIDA, Bartolomeu. *A Maçonaria no Brasil*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, mar/1933, pp. 236-241.

A ênfase na “simbiose” entre os inimigos da Igreja é uma constante nos artigos, especialmente entre maçons, liberais, judeus e comunistas. Em agosto de 1933, Plínio Corrêa de Oliveira, advogado e jornalista, um dos principais articulistas de **A Ordem**, destaca esse vínculo, no artigo intitulado *O verdadeiro perigo Comunista*:

“(...) A tese sustentada a respeito da propaganda comunista pela imensa maioria dos escritores católicos e conservadores da Europa resume-se assim: os principais agentes do comunismo não são os proletários propriamente ditos, os trabalhadores manuais incultos e facilmente domináveis. O comunismo tem vencido até agora graças a conspiração de uma plutocracia judaica e do maçonismo, que vem solapando há muito tempo a civilização cristã.. Esta tese que vem sendo defendida na Europa há muito mais de um século por quase todos os elementos ainda não contaminados pelo ceticismo ou pelo Liberalismo, é quase desconhecida no Brasil, mercê do bloqueio que a grande maioria de nossas livrarias faz a todas as obras conservadoras e católicas vindas da Europa. É tempo, no entanto, de abrir os olhos à opinião pública, para que ela veja onde estão seus verdadeiros inimigos, onde reside seu maior perigo”.⁵

Além da associação entre judaísmo e comunismo, torna-se claro no artigo a descaracterização da classe operária como agente mobilizador de um processo de transformação, concebendo as camadas proletárias, como meros instrumentos da manipulação por forças estranhas a ela, uma vez que são “incultos e facilmente domináveis”. Neste caso, os manipuladores seriam judeus ocultos sob a bandeira do comunismo.

Mais uma vez é reforçada a idéia por parte dos articulistas, de que as classes economicamente desfavorecidas são manipuladas ou necessitam ser tuteladas por lideranças oriundas das elites econômicas ou intelectuais. Em sentido oposto, estava Marx, atribuindo à classe trabalhadora um papel decisivo na construção de uma nova sociedade e concebendo o proletariado como a “arma material da filosofia”.

Outro elemento importante na análise deste momento específico de combate ao comunismo por parte da Igreja é o fato de que lideranças católicas não faziam ou não tinham interesse em fazer a distinção entre medidas laicizantes, adotadas por vários países, entre eles, pelo governo mexicano, de uma efetiva adesão às propostas marxistas:

“Muita gente tem a impressão de que a perseguição religiosa cessou no México. Isto porque não

5 – OLIVEIRA, Plínio Corrêa. *O Verdadeiro Perigo Comunista*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, agos/ 1933, pp. 555-556.

aparecem mais notícias de massacres de católicos e porque o governo daquela República firmou um acordo com a Santa Sé, há cerca de dois anos. Pura ilusão! Os católicos foram vítimas do mais refalsado embuste, da parte dos caudilhos que se apossaram do Governo do país.(...) Como, porém a perfídia era o que inspirava os dirigentes mexicanos, mal se viram senhores da situação, não recomeçaram a política de perseguição já pelas armas, porque o povo estava desarmado para resistir, porém procurando impedir toda a influência espiritual na formação da juventude, corrompendo a infância com os métodos pedagógicos do bolchevismo russo, atentando contra a hierarquia da Igreja e reduzindo todos os seus meios de atuação na sociedade”.⁶

*“Vê-se assim que além da impopularidade que cerca os gestores da causa pública na Espanha, começam a se fazer sentir os efeitos concretos do esforço desenvolvido no sentido de congregar em uma ação comum, todas as correntes direitistas da nação. Sem mostrar maior atenção pelos fatos, confiado certamente na força material que dispõe ou presume dispor, o governo insiste no seu programa de perseguições religiosas. A violenta expulsão dos jesuítas e a escandalosa confiscação dos seus bens não saciaram seu ódio nem mesmo contra a Companhia de Jesus.(...)Também se mostra inflexível no seu programa de hostilidades à Igreja, o Governo impedindo toda manifestação católica de natureza externa. Assim é que estão proibidas as procissões.(...) Em Madri a autoridade mandou retirar de uma a seguinte inscrição: Viva Cristo-Rei!”*⁷

No Brasil, o contexto econômico e social, pautado pelas condições de miséria em que vivia grande parte da população, expropriada por séculos do direito à cidadania e à participação política, poderia abrir espaço para novas propostas de mudança. O Comunismo era, entre outras, uma possibilidade que, na visão católica, a cada dia, tornava-se mais forte, de modo que o poema *A vinda do inimigo* antevê essa possibilidade ao citar as promessas de pão, igualdade social e sede de justiça. O poeta Schmidt, percebe até os espaços onde o “inimigo” poderá se fortalecer: “no sofrimento dos homens, nos bairros da miséria, na fome de pão e de carne, nos homens brutalizados pelos trabalhos longos e sem recompensa”, pois essa era a realidade da maioria dos brasileiros.

Parte das condições materiais necessárias ao florescimento das propostas transformadoras do quadro econômico e social, estava posta; reverter esse quadro, através de um contra-discurso com fortes apelos religiosos, foi uma das tarefas que o catolicismo brasileiro assumiu no início dos anos 30, antes mesmo do desenvolvimento de uma política anticomunista sistemática por parte do governo.

Ainda citando-se o poema de Augusto Schmidt, é possível se observar que essa tarefa constituía-se numa missão: “acordar os que estão dormindo”, ou seja, recatolizar o país, pois a Igreja de Pedro era a última trincheira onde ainda imperavam a ordem e o temor a Deus.

Sobre a questão do papel e da atuação dos intelectuais brasileiros, nos anos de 1930, Sérgio Micelli e Daniel Pécaut, embora discordantes em muitos pontos, oferecem, por meio de suas análises, uma visão complementar sobre o tema.

Micelli⁸ defende que os intelectuais, em grande parte, professariam ideologias que

7 - Anônimo. *Notícias da Espanha*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, agos/1932, pp. 65-66 (Seção Registro).

8 - MICELLI, Sérgio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Difel, 2001.

eram essencialmente produto de uma estratégia de inserção ou manutenção de posições privilegiadas entre as classes dirigentes, o que significa estabelecer uma relação entre a posição de origem e as estratégias pelas quais os intelectuais almejavam o poder, havendo, assim um significativo teor de determinação social sobre suas práticas políticas, legando especial ênfase ao elemento econômico nessa motivação.

Pécaut⁹, embora não desconsidere de todo os pressupostos teóricos de Micelli, defende que as elites fossem elas nacionalistas, reformistas, católicas ou revolucionárias sentiam-se como portadoras de uma missão política frente à sociedade de seu tempo, ou seja, a conversão em ações políticas coletivas de um arcabouço ideológico já existente, fruto de uma tradição política autoritária ou paternalista.

Sem o propósito de enveredar por uma contenda entre os pressupostos teórico-metodológicos dos autores citados, procuramos ressaltar, que tais visões não são excludentes mas, complementares de um *locus* específico de determinadas condições históricas. Ao menos no que diz respeito à elite católica, analisada neste trabalho, o sentimento de missão, defendido por Pécaut, encontra seu lugar, pois julgavam ser portadores da missão de sanear o país avassalado por crises de teor moral e religioso.

No caminho do movimento de recatolização, os anos de 1930 tornarão visível a mais explícita posição do catolicismo contra as doutrinas socialistas, e, no Brasil, um dos mais contundentes veículos desse combate, foi a revista **A Ordem**.

*“Contra o espírito das trevas e a barbárie que cresce, a Igreja está onde sempre esteve: atenta e vigilante!”*¹⁰

Essa Igreja “atenta e vigilante”, por meio de seus arautos, na revista **A Ordem** identifica o perigo comunista não somente como fruto de uma realidade brasileira, mas como parte de uma trama para ascensão mundial do comunismo, tendo como um de seus agentes de atuação os órgãos de comunicação internacionais, o que justificava a necessidade da criação e do fortalecimento de publicações católicas. Denunciar a atuação de agentes internacionais na escalada comunista tornou-se uma das tônicas dos artigos:

9 - PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990.

10- ELIA, Sylvio. *Síntese de ação católica*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, mar/1936, p. 248.

*“Dirigido pelo senhor H.de Almeida Filho, existe em Nova York um Serviço de Informação do Brasil ou ‘Brazil Information Service’, com sede a rua 57,W, nº 410 e que se destina, segundo estampa nos seus documentos oficiais, à difusão da língua, da Geografia, da Literatura, da Cultura, do Comércio, das Finanças e da Indústria do nosso país. Essa organização, que não esclarece se é de iniciativa particular ou está sob o patrocínio do nosso governo, acaba de lançar um manifesto sobre, a “República Socialista do Brasil”, mostrando que será essa forma de governo “a mais linda expressão econômico-social de todos os tempos, a que o povo deseja, mas que não o sabe dizer, e a que dará ao país a ordem, a liberdade, o trabalho e o progresso”. O senhor H. de Almeida Filho, que é autor do manifesto, se diz um observador anônimo, que, nos Estados Unidos, desde alguns anos aprecia o drama econômico-social que o mundo vive. O autor demonstra possuir conhecimentos de nossa história política e as suas expressões têm algo semelhante com as hoje corrente no Brasil, o que vem a provar estar ele em contato permanente com a nossa terra”.*¹¹

Neste momento, a estratégia utilizada pela Igreja, para alcançar as massas foi a cooptação de uma elite intelectual que revitalizasse o catolicismo, imprimindo-lhe novas feições, e que se contrapusesse à sua quase imobilidade nos anos de 1910 e 1920, quando o cenário cultural brasileiro foi dominado por positivistas, evolucionistas ou grupos indiferentes à religião. A questão central, ao menos, neste período entre os dirigentes do catolicismo brasileiro, era recatolizar a elite que, por sua vez, dirigiria as massas:

*“É inútil tentarmos influir nos destinos da Nação e do Estado sem possuírmos uma elite realmente adestrada que esteja em condições de pôr em movimento as grandes massas eleitorais em torno de nossas idéias construtoras, e que possam resistir à pressão das ideologias que a cada momento nos assaltam”.*¹²

Nesse contexto específico da história brasileira, o anticomunismo de vertente religiosa foi, uma das vozes de maior ressonância entre a população brasileira e teve na revista **A Ordem**, um de seus mais eficazes veículos de divulgação, na medida em que esta se dirigia a uma elite intelectual que, por sua vez, seria formadora de opiniões, não só em ambientes sacralizados, como no laicato de forma geral.

A partir dos anos de 1930, o combate ao “comunismo ateu” passa a ser uma das linhas mestras desse processo de revitalização do catolicismo, e, é nesse contexto que se insere a

11- Anônimo. *A República Socialista do Brasil*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, out/1932, p.297 (Seção Registro).

12 – Editorial: *Dever político dos católicos*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, abr/1932, p. 164.

proposta de análise dos artigos anticomunistas produzidos pela revista **A Ordem**, como um dos elementos para a compreensão da trajetória e das estratégias de combate ao comunismo no Brasil.

O anticomunismo brasileiro tem sido tema de inúmeros estudos nas últimas décadas. Dentre eles, o de Rodrigo Patto Sá Motta¹³ oferece-nos uma abordagem de dois momentos da história nacional, em que o discurso anticomunista teve maior recrudescimento: 1935/1938 e 1961/1964, períodos esses que podem ser contextualizados historicamente pela Intentona Comunista e pela ascensão de João Goulart à presidência da República e ao golpe militar, em 1964.

A temporalidade escolhida para esta análise é o período que compreende a terceira década do século XX, quando os discursos de vertente católica, foram elementos de grande força na composição do anticomunismo brasileiro, e cuja presença mostrar-se-ia anterior ao episódio da Intentona Comunista, época em que o governo brasileiro adota sistematicamente um discurso de combate aos ideais comunistas. O levante comunista de 1935 torna-se um marco histórico na medida em que institui cerimônias em homenagem aos soldados mortos por aqueles que foram considerados “traidores da ordem e da Pátria”.

Em 27 de novembro do ano seguinte, missas são rezadas e visitas (entre os visitantes mais ilustres estavam Getúlio Vargas e membros do alto escalão do governo) foram feitas aos túmulos dos soldados legalistas mortos no levante. Em 1937, os rituais tornam-se mais formais. A partir de 1938, as Forças Armadas instituem neste dia solenidades oficiais que (mesmo com menor intensidade de rituais) perduram até hoje.

Enxergando o Comunismo como inimigo mais imediato, ameaçando a ordem social e a segurança do Brasil, Vargas teria, após o levante de 1935, um pretexto para colocar em prática as idéias de fortalecimento do poder central (intuito supostamente almejado, desde 1930, quando assumira o poder, e concretizado com Estado Novo).

A Intentona Comunista abriu caminho para uma onda de repressão que ultrapassou as fronteiras comunistas, atingindo os opositores do governo, sob qualquer matriz, num movimento de “saneamento” das diferenças político-ideológicas.

13 – MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em Guarda Contra o “Perigo Vermelho”- O anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo, 2000 (Tese de Doutorado, FFLCH-USP).

*“(...) Esses sim eram contundentes pregadores, os professores, os doutrinadores do comunismo, disfarçados em marxistas, em ideólogos da nova era social, mistificadores de toda casta, perniciosos e astutos. Não obstante esse motivo mais que plausível para a sua prisão, era necessário não somente punir os que haviam sido presos, com o intuito de ‘abater o regime’ mas, sobretudo, proceder a uma obra preventiva, de saneamento e desintoxicação do ambiente, de modo a promover a limpeza da atmosfera moral e evitar que a juventude se contaminasse e se desviasse do bom caminho”.*¹⁴

A revista A Ordem e o Centro Dom Vital

Antecipando-se a qualquer outra instituição, inclusive o Estado, a Igreja Católica formulou um discurso anticomunista coeso, que teve no centro Dom Vital e em publicações como **A Ordem**, grandes aliados.

Fundado em 1922, no Rio de Janeiro, por Jackson de Figueiredo, com as bênçãos do cardeal Dom Leme, o Centro Dom Vital tinha como propósito promover estudos e discussões sobre a doutrina católica, congregando intelectuais numa ação apostólica que promovesse a disseminação de uma cultura católica superior.

De 1922 a 1928, a história do centro confunde-se com as idéias e o posicionamento de seu fundador e presidente. Jackson de Figueiredo não se limitava a uma atuação apenas com bases intelectuais e religiosas, mas, imprimia-lhe um caráter político (embora não partidário) muito concreto na defesa da autoridade, da ordem e do nacionalismo.

Para Jackson, a onda revolucionária que se abatia sobre o mundo e que também atingia o Brasil, era um problema de caráter moral, proveniente do afrouxamento da autoridade e da tradição, promovido pela expansão do Liberalismo. Dessa perspectiva, fatores econômicos, sociais ou políticos não encontram relevância, sendo a única saída para a solução de todas as crises uma reação espiritual que principiava com a regeneração moral das elites e cujo principal intento era a sacralização da ordem, da autoridade, e, conseqüentemente, da nação.

14 - VARGAS, Getúlio. *O levante comunista de 27 de novembro de 1935*. In: **A Nova Política do Brasil**. Tomo IV, Rio de Janeiro: José Olympio, 1938, pp. 139-145.

Nesse período, o Centro Dom Vital teve uma atuação bastante restrita e distante do grande público. Seus pouco mais de 50 sócios formavam um círculo fechado em torno do posicionamento político de seu fundador.

Com a morte de Jackson, em 1928, Alceu Amoroso Lima assume a presidência do centro, e Padre Leonel Franca é escolhido por Dom Leme para ocupar o cargo de assistente eclesiástico. Com a liderança de Alceu e Padre Leonel, sob o olhar zeloso e atento de Dom Leme, um novo caráter é impresso à instituição; seus estatutos são revistos, promovendo um afastamento da política militante, característica do período de Jackson, passando-se a uma atuação eminentemente cultural, inspirada por duas personalidades intelectuais.

Na década de 1930, filiais do Centro Dom Vital são criadas em outros estados, mas a célula do Rio de Janeiro permanece como o principal núcleo irradiador da doutrina católica e a que apresenta maior crescimento, contando com mais de 500 sócios nesse período. Reuniões, antes informais, dão lugar a cursos e conferências, atraindo um público cada vez mais numeroso, composto por intelectuais, profissionais liberais, professores, políticos, empresários, mesmo que não formalmente ligados à instituição. Personalidades de destaque da época, como Osvaldo Aranha, Pedro Calmon, Afrânio Peixoto, Tasso da Silveira, Murillo Mendes e Jacques Maritain são convidados a ministrar palestras e participar de conferências.

Outro fenômeno de grande relevância, nesta década, foi a atuação do Centro Dom Vital na organização de associações de caráter leigo, sob o comando da hierarquia eclesiástica por meio de um organismo central a *Coligação Católica Brasileira*, fundada em 1929 e que, em 1935, será substituída pela *Ação Católica Brasileira*.

Através da ramificação entre a Ação Católica e outras organizações leigas, como a *Associação dos Universitários Católicos*, do *Instituto de Estudos Superiores do Catolicismo*, da *Confederação Nacional de Operários Católicos*, da *Confederação da Imprensa Católica* e da *Associação das Livrarias Católicas*, foi possível a construção de uma rede de acesso a diferentes setores da vida nacional, consubstanciando as propostas de exercício do apostolado, divulgação da doutrina católica, prevenção e combate ao avanço de idéias comunistas. Como coadjuvantes nessa tríplice missão, tivemos ainda a formação de movimentos que não estavam formalmente ligados a Coligação Católica, como as *Congregações Marianas*; os *Círculos Operários*; a *Associação dos Professores Católicos*; e a *Liga Eleitoral Católica*, que

tiveram importante participação na luta pela aprovação das “leis católicas” na Constituição de 1934.

Tanto a revista **A Ordem** como o Centro Dom Vital tiveram seu período de maior prestígio nacional entre 1935 e 1945. Entretanto, ambos existem até hoje, filiados à Arquidiocese do Rio de Janeiro. Adaptados aos novos tempos e ao atual contexto eclesial brasileiro, guardam como objetivos a divulgação da fé católica e a missão apostólica.

“(...) O Centro Dom Vital, que tem sido, nestes últimos dez anos, o centro irradiador e centralizador de todos os empreendimentos dignos de ação social católica, não deverá descansar nem se poderá julgar quite para com a Igreja nacional enquanto não fundar e não mantiver um diário católico no Rio de Janeiro. Os católicos esclarecidos vêm cometendo um terrível pecado de omissão, cuidando apenas de nós próprios ou de pequenas minorias de escolhidos, deixando ao desamparo toda uma enorme multidão que cada vez mais se esquece de Deus e se entrega à adoração do bezerro de ouro, tão só porque não possui quem a oriente ou quem a guie”.¹⁵

Dentre as razões do grande prestígio tanto da revista **A Ordem** como do Centro Dom Vital, no período de 1935 a 1938, observa-se a consonância de objetivos com o modelo político de tendência autoritária e o combate ao comunismo, característicos do governo Vargas.

Entre as problemáticas a serem analisadas, pode-se situar o pressuposto de que, entre 1917, ano da Revolução Socialista na Rússia e 1935, ano da eclosão da Intentona Comunista não houve, no Brasil, a efetivação sistemática de um discurso anticomunista de caráter estatal, e a Imprensa, especificamente do Rio de Janeiro e São Paulo, veiculou um discurso de combate ao comunismo de cunho basicamente liberal,

país de secular tradição católica, onde a educação era atributo quase que total de instituições religiosas e onde a formação moral passava inevitavelmente pelas mãos de um padre.

Embora a revista **A Ordem** tenha sido fundada em 1921, quando o Brasil e o mundo estavam sob o impacto da Revolução e das transformações efetivadas por Lênin, na Rússia, veicular um discurso anticomunista não era seu objetivo. Essa postura efetivar-se-á somente após 1930, motivada pela mudança de governo e pelos acontecimentos da Espanha e México, onde os governos defendiam medidas de cunho laicizante, especialmente na área educacional. No momento de sua fundação, a elite católica tinha outras prioridades, mesmo porque, o comunismo era visto pelo catolicismo brasileiro, até então, como uma idéia estranha, vinda de terras distantes.

Nesse momento específico, a luta era contra o fortalecimento do Estado laico, o avanço do protestantismo, a atitude de inércia dos católicos e a luta para a recondução da Igreja ao centro das decisões políticas nacionais; pressupostos abalizados pelos temas abordados nos artigos anteriores a 1930, cujos dados serão analisados no terceiro capítulo deste trabalho.

A revista **A Ordem** foi fundada por Jackson de Figueiredo, com o objetivo de ser a porta voz não oficial das Reformas Ultramontanas¹⁶ no Brasil e do discurso de “recatolização” da sociedade. Neste sentido, segundo o próprio Jackson, tinha o caráter de uma Cruzada do século XX, de combate a antigos e novos erros que desviam o homem do verdadeiro caminho de Deus. Nesta Cruzada, o fundador da revista proclamava-se como um humilde e fiel soldado de Cristo:

16 – Operação de cunho espiritual e hierarquicamente verticalizada, o Ultramontanismo representou na sua essência, a reação da Igreja Católica, que não mais encontrava, em meados do século XIX, uma ação eficaz frente aos acontecimentos sociais e políticos que questionavam sua hegemonia desde a Revolução Francesa no século XVIII (embora possamos identificar as origens do Ultramontanismo já no Concílio de Trento, é após a Revolução Francesa, trazendo em seu bojo a laicização da sociedade, que a “rearticulação” da Igreja acentua-se). A reforma Ultramontana significou a submissão de todos os católicos (fossem clérigos ou leigos) ao modelo ditado por Roma, sem levar em conta as idiosincrasias políticas e culturais características de cada país. Era a tentativa de romanização da Igreja, sob um só pastor (Papa), liderando um só rebanho, segundo um modelo de padronização do clero e dos ritos católicos.

“Ela será também de combate aos erros do momento, erros que nem só os inimigos da Igreja cometem”.¹⁷

Temos, por meio desta frase, a evocação dos inimigos externos da Igreja, mas, também a menção aos inimigos internos, sejam clérigos ou fiéis que professam um catolicismo superficial, epidérmico, que se imiscuem com idéias e práticas contrárias a ela.

Além do caráter de Cruzada, temos como fio condutor da proposta de **A Ordem** a restauração (e este termo pode ser entendido como similar ao do ideário conservador do movimento de Restauração ocorrido na Europa do século XIX, numa clara defesa do *Ancien Régime*) da Igreja Católica no seu devido lugar no país:

“E foi desta forma que chegamos até o pandemônio atual em que no seio de uma nação de trinta milhões de indivíduos, não há um só partido, uma só organização política em derredor de uma idéia religiosa, em derredor mesmo de qualquer ideal menos elevado, mas que constituísse uma finalidade nos nossos esforços”.¹⁸

Na concepção de grande parte da elite dirigente do catolicismo brasileiro, era inaceitável que, num país de maioria católica, nascido e criado sob a tradição jesuítica, a Igreja católica estivesse alijada do centro das decisões políticas, ocupando um papel obscuro em meio a uma intelectualidade cada vez mais pautada pelo cientificismo e pelo anticlericalismo.

De acordo com essa linha de pensamento, o lugar da Igreja deveria ser aquele mesmo que ocupara na Idade Média, acima dos governos, como um grande pólo de conciliação, como suprema instância de decisão. Essa não era, apenas, uma questão de poder, mas de sentido, na medida em que Jackson de Figueiredo cria, só dessa forma ser possível chegar à verdade e ao sentido da existência. Segundo essa concepção, o poder de Deus seria maior que o poder dos homens; a negação dessa realidade era vista como o caminho mais curto para o caos social.

“Eis, pois, como retomando o conceito de personalidade humana, vemos justificados os direitos de

17 - FIGUEIREDO, Jackson. *Nosso Programa*. In: **A Ordem** Rio de Janeiro, vol.91, agos/2000, p.132 (Reedição do primeiro volume).

18 - Idem, pp.132-3

Deus e os motivos da ação da sua Igreja. O homem fica colocado, desse modo, em face de sua finalidade espiritual, por onde, em face de Deus no meio da sociedade em que deve viver por força de sua natureza social. Daqui decorre uma Moral Católica a influir na sociedade, especialmente na Política, por ordem de defesa dos direitos de Deus. Sendo o fim último do homem a felicidade, quer dizer, Deus, ou a posse do bem sumo e perfeito, e sendo o Estado um meio para os indivíduos associados atingirem o 'bem comum' que em última análise redunde nesse bem sumo e perfeito. A Igreja, portanto, deve agir sobre o Estado para que os meios que este empregar no sentido de favorecer esse 'bem comum' não firam o alcance desse bem supremo, para cuja posse é a Igreja a via sobrenaturalmente estabelecida na terra.(...)”¹⁹

Através da exposição de seu programa, **A Ordem** posiciona-se como defensora dos ideais nacionalistas.²⁰ Além de todas as implicações políticas decorrentes deste termo, ele se ajusta ao combate do caráter cosmopolita, característico tanto do Liberalismo, como do Judaísmo e da Internacionalização proposta pelo Comunismo. Num momento histórico, em que a busca, construção ou re-elaboração da identidade brasileira tornar-se-á questão preeminente, a Igreja entende ser primordial, estabelecer o catolicismo como o mais forte elemento da nossa nacionalidade, idioma, cultura, tradições e etnias estariam submetidas a essa pretensa vocação religiosa.

*“O símbolo da missão evangelizadora foi a cruz fértil que florestou (sic) a imensidade brasileira. À sombra da filosofia da Cruz é que deverá surgir e frutificar, desenvolver-se o fato social brasileiro, se é que os governantes querem implantar, nesta parte do continente americano, a verdadeira civilização, aquela que assenta as suas bases, não só sobre os postulados da justiça, que derivam imediatamente da lei humana, mas também sobre os imperativos da caridade cristã, que decorrem necessária e inelutavelmente, do amor de Deus”.*²¹

A proposta de aplicação do que poderíamos chamar de “Nacionalismo Católico”, é abordada com veemência nas edições de 1930 a 1931, quando a Igreja defende, entre outras, a

19 - PAGANO, Sebastião. *A Ação Católica*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, mar/1933, p. 199.

20 - Segundo Lúcia Lippi Oliveira em *A questão Nacional na Primeira República*, três movimentos unindo nacionalismo e catolicismo surgiram nos anos 20. Além da revista **A Ordem**, temos Álvaro Bomilcar que defende “a religião e a moral como alicerces da pátria”; a revista *Gil Blas*, dirigida por Alcibiades Delamare, e *Ação Social Nacionalista*, fundada por Afonso Celso. Todas defendem o Catolicismo Integral, ou seja, a tese de que sem o catolicismo não há pátria e nem pode haver nacionalismo.

21 –SOBRAL PINTO, Heráclito. *Crônica Política*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, dez/1931, p.12.

lei que obriga o ensino religioso nas escolas numa atitude de clara oposição ao modelo da Escola Nova defendido por Anísio Teixeira. Nas edições de 1932, podemos observar uma cobrança sistemática da revista em relação à aprovação das chamadas “leis católicas” por parte do governo:

*“Entristece, por vermos que a mentalidade individualista da República Velha continua na chamada República Nova e que os erros mais evidentes da legislação anterior, que levaram o país às revoluções dos últimos anos e ao estado atual de insegurança e de anarquia, vão provavelmente repetir-se na nova legislação que se prepara, com o desprezo soberano pela experiência, que caracteriza os partidos sem estabilidade e os políticos sem princípios. Entristece, por vermos que o Estado Burguês continua impavidamente a cavar a sua própria ruína, dando ouvidos às vozes de todos os destruidores da unidade espiritual e também política da nação, e fechando-os às razões mais serenas dos católicos e dos nacionalistas conscientes, que mostram o crime que se vai perpetrar contra a nacionalidade, prosseguindo no laicismo dissolvente de nossa nacionalidade uma legislação anticristã e antinacional”.*²²

Desta forma, as elites desempenhariam um papel fundamental por meio da ação moralizadora, promovendo a perfeita união entre nação e fé, garantindo a permanência do poder espiritual, se não acima, ao menos ao lado do poder temporal. Sem Deus não há pátria, nem nacionalismo: eis a essência do Catolicismo Integral.

*“Esta revista terá, ou melhor tem, pois que já vive, caráter acentuadamente nacionalista, dentro de seu programa de Catolicismo Integral. Cremos no brasileiro, na sua capacidade moral e intelectual, e, conformando-nos rigorosamente com as regras hierarquizadoras, com as distinções reconhecidas pela Igreja Católica no seio da humanidade, faremos tudo que um católico pode e deve fazer contra o bastardo espírito de cosmopolitismo, que é, talvez, o fator do nosso ceticismo social, até o presente”.*²³

O cosmopolitismo, bem como a internacionalização eram, na visão de Jackson, dissolventes da tradição, além de implicarem na equivalência de outros credos (em sua opinião errôneos) ao catolicismo e na aceitação de outras culturas que não comungavam com

22- Anônimo. *Separatismo Espiritual*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jan/1932, p. 82 (Seção Registro).

23 – FIGUEIREDO, Jackson. *Nosso Programa*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, vol 91, agos/2000, p.132.

o modo de ser católico. O nacionalismo seria, neste sentido, o guardião da tradição católica dos brasileiros.

Nesse contexto da história mundial as propostas de cunho nacionalista, ganham peso. No Brasil não é diferente. O termo prestar-se-á a uma gama de interpretações que variam desde as propostas governamentais de “construção da nacionalidade” ao nacionalismo dos tenentes, que difere do nacionalismo de Gustavo Barroso e da Ação Integralista Brasileira, que por sua vez, difere do nacionalismo proposto pela Semana de Arte Moderna, em 1922.

De acordo com as propostas de cada grupo, o nacionalismo assume feições diferenciadas. Não cabe aqui explicitá-las, senão a proposta do “nacionalismo católico” que, remete-nos ao modo de vida rural, hierarquia social e monarquia (característicos da Idade Média) e de reafirmação o papel da elite católica como guardiã das mais elevadas tradições cristãs, guardiã, enfim, da “alma da Pátria”.

*“Num regime Integralista Cristão, como a velha Monarquia Medieval, tendente, hoje, a ser instaurada, reconhecidos os direitos e dada à Igreja a liberdade plena que lhe assiste, a ação católica fica cingida às relações naturais entre o Estado e a Igreja, reconhecidas e ajustadas essas relações”.*²⁴

Elaborada e dirigida a intelectuais católicos, sob a orientação de Jackson de Figueiredo (e após sua morte, por Alceu Amoroso Lima) a revista coloca-se não como órgão oficial da Arquidiocese do Rio de Janeiro, mas como um instrumento de defesa dos ideais católicos e de duro combate àqueles identificados como seus inimigos:

*“Tudo quanto for aqui publicado é da exclusiva responsabilidade de seus redatores, a quem, unicamente deverá ser imputado pelos inimigos da Igreja, tudo quanto lhes parecer dureza ou ofensa em nossa maneira de doutrinar ou combater seus erros”.*²⁵

Essa postura tem sua razão de ser, pois o confronto direto com governos estabelecidos raramente fez parte da estratégia de ação política da Igreja, haja vista a postura que adotou no período colonial em relação à Companhia de Jesus, sob as ordens do Marquês de Pombal. Era preferível perder um de seus braços, mesmo que esse braço fosse seu mais forte

24 – PAGANO, Sebastião. *A Ação Católica*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, mar/1933, p. 209

25 – FIGUEIREDO, Jackson. *Nosso Programa*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, vol. 91, agos/2000, p.131

instrumento de doutrinação religiosa no Brasil, a arriscar-se a ter destruído todo o corpo da Igreja na Europa. Aliar-se ao poder temporal foi, ao longo de sua história, prática que rendeu maiores benefícios. Essa estratégia foi bastante utilizada, especialmente após 1930, quando se percebe, ao menos nos primeiros anos, uma aproximação entre a Igreja e Vargas.

*“Nem todos os católicos tomaram parte na Revolução de Outubro. Houve mesmo alguns que a combateram. Isto, contudo, não invalida a afirmação de que sem o apoio e a adesão dos católicos a Revolução não teria vencido. Este apoio e esta adesão foram bem apreciados na hora do perigo. Os escrúpulos laicistas, então, não se manifestaram. Os exércitos revolucionários marchavam acompanhados de capelães. Discursos de confraternização com a Igreja, por esse tempo, foram pronunciados por figuras de responsabilidade, da Revolução. Foram mesmo assumidos compromissos perante a consciência católica. Vitorioso o movimento, implantada a nova ordem de cousas, ficaram os católicos esperando a realização desses compromissos. Coube ao Sr. Francisco de Campos fazer a primeira demonstração de reconhecimento da dívida da Revolução para com os católicos, estabelecendo o ensino religioso facultativo nas escolas”.*²⁶

Um governo que necessitava de legitimidade, principalmente, pela forma como chegara ao poder, não poderia dispensar as bênçãos de uma instituição com o alcance da Igreja Católica esta, por sua vez, buscava seu espaço na nova realidade política do país. A inauguração da estátua do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, em 1931, parece-nos um bom exemplo desse movimento de aproximação.

A campanha pela construção da estátua, iniciada em 1921, tinha como objetivo a retomada do processo de evangelização do Brasil e a elevação de um marco concreto da intenção da Igreja Católica em deixar a postura de marginalização e auto-defesa, assumidas até então, para adotar uma estratégia de avanço em direção a uma maior participação no contexto do Estado Vargasista. O cardeal Dom Leme, cômico desse novo momento do catolicismo, é incisivo em seu discurso na inauguração do Cristo a 12 de dezembro de 1931, que contava com a presença de Getúlio Vargas:

*“O nome de Deus está cristalizado na alma do povo brasileiro; ou o Estado reconhece o Deus do povo, ou o povo não reconhecerá o Estado”.*²⁷

26 - Anônimo. *Os católicos e a Revolução*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, mar/1931, p.153 (Seção Registro).

27 - RAJA GABAGLIA, Laurita Pessoa. **O Cardeal Leme (1882 – 1942)**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1962, p. 93.

Entretanto, essa relação, não esteve livre de tensões, pois a partir de 32, as críticas ao governo se fazem sentir, especialmente nas *Crônicas Políticas*, assinadas por Heráclito Sobral Pinto.

*“Ora, o regime que vigora, atualmente, no Brasil é, como toda a nação sabe, o do arbítrio mais soberano e ilimitado. Basta que o chefe do Governo Provisório delibere prender um cidadão, seqüestrar-lhe os bens do patrimônio, demiti-lo da função pública que exerce, ou impedi-lo de fazer propaganda dos ideais sadios que o inspiram, para que tudo isto venha a acontecer, mediante a só condição de baixar esse Chefe de Governo um decreto, do qual a execução imediata não poderá ser anulada através da interposição de recursos para quaisquer outras autoridades. Um regime que permite e autoriza esses despotismos não encontra, e não pode encontrar, classificação normal e adequada dentro dos quadros da moral cristã, porque é inequivocamente atentatório dos direitos sagrados da consciência cívica. (...) Eterno daltonismo dos homens, que, quando no poder, só vêem deste as atribuições do mando e da soberania. Como o militar é, nas sociedades civis organizadas, o elemento que mais facilmente movimenta a força material, os chefes de governo, que aspiram unicamente se conservar na posse do posto supremo, lançam mão do soldado para os cargos de maior relevo na administração pública, pensando que, desse modo, formam e instituem um governo forte. (...) Era fatal, dada a política desorientada do Sr. Getúlio Vargas, que a juventude militar acabasse por se compenetrar de que o único valor político existente no país, que pode fazer e desfazer governos, é o que esta sendo atualmente representado pelos elementos que saíram do seu seio. Estamos, por causa da imprevidência do Sr. Getúlio Vargas, na iminência de cair nas garras anárquicas e intoleráveis do regime pretoriano, porque o poder civil, entre nós, não tem sabido se impor, como lhe cumpria, ao respeito e à consideração das forças armadas”.*²⁸

A crítica de Sobral Pinto incide sobre o fato de Vargas ter nomeado militares, muitos deles participantes dos movimentos tenentistas, para postos-chave do governo ou como interventores nos estados. O artigo sugere que o chefe do Governo Provisório estaria valendo-se da cumplicidade das Forças Armadas, para legitimar e manter seu poder.

Em depoimento concedido a Maria Celina D’Araújo e Gláucio Ary Dillon Soares, em setembro de 1992, o general da reserva, Octávio Costa, comenta esse período da história brasileira:

“(...) É por isso que considero que antes de haver um tenentismo político houve um tenentismo militar. O tenentismo militar dividiu o Exército ao meio, entre tenentes instruídos e esclarecidos e oficiais

28 - SOBRAL PINTO, Heráclito. *Crônica Política*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, abr/1932, pp. 361-371.

*superiores menos atualizados, tarimbeiros. Então houve um racha dentro da instituição. Obviamente os mais antigos, pouco instruídos, rejeitavam os modernos, os reciclados. Em consequência, os rejeitados de melhor qualidade transbordaram sobre a vida política. Inaceitos na caserna, foram aceitos na política. (...) O tenentismo, sob certos aspectos um movimento idealista, foi uma manifestação de pretorianismo, uma intervenção militar na vida nacional. (...) Os militares arrogavam-se o papel de guias da nação, embora não tivessem consciência sobre os rumos a tomar. (...) O pretorianismo foi adiante nos episódios dos anos 20, na Coluna Prestes, e chegamos a 1930. Vargas, com aquela sabedoria política, com aquele talento para lidar com a vaidade dos homens, pôs os tenentes em forma. E aí temos nossa primeira experiência cesarista, as Forças Armadas a serviço do César”.*²⁹

Neste período, o Brasil está em plena agitação política, como consequência de um modelo de governo provisório de feições autoritárias e pela demora de Vargas em convocar a Assembléia Nacional Constituinte. Em relação à postura bastante fechada de Jackson sobre a manutenção da ordem (a pior legalidade ou a ausência dela, ainda era melhor que o desgoverno), o artigo de Sobral Pinto revela um certo descompasso, remetendo-nos à idéia de que, após a morte de seu fundador, os articulistas de **A Ordem** não mantiveram uma opinião monolítica sobre os acontecimentos do país. Sobral Pinto clama pela ordem, no entanto, uma ordem assentada no Estado de Direito, condenando a intervenção militar e a militarização da política sob qualquer argumento, mesmo que fosse, como alegava Vargas, em favor do “saneamento político” do país.

A Ordem dirigia-se especialmente a intelectuais, católicos ou não. Isto, porém, não significa que seu conteúdo não atingisse outros grupos sociais. Através dos sermões nas missas e das várias associações católicas, percebe-se o ideário da revista presente em outros contextos. Em seu livro sobre a Igreja Católica e o movimento operário no Brasil, Damião Duque Farias³⁰ faz alusão aos terços rezados nos *Apostolados da Oração* pelos católicos da Rússia, México e Espanha e contra o avanço comunista, sempre visto como um processo satânico.

29 - D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; CASTRO, Celso (Orgs). **Visões do Golpe – a memória militar sobre 1964**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994, pp. 74-5.

30 – FARIAS, Damião Duque. **Em defesa da Ordem**. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 82.

A Igreja no Brasil: entre a Reforma Ultramontana e a República

Para compreender o sentido da fundação da revista e os temas por ela abordados, faz-se necessária ao menos uma referência ao contexto histórico da Igreja Católica no Brasil daquele período, bem como aos reflexos das diretrizes ditadas por Roma, por meio da Reforma Ultramontana.

No ano de fundação de **A Ordem**, a Igreja passava por um momento de profundas incertezas quanto ao lugar que ocupava na sociedade brasileira. A Constituição republicana de 1891 estabeleceu o Estado Laico³¹ e a liberdade de culto a outras religiões, criando um impasse: ao mesmo tempo em que a liberava da submissão ao Império (que se dava principalmente no regime do Padroado), diminuía sua rede de ação e influência.

Desde o período colonial, até a instauração do regime republicano, a Igreja católica tinha o controle sobre o nascimento, vida e morte dos brasileiros, pelo batismo, casamento e funerais. A República trouxera consigo, a exigência e legitimação dos documentos civis, em detrimento das bênçãos da Santa Madre. Entre os republicanos históricos, o ideário positivista tinha grande alcance, fato que ao menos teoricamente coloca o antigo poder da Igreja, numa situação desconfortável. Destituída da posição de religião oficial e vendo liberados outros credos, que certamente ocupariam novos espaços, que poder lhe cabia?

Titubeante quanto a seu papel no contexto social que se apresentava (a ponto de os próprios autores da revista considerarem esse período como de profunda letargia e comodismo), se torna preeminente a formação de uma liderança católica leiga, pronta a marcar presença e a influir no quadro político brasileiro: uma elite laica, que mobilizasse os católicos em todo o país.

“São os próprios Católicos que, em sua grande maioria adotaram, no Brasil, todas as sutilezas do mais nefando espírito acomodaticio, de que tem resultado que sejamos, desde os tempos da Monarquia, uma irrisão política e social, aos nossos próprios olhos, a mais triste, a mais lastimável e

31 - A questão da laicização da sociedade é um dos pontos nevrálgicos para a Igreja, que pretendia como modelo ideal de organização social e política a Idade Média, onde o tempo é sacralizado e explicitado através de um calendário religioso e dos sinos das capelas e abadias. O controle do tempo, é, também, um controle político.

ineficiente das forças militantes na história contemporânea de nossa pátria".³²

A queda da Monarquia não provocou reação homogênea, nem mesmo coerente, por parte da Igreja, que parecia perplexa ou temerosa em esboçar qualquer posição. Vendo desmoronar a forma de governo considerada ideal e receando o novo governo, impregnado de Positivistas, a Igreja mantém-se inerte aos acontecimentos.

Entre as vozes que clamaram contra a República, estava a de Antonio Vicente Mendes Maciel ou simplesmente, Antonio Conselheiro, que pregava pelos sertões a "malignidade" republicana que tirara Dom Pedro II do trono em que governava pela vontade de Deus. No entanto, Conselheiro não se enquadrava no modelo de liderança laica de que a Igreja necessitava naquele momento, tanto que as autoridades eclesiásticas apressaram-se em qualificá-lo como fanático, deixando claro que aquela não era a posição do clero.

Se Antonio Conselheiro não representava o modelo de liderança laica para lutar contra a República, menos ainda o Império brasileiro, desde seus primórdios, e mais acentuadamente no Segundo Reinado, era o modelo de monarquia almejado pela Igreja Católica.

Segundo Emília Viotti da Costa,³³ o Segundo Império teve muito mais a marca dos "liberais" do que dos conservadores, guardadas devidas proporções de utilização desse termo, pois a autora deixa claro que o Liberalismo brasileiro não apoiou-se nas mesmas bases, nem teve os mesmos significados e objetivos do Liberalismo europeu. Fruto de uma realidade histórica diferenciada, o Liberalismo "à brasileira" reveste-se de um sentido próprio, de país colonial, dependente, inserido dentro do sistema capitalista. Liberais, cuja luta por Liberdade e Igualdade, significou a luta contra o monopólio comercial da Metrópole e, cujos limites esbarravam, entre outros fatores, na manutenção da escravidão e do latifúndio.

Além da especificidade histórica do Império Brasileiro, havia como agravante a formação cientificista de Dom Pedro II; um homem muito mais ligado à ciência e ao progresso do que a religião. Muito se tem discutido sobre a participação da Igreja Católica nas decisões políticas do Segundo Império. Algumas dessas discussões seguem parâmetros que

32 – FIGUEIREDO, Jackson. *Nosso Programa*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, vol. 91, agos/2000, p.131.

33 - COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República – Momentos Decisivos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

apontam para uma participação débil, quando não, inexistente desmistificando a idéia de que somente no período republicano, o catolicismo teria sido colocado numa posição política marginal.

A omissão da Igreja em relação à queda da monarquia deixa claro que, mesmo não sendo favorável à República, não seria defensora “daquele” modelo de reinado efetivado pelo segundo imperador do Brasil, marcado pela forte presença de elementos indiferentes (quando não contrários) ao catolicismo.

Jackson, já no primeiro número da revista, faz crítica a D. Pedro II, quanto a sua indiferença ao Catolicismo, atribuindo-lhe as feições de um governante “fraco e incolor”.

*“E foi desta forma que vimos cair, tão merecida quanto destruidosamente,(sic) um trono de quase cem anos onde meio século se sentara a honestidade, a bondade mesma, que nada mais tentava de grande e de notável do que enviar comendas a Renan ou confessar timidez a Victor Hugo... Ele, o pobre velho, ele, no entanto, o chefe de um Estado em que a Religião Católica era a religião oficial”.*³⁴

Embora, no modelo conservador, a forma de governo “natural” seja a Monarquia, a Igreja Católica tinha reservas quanto ao Império brasileiro, onde as questões religiosas eram quase sempre decididas por elementos leigos que sequer disfarçavam seu anticlericalismo. Na visão da Igreja, a Maçonaria vinha havia muito, exercendo forte influência sobre as cabeças de comando do Império; já em 1874, criara-se uma “rachadura” no entendimento entre a Igreja e o Estado.

O estopim desta cisão teria sido a prisão dos bispos Dom Vital e Dom Macedo Costa³⁵ que, seguindo as instruções da Reforma Ultramontana, tentaram restringir as atividades da Maçonaria no país, admoestando “padres maçons” e impedindo a permanência de maçons nas irmandades religiosas.

34 – FIGUEIREDO, Jackson de. *Nosso Programa*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, vol. 91, agos/2000, p. 132.

35 - Dom Vital Maria de Oliveira, bispo de Olinda e Dom Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará, seguindo a política determinada por Roma, proibiram o ingresso de maçons nas irmandades religiosas e acabaram presos por ordem do imperador Pedro II. Esse acontecimento figura entre as causas da cisão entre Igreja e Estado, anteriormente à proclamação da República.

A dura resposta de D. Pedro II (de acordo com Lilia Moritz Schwarcz³⁶ ele próprio um maçom), ordenando a prisão dos bispos, causaria escândalo nos meios eclesiásticos, e nem a anistia aos prelados, em setembro de 1875, foi suficiente para apaziguar a situação. Essa tensão no relacionamento entre Igreja e Estado originaria a chamada “Questão Religiosa”, citada como uma das causas que contribuiriam para a queda da Monarquia, em 1889.

Com relação ao catolicismo, já no final do século XIX, a Santa Sé iniciava a Reforma Ultramontana, que tinha como objetivo padronizar as práticas do clero em todo o mundo, segundo um modelo ditado por Roma. Esse movimento representava uma reação da Igreja Católica aos acontecimentos políticos, sociais e econômicos que colocavam em risco sua hegemonia desde o século XV, acentuando-se sobremaneira após a Revolução Francesa. Na visão do clero romano, a modernidade e o progresso minavam as bases de seu poder e exigiam medidas severas, num movimento que Lizanias de Souza Lima³⁷ descreve como “recatolização de cima para baixo”.

A aplicação da romanização no Brasil encontraria alguns obstáculos, entre eles a intensa religiosidade popular, sincretizando elementos das práticas religiosas indígenas e negras ao catolicismo português trazido pelos jesuítas³⁸. A ausência de visitas pastorais e uma evangelização pautada muito mais por razões de Estado ligadas à monarquia portuguesa do que por razões do espírito (haja vista o Padroado, braço estatal nos assuntos da Igreja, e a admissão da escravidão, imprescindível à exploração colonial e à sobrevivência do catolicismo na Terra de Santa Cruz) acabaram por engendrar uma ligação entre Igreja e Estado da qual não estavam eliminadas as tensões. A interdependência, embora dolorosa em alguns momentos, legitimava as ações tanto do Estado Português como da Igreja Católica, em um difícil, porém necessário entrelaçamento da cruz e da espada.

36 - SCHWARCZ, Lília Moritz. **As Barbas do Imperador**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

37 - LIMA, Lizanias de Souza. **Plínio Corrêa de Oliveira: Um Cruzado do século XX**. São Paulo: 1984 (Dissertação de Mestrado, USP), p.12.

38 - Para aprofundamento dos estudos sobre religiosidade popular no Brasil colonial, ver SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial** São Paulo:Companhia das Letras, 1986.

No contexto dessa herança religiosa colonial, a nova formação sacerdotal, tornava-se uma das grandes preocupações da Reforma Ultramontana. Dela deveria surgir o padre “reformado” segundo o modelo ditado por Roma. Consonante a essas preocupações, Dom Antonio Joaquim de Mello, fundador do Seminário Episcopal de São Paulo, em 1856, o primeiro da província a seguir as linhas do Ultramontanismo, já revelava seu desagrado com a postura sacerdotal em seus comunicados à Diocese:

*“Ocupados só com o que é do mundo, entregues a toda leitura, embora danosa, embora proibida, ninguém estuda, ninguém medita em Jesus Cristo crucificado: assim se vive contente, como aqueles antediluvianos, sobre quem caiu a terrível inundaçã da ira de Deus”*³⁹

Desse modo, a formação sacerdotal segundo o modelo romanizado de um só pastor e um só rebanho, intensificou-se no final do século XIX. Já no início do século XX, tendo os primeiros padres formados de acordo com as diretrizes propostas por Roma, a preocupação do clero brasileiro foi conduzir o catolicismo a um lugar de destaque e influência junto ao Estado e à sociedade. A este propósito argumentava o cardeal do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme, um jesuíta ultramontano:

“(...) É necessário mobilizar uma Cruzada de militantes católicos, a fim de reeducar a nação através de seus ensinamentos e, fundamentalmente, assegurar para a Igreja o reconhecimento jurídico de sua legítima posição”.⁴⁰

As palavras de Dom Leme por si só justificavam a criação de publicações como **A Ordem** e da militância de uma elite intelectual católica, e, é nesse processo de revitalização do catolicismo que a revista e o centro Dom Vital terão papel essencial.

“A Ordem, neste contexto, será o ponto inicial, com objetividade e coerência da pregação anti-revolucionária, reacionária e direitista”.⁴¹

39 – FORTUNA, Ezechias Galvão da. **Vida de D. Antonio J. de Melo**. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1898, p. 64.

40 – DELLA CAVA, Ralp. **A Igreja e o estado no Brasil do Século XX: sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro 1916/64**. Estudos Cebrap nº 12, São Paulo: Edições Cebrap, 1975, p.182.

41 - IGLESIAS, Francisco. *Estudo sobre o pensamento reacionário de Jackson de Figueiredo* In: **História e Ideologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981, p.110.

Dom Leme foi um exemplo de sacerdote de formação ultramontana, e, provavelmente, a figura religiosa de maior destaque no projeto de re-cristianização do país. Sebastião Leme da Silveira Cintra nasceu em Espírito Santo do Pinhal, São Paulo, em 1882. Em 1894, ingressou no Seminário Menor Diocesano de São Paulo. Tendo se destacado em seus estudos, foi enviado para Roma, em 1896, de onde só retornaria em 1904, com os títulos de Doutor em Filosofia e Teologia. Neste mesmo ano, torna-se pró-vigário-geral da Diocese de São Paulo e bispo auxiliar do Rio de Janeiro.

Em 1916, assume a Arquidiocese de Olinda e Recife, na qual teve atuação intensa e polêmica, quando passou a exigir do governo da República um tratamento especial para o catolicismo que, segundo ele, não tinha reconhecida a sua posição de religião da maioria dos brasileiros, cujo papel de direito na condução dos destinos nacionais, havia sido solapada por uma minoria de liberais laicistas e descrentes, responsáveis pelos conflitos e desordens que assolavam a sociedade brasileira.

Em 1921, após ativo trabalho de evangelização no nordeste, retorna ao Rio de Janeiro como arcebispo coadjutor. Em 1922, apóia Jackson de Figueiredo na fundação do Centro Dom Vital e cria a Confederação Católica, com o objetivo de melhor coordenar a ação dos leigos dentro do catolicismo.

Em 1925, ao lado de Jackson e de um grupo católico, buscou introduzir na Constituição a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas públicas, não obtendo, contudo, êxito em sua proposta. Em julho de 1930, recebe, em Roma, das mãos do papa Pio XI, a púrpura cardinalícia, sucedendo oficialmente o Cardeal Arcoverde (que havia falecido em abril), no comando da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Em 1930, Dom Leme teve uma atuação estratégica na negociação para a retirada de Washington Luís do governo da República. Vitorioso o movimento armado liderado por Getúlio Vargas, alguns membros da alta oficialidade militar, lotada na capital federal, tomaram a iniciativa de afastar o presidente antes que as forças militares o fizessem. Diante da recusa do mandatário em deixar o cargo, o cardeal cumpriu importante papel de negociador no conflito, convencendo Washington Luís a deixar a presidência. Além disso, a pretexto de garantir-lhe a integridade física, acompanha-o até o Forte de Copacabana, onde aquele permanece detido até seu exílio.

Este episódio aproximou o Cardeal Leme da cúpula do movimento revolucionário. Entretanto, mesmo tirando proveito dessa proximidade, procurou manter-se, o quanto possível, neutro diante dos embates políticos, numa atitude de visível cautela, sem declarar apoio ou oposição a este ou àquele grupo, cooperando com a elite dirigente e procurando o apoio desta para suas obras.

Em 1929, participou da fundação da Coligação Católica Brasileira, que em 1935 será substituída pela Ação Católica Brasileira, e de uma vasta ramificação de associações leigas, atuando em diversos setores sociais.

A partir de 1933, intensificou o trabalho de organização do movimento leigo católico para intervir no processo de construção da nova ordem institucional, na Assembléia Constituinte. Para tanto organizou a Liga Eleitoral Católica, associação civil de âmbito nacional e caráter não-partidário, cujo objetivo era apoiar candidatos que se propusessem a defender o programa de reivindicações católicas. Nesse mesmo período, deflagra intensa campanha de oposição às propostas pedagógicas de Anísio Teixeira, alinhado ao Movimento da Escola Nova. O catolicismo conservador acusava o professor Anísio de ligação com o Bolchevismo, na medida em que este defendia o ensino público e laico, chocando-se frontalmente com o projeto católico para a Educação.

Um dos sonhos do cardeal era a criação de instituições católicas de ensino superior, para a formação e consolidação da inteligência católica, sonho este que viu parcialmente realizado com a abertura das faculdades de Direito e de Filosofia, em 1941, e que se tornariam o embrião da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Falecido em outubro de 1942, o cardeal Dom Sebastião Leme foi, dentro de seu ideário religioso, um dos maiores exemplos do catolicismo militante, característico dos anos de 1930 e o grande mentor espiritual de Jackson de Figueiredo.

Entretanto, não obstante o contexto eclesial brasileiro e mundial, o século XX foi palco de acontecimentos que engendraram uma nova atmosfera política e social, tanto dentro, como fora do Brasil.

A eclosão da Primeira Guerra modificaria profundamente o panorama mundial. Nas palavras de Eric Hobsbawm, “para os que cresceram antes de 1914, o contraste foi tão impressionante que muitos, inclusive a geração dos pais deste historiador, ou pelo menos de

seus membros centro-europeus, se recusaram a ver qualquer continuidade com o passado. Paz significava algo antes de 1914, depois disso veio algo que não mais merecia esse nome”.⁴²

Os efeitos desse conflito seriam sentidos na economia brasileira, pois, com a diminuição das importações, houve um crescimento, embora ainda tímido, da atividade industrial no país, trazendo consigo a intensificação do processo de urbanização, o surgimento da classe operária e o fortalecimento da até então incipiente burguesia nacional. Esses acontecimentos provocarão mudanças na fisionomia econômica, política, social e cultural do Brasil.

A Revolução Russa de 1917, por sua vez, também será um elemento gerador de profundas transformações nas relações políticas, ao redor do mundo, por meio da divulgação das propostas de fim das diferenças sociais e, em longo prazo, de extinção do governo a partir de um modelo auto-gestionário.

Para a Igreja, o discurso anti-religioso, característico do Socialismo, atingindo sua proposta de internacionalização (defendida, entre outros por Leon Trotski), poria em risco a sua própria existência, tanto no plano material, como no espiritual. Ao mesmo tempo, confrontava-se com o Liberalismo que, desde o século XVIII, ameaçava sua posição de detentora do monopólio administrativo das consciências.

*“A religião é simultaneamente uma expressão de sofrimento genuíno e um processo contra esse sofrimento. A religião é o suspiro das criaturas, seu sentimento em meio a um mundo sem sentimentos, a alma de nossa condição desalmada. É o ópio do povo”.*⁴³

O período do pós-guerra será marcado por crises políticas, econômicas e ideológicas que provocaram o estremecimento da crença nos regimes democráticos, em parte dos setores sociais por todo o mundo, compondo o *locus* propício ao desenvolvimento de regimes de caráter autoritário e acirrando a radicalização dos discursos entre os extremos de ordem e desordem (tais conceitos tinham significado específico para cada grupo, no caso de Igreja, a *ordem* representava toda idéia, ato ou forma de organização que estivesse em consonância com o catolicismo conservador, e, *desordem* seria tudo o que se coloca à margem daquilo que

42 – HOBBSAWAM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX – 1914 – 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 30.

43 - MARX, Karl. *Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel*. In: **Obras escolhidas de Marx e Engels**. São Paulo: Alfa-Omega, 1998, p.119.

ela determina). Questões econômicas revestem-se de feições meramente políticas e as propostas de solução de tais crises, pautam-se na manutenção da ordem, o que necessariamente implicaria no combate a tudo que representasse a desordem fossem idéias, pessoas ou governos). O próprio Jackson dizia-se um defensor do autoritarismo.

Como parte do contexto dos anos 20, o Brasil, especialmente em 1922 será palco de dois acontecimentos que “arranharam” a velha ordem oligárquica vigente: de um lado, a fundação do Partido Comunista Brasileiro que, embora com tímida atuação no início, representava um ponto de aglutinação dos movimentos de caráter socialista e uma força política de caráter nacional, em oposição aos partidos republicanos, de cunho claramente regionais; de outro lado, a eclosão dos chamados movimentos tenentistas, no Rio de Janeiro, em 1922 e em São Paulo, em 1924, (na visão de Jackson, a prova da desordem máxima em que se encontravam as Forças Armadas), e que, posteriormente, forneceriam elementos humanos e ideológicos para a formação da coluna Prestes/Miguel Costa, que percorreu 25 mil quilômetros do território brasileiro com o objetivo de defender mudanças nas estruturas políticas e sociais do país, e criar condições para o início da revolução que deporiam o governo, o que, para Jackson de Figueiredo representava o estabelecimento da desordem política e moral em que se encontrava o Brasil, o desrespeito máximo à autoridade, fruto do Positivismo que dominava os meios políticos e militares.

Nesse mesmo ano, foi fundado o Centro Dom Vital, com o objetivo de aglutinar os intelectuais católicos, promover eventos e divulgar as produções culturais de seus membros, num amplo processo de evangelização da elite laica.

É neste ambiente que os intelectuais católicos serão chamados a pôr a pena à serviço da fé, em defesa da Igreja Católica e da ordem:

“A Ordem foi fundada em agosto de 1921. Jackson convidou um pequeno grupo para encontrar-se com ele no Café Gaúcho, situado na rua Rodrigo Silva, esquina da rua São José. Lá chegamos à hora marcada, numa noite desse mesmo mês, além de Jackson, estavam presentes Perillo Gomes, Durval de Moraes, José Vicente e eu. Disse então o nosso amigo: “Não é possível trabalharmos para a Igreja se não dispusermos de um jornal para expormos nossas idéias”. Não tínhamos capital. Ele eal(a)-6.33e8.3339(1)0.721099((a)-6.33)3.22143734(s)3.22et

Jackson de Figueiredo: um arauto da Fé

Jackson de Figueiredo fez-se um arauto da fé católica; compreendê-lo, bem como à sua doutrina de pensamento, é tarefa desafiadora, na qual somos constantemente tentados a emitir juízos de valor, a enquadrá-lo nesta ou naquela categoria filosófica, e enredar-nos pela visão apaixonada de seus amigos ou pelo ódio de seus opositores.

Após leitura de seus artigos, biografias, correspondências e observando os escritos daqueles que o combateram, o amaram ou lhe foram indiferentes, percebe-se que não há um Jackson, mas muitos: o católico, o reacionário, o boêmio (que trocava as conversas na madrugada com o dia de trabalho), o homem... Um homem marcado pela profunda angústia da dúvida, obcecado pela dor, que via no sofrimento um imenso mistério, o único e verdadeiro mensageiro da iluminação e da graça:

“Criança ainda eu tive a febre das indagações que atormentavam o homem. Criança eu pude notar que as minhas preocupações eram mais de ordem moral que intelectual, que me torturava a idéia do Destino, que me afligia o problema da consciência em face da vida. Eu queria a razão da dor e do crime, a significação do dever e o porquê dos arrependimentos...” ⁴⁵

Este espírito atormentado e dubitativo, que parecia eternamente buscar respostas, encontra consolação na fé católica, da qual fez-se soldado e arauto, combatendo duramente aos que a ela se opuseram.

Em seu estudo sobre o pensamento reacionário de Jackson de Figueiredo, Francisco Iglesias ⁴⁶ descreve sua obra como “de pouca densidade e pobre em colocações originais, não tendo formação extensa nem profunda”. Destaca ainda a insuficiência filosófica de seus estudos e o pouco conhecimento de história, sociologia e economia.

Diante dessas observações, pareceria contraditório que o próprio Iglesias tivesse dividido a história do catolicismo no Brasil em “antes e depois” de Jackson de Figueiredo, mas a contradição é apenas aparente, pois, se faltou-lhe profundidade, sobejou a paixão. E foi

45 – FIGUEIREDO, Jackson. **Pascal e a inquietação moderna**. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922. p. 6.

46 – IGLESIAS, Francisco. **História e Ideologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

com ela, por meio de um tom áspero, quase que de constante ira, que atraiu adeptos e adversários às suas causas.

Sua obra é uma proposta de engajamento social do catolicismo e teve grande repercussão, influenciando não só setores ligados à Igreja, mas, também intelectuais não necessariamente católicos. Iglesias o define como “católico reacionário”⁴⁷; entretanto, é importante que se esclareçam dois aspectos: a longa trajetória espiritual de Jackson até sua conversão ao catolicismo e o contexto eclesial a que pertenceu.

Jackson de Figueiredo nasceu a nove de outubro de 1891, em Aracajú, filho do farmacêutico e professor Luiz de Figueiredo Martins e de Regina Jorge de Figueiredo Martins, oriunda de tradicional família baiana.

Duas características de Jackson foram precoces: a rebeldia que lhe custou muitas surras do pai e o gosto pela poesia, provavelmente herdado da mãe. Educado em colégio protestante, foi em sua mocidade um anticlerical, e um anti-religioso fortemente influenciado pelo pensamento de Nietzsche.

Em 1909, muda-se para Salvador, onde cursa a faculdade de Direito, época em que se envolve em diversas querelas com colegas e professores. A liderança natural e o tom arrogante de suas falas valeram-lhe a simpatia de alguns e o ódio de muitos. Em 1915, transfere-se para o Rio de Janeiro, onde vive com muitas dificuldades, até conseguir alguma projeção como jornalista.

A ida para a então capital do país modificará radicalmente seus conceitos. Jovem inquieto e amargurado, leva uma vida boêmia atravessando a madrugada em bares e cafés. Nessa fase conhece Farias de Brito, filósofo não católico, crítico do Positivismo e defensor de um “evolucionismo espiritualista”.⁴⁸

47 – O termo “reacionário” é aqui utilizado para designar os pensadores contrários à Revolução Francesa e seus seguidores, no sentido de que defendiam a “contra-revolução” ou reação contra a insurreição que julgavam “satânica” e dismanteladora da ordem cristã. Jackson definia-se como um reacionário e não gostava de usar o termo “revolução”, em nenhum de seus sentidos; preferia utilizar a palavra “reação”, tanto que batizou sua cruzada de “reação do bom senso”.

48 – De acordo com Hamilton Nogueira, a influência de Farias de Brito sobre Jackson de Figueiredo é incontestável, entretanto, essa influência teria sido muito mais afetiva do que intelectual ou espiritual, dimensões estas em que mantinham marcadas discordâncias.

Esse encontro (juntamente com a orientação espiritual do cardeal Dom Leme), seria decisivo para sua conversão ao catolicismo. Conversão essa que seria alimentada pelo casamento com Laura, cunhada de Farias de Brito, extremamente devotada à fé católica. Nesse período, Jackson faz leituras de Pascal, que muito o impressionam, servindo de sedimento às suas novas convicções:

*“Foi Pascal o homem que, sem ter consciência talvez do que fazia, pela força mesma de sua alma se fez símbolo da alma moderna, no que tem esta de propriamente universal, alma crepuscular em cujo fundo de melancolia se agitam tantas forças contrárias”.*⁴⁹

Sem colocar em questão a graça divina da conversão, defendida pelos católicos, podemos perceber, por meio de alguns estudos sociológicos, o efeito integrador da religião como uma ordenação lógica de um corpo de princípios que nortearão o indivíduo. Ora, pelo exposto até aqui, vê-se que Jackson vivia um profundo caos interior; a fé católica parece ordenar-lhe os pensamentos, sendo o alicerce de sua atuação política. O “rebelde” encontrara sua causa.

*“O catolicismo é, para Jackson de Figueiredo, algo muito vivo que não se resume a fé ou a doutrina, mas a uma atitude diante da vida”.*⁵⁰

Forja-se, então, o católico conservador que busca sua inspiração em pensadores como Joseph de Maistre, Louis Ambrosie de Bonald, além dos ideólogos da *Action Française* (grupo de pensadores contrários à Revolução Francesa, combatentes da República e defensores da restauração monárquica) como Henri Massis e Charles Maurras.

O pensamento de De Maistre é citado de forma recorrente nos escritos de Jackson e fez parte do ideário de grande parte dos artigos da revista **A Ordem**. O próprio nome da revista deve ter sido influenciado pelas idéias desse pensador, ferrenho defensor da “ordem”, que deveria ser estabelecida, fundamentalmente pelo catolicismo.

49 - FIGUEIREDO, Jackson. **Pascal e a inquietação moderna**. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922, p.9.

50 - IGLESIAS, Francisco. **História e Ideologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981, p.138.

De Joseph de Maistre a Jacques Maritain

Joseph de Maistre (1753-1821) foi um dos maiores porta-vozes da aristocracia francesa, no período pós 1792. Em uma de suas principais obras *Considerations sur la France*, de 1797, defende a restauração das monarquias teocráticas, o primado da ordem religiosa sobre a ordem política como único meio de manutenção da estabilidade social. Considerava a Igreja Católica a matriz da civilização européia e as distinções sociais como criações naturais da providência divina, não cabendo ao homem promover quaisquer transformações na ordem das coisas, mas, apenas, conservar o que existia, por meio da concessão dos soberanos e da tradição forjada pelos ancestrais. A elite intelectual católica seria a guardiã e propagadora dessas tradições, donde a urgência em Jackson de aglutinar a elite laica brasileira, em prol dos ideais católicos.

Segundo a óptica de De Maistre, a História não é feita pelos homens, mas por um agente exterior a eles, Deus, que, por meio da sua Providência, pune os excessos e reequilibra a ordem natural. Os agentes da punição divina, revestem-se de idéias, que movem a História e propagam toda a sorte de doutrinas heréticas e anticristãs.

Neste sentido, a Revolução Francesa, da qual De Maistre foi contemporâneo, apresentava um caráter externo às condições sociais, econômicas ou políticas; era, sim, a manifestação da justiça divina, como punição dos excessos daqueles que derrubaram o rei (que governava pela vontade de Deus) e de expiação àqueles que se aliaram aos inimigos do cristianismo.

Dessa forma, o período pós-revolucionário abriria caminho para um retorno à tradição católica, visto que, para De Maistre, só a religião teria a função de atribuir o poder e legitimar a política. Estando o poder temporal e extratemporal sob a égide de Deus, a figura do Papa representaria a vontade divina na Terra.

Assim, poderíamos assentar as bases do pensamento de Joseph de Maistre nos seguintes pontos: o papel determinante da Divina Providência sobre todas as ações e acontecimentos humanos; a defesa da monarquia teocrática, sob a égide da Igreja Católica como mediadora dos conflitos entre o soberano e os súditos (a política, em última instância, perde sua autonomia, tornando-se um derivado da esfera religiosa); a permanência da hierarquia social; a defesa da supremacia da tradição sobre qualquer forma de argumentação ou decisão

coletiva; negação da soberania popular, sendo o direito dos povos uma concessão dos soberanos, baseada em tradições ancestrais.

Roberto Romano⁵¹, analisou as relações entre o Estado e a Igreja nos anos de 1930 e destacou a influência tanto de De Maistre como do visconde De Bonald, cujas linhas de pensamento são semelhantes, na composição do ideário da elite católica brasileira nesse período.

Louis Ambroise De Bonald (1754 – 1840), aristocrata, também contemporâneo da Revolução Francesa, com a publicação de sua obra *Théorie du pouvoir politique et religieux*, em 1796, firmou-se como um partidário da “contra-revolução” e grande crítico do regime liberal-democrático.

A lógica do pensamento reacionário em De Bonald emana da concepção de um todo orgânico, cuja principal célula é a família. Defendia o pressuposto de que era preciso conservar as famílias e consumir os indivíduos, disto resultaria o povo (figura do coletivo), que deveria ser protegido e guiado pelo soberano.

Como De Maistre que, entendia a tradição como de origem divina, a ponto de afirmar em *Considerações sobre a França* que, a virtude da História não reside em desvendar, mas, em ocultar os começos, De Bonald defendia que, essa mesma tradição, era a garantia dos princípios do conhecimento e da razão, os quais permitiriam ao homem a distinção entre a verdade e o erro. Entretanto, os limites de tal razão, seriam estabelecidos pelo catolicismo.

Também contrário ao princípio da soberania popular, postulava que a permanência da hierarquia era condição *sine qua non* para a manutenção da ordem social. Enxergava no regime republicano um conjunto de indivíduos defendendo sua felicidade e vontades particulares, em detrimento da coletividade.

Monarquia teocrática, primado da religião sobre a política e diferenças sociais: estes são três pontos básicos sobre os quais se funda a doutrina de De Bonald.

Grande parte das idéias de Joseph Maistre e do visconde De Bonald têm sua fonte no pensamento do escritor e político irlandês Edmund Burke (1729-1797). Sua obra *Reflections on the Revolution in France* (52), de 1797, tem como objetivo a crítica à Revolução

51 – ROMANO, Roberto. **Brasil: Igreja contra Estado: crítica ao populismo católico**. São Paulo: Kairós, 1979.

Francesa e seus desdobramentos, bem como o estabelecimento das diferenças desta com a Revolução Gloriosa de 1668, na Inglaterra.⁵²

Burke condena a Revolução Francesa como fruto de uma razão abstrata, coroada pela violência e pela desordem. Postulando os ideais de Liberdade e Igualdade, os revolucionários franceses teriam rompido a continuidade histórica, negando o passado (entendido como a matriz das experiências fundadoras e legitimador das convenções) e a tradição, gerando uma situação considerada “antinatural”. O “natural” para Edmund Burke eram as desigualdades estabelecidas pela Divina Providência (Deus atuaria pela experiência humana), tanto na natureza como na sociedade. Romper com o passado significava negar os hábitos gerados pela experiência histórica dos antepassados, que legam às gerações futuras todo um arcabouço de recursos e valores, tanto materiais como espirituais ao longo dos tempos.

Diferentemente dos franceses Joseph de Maistre e Louis De Bonald, defensores das teocracias, o pensador irlandês acreditava na monarquia parlamentar, conduzida sob a liderança de uma aristocracia coesa, inspirada nos preceitos cristãos e no interesse público, sendo o Estado o “guardião e regulador” da sociedade, baseado na tradição.

Para este pensador, a Inglaterra, com a Revolução Gloriosa havia adotado tais preceitos, adequando o elemento político às transformações históricas, sem causar ruptura nas tradições, ou seja, os ingleses, em 1688, utilizaram-se de práticas de ajustamento político tendo como base uma sociedade real, ao contrário dos franceses que se pautavam em indivíduos e idéias abstratas (a igualdade natural entre os homens, era para ele algo fictício), tão decantadas pelos filósofos em busca do que chamou de “utopia-democrática”.

No Parlamento inglês, Burke defendeu a liberdade religiosa para os irlandeses, a reconciliação com a América do Norte e a liberdade de comércio nas colônias. Essas posturas o caracterizaram como um conservador de fundo liberal, ao contrário do conservadorismo autoritário, dos pensadores da reação, como De Maistre e De Bonald. Entre outros pontos defendidos por Burke, estão a manutenção da propriedade privada, da hierarquia social, da consagração religiosa da autoridade secular (a religião seria a fonte de todo bem e toda a felicidade) e da legitimação dos valores tradicionais.

52 - BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a revolução em França**. Tradução de Renato Assumpção Faria. Brasília: UNB, 1982.

Além de Joseph de Maistre e do visconde De Bonald, o pensamento de Edmund Burke serviria como esteio teórico a outros pensadores do chamado “romantismo autoritário”, como Juan Donoso Cortés (1808 – 1853), contra-revolucionário espanhol do século XIX, defensor dos regimes ditatoriais, ferrenho combatente do comunismo, e o jurista alemão, Carl Schmitt (1888 – 1985), um dos colaboradores do governo nazista de Hitler.

Muitos autores identificaram, também, a influência de Nietzsche no ideário de Jackson de Figueiredo, no período anterior à sua conversão ao catolicismo, como se fora uma contradição em relação às posturas que assumiria mais tarde. No entanto, de acordo com Pierre-André Taguieff ⁵³ o filósofo alemão (tido por muitos como um “ultramoderno”, dado o tom provocativo, alegre e satírico de seus escritos, e por ser ele um anticlerical, demolidor de ídolos na moral e na ciência), pode ser caracterizado como um dos precursores do pensamento tradicionalista desenvolvido no final do século XIX.

Para Taguieff, Nietzsche pertenceu ao contexto do que poderia ser chamado de segunda fase do pensamento tradicionalista. Enquanto, no final do século XVIII, observamos o surgimento do um modelo de tradicionalismo cuja argumentação era eminentemente teológica, baseada nos desígnios da Divina Providência teremos, a partir de meados do século XIX, o desenvolvimento do pensamento tradicionalista, cujo foco de argumentação estará centrado no fenômeno político.

Segundo este autor, alguns elementos fundamentais na filosofia de Nietzsche permitem aproximá-lo da corrente tradicionalista: o mundo moderno seria em si mesmo um processo de decadência. A decadência é, essencialmente, a perda dos valores supremos, o desaparecimento das normas absolutas, de onde nenhuma autoridade pode ser fundamentada e nenhuma hierarquia respeitada; a decadência se manifesta e se acelera por meio do progresso geral em todos os campos, da “discutibilidade” dos princípios e das evidências; o processo decadencial moderno é irreversível e, por ser anormal, atípico ou patológico, tende necessariamente para seu próprio fim.

Nietzsche, em seus escritos, critica o mundo moderno como “morno” e de meias medidas, nem do sim e nem do não ou talvez do sim e talvez do não; mundo dos negociadores

53 - TAGUIEFF, Pierre-André. *O paradigma tradicionalista: Horror da Modernidade e antiliberalismo, Nietzsche na retórica reacionária*. In: BOYER, Alan / ET ALII / **Por que não somos Nietzscheanos**, São Paulo: Ensaio, 1993.

e dos intermediários, dos comerciantes e dos parlamentares; enfim, o mundo dos “representantes”. Para ele, a modernidade mistura coisas e idéias opostas, transformando-as em “neutralidades hipócritas”, sendo a democracia liberal, sua grande obra.

Com base nestes elementos, independente da visão que se tenha sobre Nietzsche ser ou não um pensador de base tradicionalista, parte de suas idéias foram utilizadas na composição do pensamento conservador no século XX.

Ao analisarmos as críticas dos tradicionalistas conservadores, percebemos elementos comuns ao que Taguieff chama de “neo-tradicionalismo nietzscheano” e compreendemos porque este pensador influenciou Jackson de Figueiredo em sua mocidade; a conversão do fundador da revista **A Ordem** o fez migrar da filosofia tradicionalista em sua segunda fase para o tradicionalismo teológico de meados do século XVIII.

“(...) Os pensadores do tradicionalismo antimoderno definem seu inimigo absoluto: a democracia liberal, precisada sem dúvida enquanto sistema político ou modo de governo, mas também e, sobretudo, como forma de vida ou modo de existência humana”.⁵⁴

O ideal tradicionalista, conservador presente em Jackson, cuja matriz são os pensadores citados, foi estudado por Francisco Iglesias:

“O tradicionalista ou restaurador, ignora ou quer negar que há um processo que leva à permanente mudança: vê a realidade de maneira idílica, perfeita e bela, que não deve ser alterada. Negando-se a aceitar ou não reconhecendo o movimento, pensa em termos de uma filosofia que supõe eterna, livre do tempo ou do ambiente. Como a realidade que lhe é dada a viver não é a que idealizou, condena-a como erro, desvio da verdade, loucura dos homens e, passa a combatê-la, a fim de restaurar o que lhe parece certo”.⁵⁵

Esta realidade idílica é identificada no tempo histórico, pois, na visão tradicionalista do século XVIII, ela já existiu nos moldes da Idade Média, quando a Igreja era a pedra angular da sociedade, geradora e controladora da ordem, e onde se faziam presentes valores fundamentais como o amor a terra, a hierarquia (os homens são naturalmente desiguais, pois

54 - Idem, p. 215.

55 – IGLESIAS, Francisco. **História e Ideologia**. São Paulo: Perspectiva, 1991, p. 112.

até no céu havia diferenças hierárquicas, de modo que assim deveria ser, também, na Terra), a nobreza de valores, o romantismo, o heroísmo e o corporativismo. Assim como os pensadores que o influenciaram, Jackson de Figueiredo acreditava que tudo que há de duradouro e belo na cultura ocidental resulta da religião católica. Ela formou o homem, deu-lhe a moral, o senso estético, a capacidade de realização. Fugindo do catolicismo, o homem se nega.⁵⁶

Quanto a um outro ponto de observação, destacamos o ambiente eclesial a que Jackson pertenceu. A partir de meados do século XIX, a Igreja começa a definir estratégias de maior eficácia, frente às investidas daquilo que chamava de “males da modernidade”. Neste contexto, a encíclica *Quanta Cura* e o *Syllabus*,⁵⁷ de Pio IX, bem como a afirmação do dogma da infalibilidade papal, foram entendidos quase como uma nova Inquisição e acirraram a luta entre intelectuais e Igreja. Boa parte da intelectualidade em todo o mundo via na atitude da Igreja a intenção de cercear o livre pensamento e a livre expressão das idéias. O *Syllabus* foi atacado pela Imprensa de praticamente todos os países, pois esta, se sentia sob a ameaça de censura. A esse ataque, pronuncia-se Pio IX:

*“Contrapuseram contínua resistência às iníquas tramas dos homens que, espumando suas confusões como as ondas encalpeladas do mar e prometendo liberdade, quando na verdade eram escravos do mal, trataram de destruir, com suas opiniões capciosas e escritos perniciosos, os fundamentos da religião católica e da sociedade civil”.*⁵⁸

Essas concepções somadas à doutrinação ultramontana irão compor o *locus* católico do início do século XX, propenso à radicalização e à intolerância. Jackson de Figueiredo, após sua conversão, viveu e morreu em meio ao discurso reacionário da Igreja de sua época. A distensão desse discurso (entende-se que o termo ruptura não seria adequado, pois tais idéias

56 - Idem, p.113.

57 - O *Syllabus Errorum* é um conjunto de oitenta proposições consideradas inaceitáveis pela Igreja, que acompanha a *Encíclica Quanta Cura*, de 1864. O *Syllabus* condena o Liberalismo, o Ensino laico, a equivalência das religiões, a separação entre Estado e Igreja, a liberdade de culto e de Imprensa. Nestas condições, surge um impasse entre o catolicismo e o modelo de pensamento político emergente no século XX.

58 - PIO IX. **Encíclica Quanta cura e Silabo**. Coleção Documentos Pontifícios, nº 36, Petrópolis: Vozes, 159, p. 3.

ainda são a fonte de muitos grupos da Igreja) inicia-se somente após 1945. A própria revista **A Ordem**, nesse período, dirigida por Alceu Amoroso Lima, passa a sofrer grande influência do modelo humanitário defendido pelo filósofo católico Jacques Maritain.

O francês Jacques Maritain (1882 – 1972) foi um dos filósofos que, com sua proposta de democracia cristã, influenciaram mais diretamente o meio católico brasileiro, no final da década de 1930.⁵⁹

Uma premissa fundamental para compreender seu pensamento é a distinção entre os planos *espiritual* e *temporal*. Embora o segundo plano estivesse intrinsecamente subordinado ao primeiro, havia que se distinguir as formas de atuação em cada um desses planos. A espiritualidade refere-se à relação do homem com o divino, com vistas à eternidade; a temporalidade consiste na atuação do homem como membro da sociedade civil, nas mais diversas atividades, sejam elas intelectuais, morais, científicas ou políticas, como determinantes de seu bem-estar terreno. Portanto, poderiam existir concessões específicas na esfera temporal que poderiam não ser necessariamente válidas no plano do espírito.

Maritain acreditava que o homem deveria agir na sociedade civil iluminado pela vontade de Deus, mas, sendo o mundo material passível de erros e distorções, haveria a necessidade de se manter o espírito de fraternidade e respeito aos direitos políticos para que se realize a paz entre os povos. Neste sentido, tanto as diferenças culturais como o desenvolvimento da civilização seriam noções eminentemente imbricadas à vida material, ao humano propriamente dito, com características finitas, e as religiões cristãs pertenceriam ao domínio espiritual, divino; portanto, infinito. O catolicismo, por consequência, não pertencia a nenhuma cultura ou civilização, era transcendente, supra-racial e universal. Daí insistir na diferenciação entre “catolicismo” e “mundo católico”: o catolicismo era transcendental, uma revelação que vinha de Deus; já o mundo católico, estaria sujeito ao plano temporal, sob o domínio da atuação humana.

Dessa forma, em vez de propor uma volta ao modelo de cristandade medieval, onde o temporal é sacralizado, Maritain defende a idéia da construção de uma “nova cristandade”,

59 - MARITAIN, Jacques. **Humanismo Integral: uma visão da nova ordem cristã**. Tradução de Afrânio Coutinho. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1942.

que pudesse assimilar algumas das transformações provocadas pela modernidade (as quais na opinião deste pensador seriam irreversíveis). Ao invés de negar a modernidade (característica dos tradicionalistas conservadores), propunha reformá-la pela sagrada liberdade das criaturas no caminho da graça de Deus. Esta liberdade, no entanto, não era a mesma apregoada pelo Liberalismo, considerada falsa e superficial.

Da mesma forma que combatia diversos pontos do Liberalismo, também condenava as concepções totalitárias de Estado em voga nos anos de 1930. Todavia, vislumbrava uma possibilidade de “regeneração” para os comunistas, visto que estes, mesmo que de forma equivocada, buscavam com sua doutrina, a “redenção universal”, enquanto o totalitarismo almejava a hegemonia de uma raça considerada superior. Essa postura frente ao comunismo gerou extremo desconforto nos meios religiosos de seu tempo.

A construção da nova cristandade teria como base a liberdade e a fraternidade; os valores sociais seriam pautados pelo trabalho, e não mais pela riqueza ou pelo nascimento, compondo o que chamou de “aristocracia popular”. A sociedade deveria ser, ao mesmo tempo antiindividualista e personalista; antiindividualista porque estaria subordinada ao bem comum da comunidade (temporal e finito) e personalista porque esse bem comum estaria imbricado ao bem supremo da pessoa humana (espiritual e eterno).

No processo de construção desta sociedade (cujo objetivo seria o desenvolvimento do “Humanismo Integral” assentado sobre as bases do respeito às coisas do espírito e da ação social democrática que libertaria os homens da exploração e da miséria, e, estabeleceria a justa igualdade social e política, entre os povos) as elites camponesas, operárias e intelectuais, às quais chamou de “aristocracia popular”, teriam um papel fundamental.

O ponto mais polêmico (para os católicos conservadores) da filosofia de Maritain foi a defesa de uma sociedade pluralista, onde a pessoa humana fosse respeitada em seus direitos e liberdades, visando estabelecer a justa igualdade de direitos sócio-políticos, idéia esta que implicava em liberdade religiosa. As divergências na interpretação de seus escritos fizeram com que o filósofo tivesse que se defender de múltiplos ataques, argumentando que não propunha liberdade de direitos no plano espiritual (a religião católica era a portadora da verdade eterna), mas somente no plano temporal, com vistas a manter a paz entre os povos. Dessa forma, em vez de propugnarem pela destruição dos credos que lhe fossem estranhos, os

católicos deveriam, por meio de ações fraternas, converter as almas amorosa e pacificamente à sua verdade. Somadas a estas proposições, Maritain defendia, sob a influência do filósofo francês Henri Louis Bérghson (1859 – 1941), que “a democracia é de essência evangélica”. Embora não afirmasse que a democracia fosse a única possibilidade de um modelo de governo em bases cristãs, suas idéias valeram-lhe acusações de compactuar com as idéias defendidas pelo *Sillon*.⁶⁰

Muitos intelectuais ligados ao Centro Dom Vital aderiram aos pressupostos do filósofo francês, entre eles Alceu Amoroso Lima. Entretanto, havia aqueles que combatiam arduamente tais idéias, como Plínio Corrêa de Oliveira, promovendo uma cisão nos meios católicos, que doravante se dividiriam em “maritainianos” e “antimaritainianos”.

Dentro de um quadro “redemocratizante” tanto brasileiro como mundial, as transformações tornar-se-iam acentuadas,⁶¹ principalmente no papado de João XXIII. No *Concílio Vaticano II* havia propostas de cunho radicalmente progressista, se comparadas à trajetória histórica do catolicismo, como o caráter ecumênico, buscando aproximação com o Protestantismo e as Igrejas Católicas Ortodoxas; a reabertura do diálogo com o Judaísmo; a

60 -*Le Sillon* era o nome da revista, criada por estudantes franceses, na última década do século XIX, cujo objetivo era conciliar o cristianismo com os princípios da Revolução Francesa de 1789, ou seja, estabelecer uma “terceira via” entre o cristianismo medieval e a democracia moderna. Inicialmente, o movimento contava com a simpatia de Roma, mas à medida que se expandia e ganhava caráter de uma nova cruzada em prol da cristianização da modernidade, passaria a despertar inquietações pelas suas posições pouco conservadoras, sendo publicamente condenado pelo papa Pio X, numa Carta Apostólica dirigida ao episcopado francês, em agosto de 1910. Entre os erros do *Sillon* apontados pela Carta Apostólica, estavam as afirmações sobre a necessidade de transformações radicais para resolver os problemas sociais, a pretensão de autonomia ante a hierarquia eclesiástica, as alianças com os não-católicos, a defesa da igualdade entre os homens, a escolha da democracia como único regime capaz de instaurar o reino da justiça, e os elogios ao modelo republicano.

61 – Faz-se aqui uma ressalva: sendo a Igreja Católica uma instituição de propostas universais, as transformações em suas diretrizes dar-se-ão sempre de forma lenta e não sem entraves das várias linhas de pensamento que a compõem, num movimento de avanços e recuos em torno de sua doutrina. Em nenhum momento, ao longo de sua história, a Igreja alcançou homogeneidade nas idéias e práticas; entretanto, uma distensão significativa dentro do discurso conservador dar-se-á no pontificado de João XXIII e no *Concílio Vaticano II*.

revisão da Lei Canônica; o descarte do *Syllabus*, considerado anacrônico e não mais relevante. Um sinal dessa nova maneira de pensar foi o pronunciamento de João XXIII, em 1963, afirmando que todo ser humano, tem o direito de adorar a Deus de acordo com os ditames de sua consciência. É certo que a morte do Papa, em junho daquele mesmo ano, aliada a oposição de parte da Cúria Romana a tais propostas, acabaram por não efetivar a maioria desses intentos (Paulo VI, sucessor de João XXIII, levou o Concílio até o fim e muitas dessas propostas viraram documentos oficiais, sem, no entanto, terem sido postas em prática até os anos de 1980).

Seja por seu milenar instinto de sobrevivência ou por uma real mudança de mentalidade, a Igreja apercebe-se desse novo momento e usa estratégias diferenciadas. A questão não é mais controlar as consciências, mas ganhá-las. O discurso autoritário já não produz os mesmos efeitos, numa sociedade que passa por profundas transformações. O catolicismo tem que incorporar ao seu, outros discursos, nos quais até os antigos inimigos fornecerão elementos.

Entretanto, de volta aos anos 30, Jackson nunca foi um político no sentido usual do termo, nunca concorreu ou ocupou cargos de importância no governo, embora defendesse a criação de um partido católico, idéia veementemente desestimulada pelo cardeal Dom Leme.

*“A Igreja Católica nunca poderá pôr-se ao serviço de qualquer partido político. Diz Pio XI, na carta ao Cardeal Segura: ‘É claro, outrossim, que não deve a Ação Católica confundir-se com outras organizações que são ordenadas primeiramente a um fim político, e isso em razão de sua natureza e de seu fim, que a coloca fora e acima das competições de partidos. O que não pode evidentemente significar que os católicos, tomados individualmente, não devem interessar-se pelos problemas que concernem a vida pública, com a condição de conformarem sempre a sua atividade aos princípios da doutrina católica e às diretrizes da Igreja’.*⁶²

Era um defensor do autoritarismo, dizia-se o último monarquista, mas, não poupou ataques ao Império brasileiro, qualificando D. Pedro II como “um governante fraco”. Antiliberal, teve certa simpatia pelo fascismo; acreditava que o Estado deveria ser forte para

62 – PAGANO, Sebastião. *A Ação Católica*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, mar/1933, pp. 208-9.

Jackson de Figueiredo faleceu em 04 de novembro de 1928, aos 37 anos. Saíra para uma pescaria com o filho de nove anos e o amigo Rômulo de Castro. Ao lançar a linha escorregou de uma pedra e caiu no mar, debatendo-se muito contra a violenta correnteza. Diz-se que, quando exausto, já sem poder mais lutar, o amigo e o filho viram-no fazer o sinal da cruz e desaparecer no mar. Oito dias depois, seu corpo apareceu na praia de Maricá. Sua morte causou grande abalo nos meios católicos e no país de uma forma geral. A última tentativa de defini-lo neste estudo, fica nas palavras de seu grande amigo Alceu Amoroso Lima:

*“Era um conservador, um tradicionalista, um antiliberal, mas ao mesmo tempo um nacionalista jacobino e um feroz antiplutocrata (...) Mais que um violento, era um romântico (...) manteve durante toda a sua vida o culto da intolerância”.*⁶⁶

Estrutura da revista

No período de análise da presente pesquisa, a revista **A Ordem** chegava a 431 localidades brasileiras. Porém, de acordo com as cartas de agradecimento, artigos enviados ou sugestões publicadas, sua área de abrangência, seja por via direta ou indireta, era bem maior. Estão registradas correspondências da Argentina, Uruguai, Peru, México, Estados Unidos, Espanha, França, Itália, Bélgica, Portugal e Nova Zelândia.

Como dito de início, **A Ordem** era produzida por uma elite intelectual católica leiga e dirigida a uma elite cultural, católica ou não. Nos artigos citam-se inúmeros clássicos da ciência, filosofia e política; discute-se o que há de consagrado ou novo, em termos de produção de conhecimento. A linguagem é culta, o vocabulário prolixo; as citações em francês, inglês e latim são constantes. Destacando-se que nesse período a maioria da população brasileira era iletrada, o universo de leitores torna-se ainda mais restrito.

Os artigos tratam dos mais variados assuntos, desde controle da natalidade a teorias darwinistas e eugenistas; de saúde a comportamentos e valores; de doutrinas filosóficas,

66 – Alceu Amoroso Lima *Apud* FARIAS, Damião Duque. **Em defesa da Ordem**. São Paulo: Hucitec. 1998, p. 41.

religiosas, políticas e econômicas a eventos culturais; de temas internacionais a crítica literária; de biografias de santos a questões internacionais. A colaboração feminina na produção dos artigos é pequena nesse período, e restringe-se, na maioria das vezes, em destacar o papel da mulher enquanto base da família.

Entre artigos variados, mantinham-se algumas seções fixas, como:

Seção Universitária, destacando as atividades da Ação Universitária Católica e os assuntos do meio acadêmico. Raramente, aparece algum artigo fora desse contexto nesta seção.

Crônica Literária, enfocando um autor ou obra, normalmente de caráter religioso. No período aqui analisado, foi assinada por Jonathas Serrano.

Crônica Política, com a análise do cenário político nacional e internacional, assinada até 1934 por Sobral Pinto.

Letras Católicas, apresentando biografias de santos ou personalidades católicas de destaque. A partir de janeiro de 1935, esta seção passou a chamar-se “Letras Contemporâneas” sem, no entanto, alterar seu conteúdo.

Seção Registro, abordando temas internacionais ou, esporadicamente, algum assunto de grande relevância nacional. Até maio de 1935, não identificava os autores; só a partir de junho passa a ser, eventualmente, assinada por Perillo Gomes.

Bibliografia, com a análise de obras literárias de caráter religioso ou não.

Nos temas abordados, a presença do Mal é constante, sempre como o responsável pelos erros sobre os quais se escreve. Essa característica torna difícil a análise dos artigos por temas definidos, pois formam um conjunto, uma teia urdida, cujos argumentos voltam sempre ao mesmo ponto: o afastamento dos homens da vontade de Deus.

Embora originariamente pertencentes ao universo dos anos 30, podemos salientar a atualidade de muitos dos temas abordados nesses artigos, tanto no plano religioso, quanto político. Tensões nos posicionamentos adotados pela Cúria Romana ocorreram em toda a história. A Igreja Católica jamais foi uma instituição detentora de um ideário homogêneo (embora os discursos tivessem uma proposta monolítica, as práticas, na maioria dos casos, mostraram-se plurais). Faz-se necessário perceber, que o pensamento conservador presente em **A Ordem**, ainda ecoa entre alguns setores eclesiais e leigos do catolicismo; as raízes conservadoras são profundas e foram pacientemente elaboradas ao longo dos séculos. João

Paulo II foi um duro combatente do comunismo e no Brasil, a candidatura de Luís Inácio da Silva à presidência da República, em 1989, rendeu sermões inflamados contra o perigo comunista em muitas paróquias, apenas para citar a questão socialista. Se nos detivermos a outros campos de análise, a força da diretriz conservadora é ainda mais intensa: a manutenção da infalibilidade papal; a rejeição aos métodos contraceptivos (inclusive o uso de preservativos); a oposição à facultividade do ensino religioso em diversos países, a deferência do poder temporal em relação ao poder espiritual⁶⁷; e, a sobrevivência do Tribunal do Santo

que seria obedecer a Deus mesmo, e os filhos não obedecem aos pais, logicamente; é a sociedade em polvorosa, é a luta das classes, é a dinamite, é o socialismo anárquico, é o bolchevismo, porque os superiores e patrões não obedecem a Deus, são injustos, e os seus subordinados são conseqüentes quando também não querem Deus nem senhores. É a eterna anarquia, a desordem intelectual, moral e econômica, o roubo, a onda de desfalques, a exploração dos humildes, o pauperismo, os empréstimos absurdos, as pátrias postas no prego, a venalidade, a libertinagem, o assassinio, o ódio, a desmoralização total nos Estados; porque os governos são ateus, maçons, materialistas, divorciados da Igreja, não obedecem a Deus, ensinam o ateísmo ao povo”.⁶⁹

Também no plano político, o ideário conservador não parece ter perdido o fôlego, pois o crescimento dos grupos neonazistas na Europa e o surgimento de seus congêneres no Brasil demonstram que as tensões sociais e crises econômicas servem, ainda, como base de sustentação a discursos de teor maniqueísta, naturalizados e introjetados ao cotidiano. George W. Bush encerra seu pronunciamento ao Congresso Nacional dos Estados Unidos, após os ataques de 11 de setembro, com uma curta e sintomática frase: “Trata-se de uma luta do Bem contra o Mal...”

Ter como foco a longa duração, a versatilidade e a imanência desses discursos, é condição necessária para a análise dos artigos que expressam o ideário anticomunista a parte da intelectualidade católica laica, que compunha a revista **A Ordem**.

69 - VEIGA, Arlindo. *Da Desobediência*. In: **A Ordem**, dez/1932, p. 409.

Capítulo 2

Inimigos e Soldados da Fé, segundo a revista *A Ordem*

A Ordem foi um dos veículos de divulgação do ideário católico laico, na tarefa de recatolização da sociedade, e esta tarefa exigia luta contra aqueles considerados como inimigos da Igreja; os inimigos de então, que nada mais eram que os inimigos de sempre, sob outras formas:

“(...) Por que vemos os piores venenos morais se inocularem em nossas famílias, levando-as aceitar conscientemente todas as teses do materialismo sexual hoje em voga, nas sociedades burguesas ou proletárias? A mocidade católica não conhece seus deveres, não é instruída suficientemente nas leis naturais, morais e cristãs que regulam os atos mais sérios de sua existência. (...) Para impedirmos que essas e outras aberrações venham precipitar o resvalamento da nossa burguesia materializada para a filosofia comunista nesse e noutros terrenos, e venham também dificultar o esforço de recristianização das massas e das elites, em que se acham empenhados os católicos no Brasil, é que precisamos cuidar do nosso dever de cultura com atenção ainda maior que do nosso dever político. Para podermos cultivar cristãmente a nossa terra,, temos que começar por educar seriamente a nossa inteligência. Enquanto não vencermos a nossa ignorância é vão nos lamentarmos da ignorância alheia. O dever cultural dos católicos, portanto, é condição primordial de qualquer ação católica verdadeira em nosso meio social ou político”.¹

Para que se compreenda esse embate faz-se necessário ressaltar um dos aspectos referentes ao pensamento conservador católico: o fato de ser a história compreendida por um prisma espiritual, guiada pela Divina Providência, à imagem de um palco onde se desenrola a luta do “Bem” contra o “Mal”, imprimindo suas marcas na teia social onde mudanças seriam frutos de idéias e forças extra-humanas. Portanto, não se trata de uma história construída sobre bases e necessidades materiais, mas de uma história subjetiva, onde os homens seguem os desígnios de Deus ou contra ele se rebelam. Essa visão da história subordinada à teologia é

1 – Anônimo. *Dever Cultural dos Católicos*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, abr/1932, pp. 244-246 (Seção Registro).

característica do período medieval², onde ao menos duas visões se contrapunham: uma delas, tendo a concepção histórica como linear iniciada com a Criação seguindo em direção à Parusia e ao Juízo Final (a história seria vista como uma marcha da humanidade em direção a Deus ou à perdição); a outra defendendo uma concepção da história como cíclica e milenarista, na qual passados mil anos, o mal desencadear-se-ia e só um novo pacto com Deus permitiria que as forças do Bem triunfassem. Em qualquer das posições, a presença das forças divinas seria intrínseca ao processo histórico.

*“Na mentalidade medieval, qualquer objeto era dotado de uma essência própria e de uma virtude particular, por que estava referido a uma idéia divina, daí o difícil estabelecimento de relações de causalidade dentro da ordem física. Ter-se-ia passado o mesmo com ordem da história, sendo os acontecimentos percebidos como isolados uns dos outros, todos produzidos pela arbitrariedade divina”.*³

Como se vê na produção dos artigos de **A Ordem**, dois elementos são marcantes, quais sejam, a atuação da Divina Providência como força motriz da história e o afastamento dos homens com relação às leis de Deus como fonte de todos os males.

“(…) Dar a finalidade humana como sendo a riqueza, é a pretensão absoluta da materialização da História, contra a qual ergue-se a própria verdade histórica. Se o homem exerce atividade, quer no mundo interior, quer no mundo exterior, a influência da economia não é exclusiva no pensamento humano: há vários outros movimentos de consciência. O fato que levantou essa tendência materialista – que levaria a humanidade ao mais insondável abismo – é o afrouxamento, no correr dos séculos, das forças morais diante do surto revolucionário, e esse surto revolucionário é devido ao falseamento da verdade histórica universal, ao deslocamento do eixo de gravitação do organismo social, quer pela vaidade, quer pelo orgulho humano, quer pelo grande desejo de provar novas formas, novas teorias, e, principalmente, pela tendência dos homens a se desfazerem das rijas normas da boa conduta em vista de um destino sobrenatural que na sua transcendência se não evidencia diretamente à razão natural sem o auxílio da Fé e da graça divina..(…) Georges Sorel, socialista, inspirado na ‘Ruína do Mundo Antigo’ e no ‘Sistema Histórico’ de Renan, não poderia deixar de

2 - BORDÉ, Guy & Martin, HERVE. **As Escolas Históricas**. Portugal: Publicações Europa-América, 1983.

3 - Idem, p.16.

*negá-la (a graça divina) com sua ironia, pois o inefável bafejo da Fé não penetrou o seu espírito e com esse preconceito não pode ou que a criatura humana, presa às leis de espaço e tempo – as quais o Criador não se submete, como já dissemos – não pode, naturalmente, determinar”.*⁴

As origens desse conceito de História que muito influenciou os católicos conservadores no Brasil e no mundo estavam presentes no pensamento de Edmund Burke, Louis Ambroise De Bonald e Joseph de Maistre todos, críticos contundentes da Revolução Francesa e defensores da restauração monárquica sob bases religiosas (a junção entre trono e altar) num modelo de Estado divinizado, matizado pelo catolicismo, onde coexistiriam em perfeita harmonia a unidade da fé, a unidade do poder e a coesão do corpo social.

*“Quem não conhece a frase célebre do Visconde De Bonald, proferida quando a aristocracia européia pensou em organizar a contra-revolução, com que se propunha a esmagar os chamados “princípios de 89”? . Nesse momento, aquele ilustre pensador político, lançando a vista, angustiosamente inquieto, sobre o quadro caótico, que eram, então, as nações do continente europeu, e recordando-se, também, dos costumes dissolutos, e da incapacidade governamental da nobreza da época, respondeu com gesto melancólico e desorientado: “Nas horas de crise política, o difícil não é cumprir o seu dever; mas, sim, conhecê-lo”. Nada revela melhor a profundidade penetrante desse diagnóstico do que a situação que o Brasil está a atravessar, nesta hora sombria”.*⁵

Jackson de Figueiredo sofreu grande influência desses pensadores e, conseqüentemente, desta visão da história. A influência de De Maistre foi decisiva na formação filosófica e política de Jackson. De Maistre definia-se como um defensor da ordem monárquico-espiritual e da ordem social, baseada nos princípios católicos. Foi, em grande parte, devido às obras de Jackson (*Do Nacionalismo na Hora Presente*, 1921; *A Reação do Bom Senso*, 1922; e *Literatura Reacionária*, 1924) que tais pensadores tiveram repercussão no Brasil, sendo, também, freqüentemente citados nos artigos de **A Ordem**.

4 - PAGANO, Sebastião. *A Ação Católica*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, mar/1933, p. 204.

5 - SOBRAL PINTO, Heráclito. *Crônica Política*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, dez/1931, p.132.

*“Jackson de Figueiredo chegou a imaginar uma obra sobre o doutrinador francês – Joseph de Maistre e a Contra-revolução – para tanto juntando documentos. Não sabemos até que ponto chegou nesse projeto, do qual se publicaram os dois primeiros capítulos (seriam os únicos?), sobre as “origens remotas e profundas do satanismo revolucionário” e “esplendor da corrupção”.*⁶

Segundo, De Maistre, a Divina Providência era criadora e reguladora do destino dos povos, numa visão da história que naturaliza os acontecimentos de qualquer espécie, sejam econômicos, políticos ou sociais; como resultado das bênçãos ou das punições de Deus. Uma história linear e de feições proféticas, contra a qual não cabe aos homens insurgir-se, mas da qual cabe comungar.

*“Isso quer dizer enfim que se realizará então a profecia de Joseph de Maistre, quando, no fim do século XVIII, ao assistir à proclamação dos “direitos do homem” pelos ideólogos da Revolução Francesa, escrevia que o desfecho fatal de semelhante loucura seria o regresso à Igreja, proclamando os “direitos de Deus?”*⁷

Adaptando tais idéias à realidade brasileira de seu tempo, Jackson defende que a intelectualidade brasileira não encontra ressonância em princípios puramente materialistas, e, assim como seus seguidores, estabelece no catolicismo o elemento formador da nacionalidade. Segundo este princípio, o Brasil devia tudo o que fora e o que era, ao catolicismo, de modo que este seria sempre o elemento de unificação nacional.

Dentro desse contexto e segundo essa visão da história, toda mudança que tenha concorrido para a desagregação do mundo idealizado pelos teóricos conservadores católicos, consubstanciado nos modelos de hierarquia, corporativismo e fé, presentes na Idade Média, seria negativa, ou seja, traria em si a semente do mal. Destarte, o Humanismo, a Reforma Protestante, a Revolução Francesa, as teorias cartesianas, o Racionalismo, o Liberalismo e o Comunismo foram elementos considerados como altamente degeneradores da civilização cristã.

6 - *In Memoriam de Jackson de Figueiredo* Apud IGLESIAS, Francisco. **História e Ideologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981, p.121.

7 - TORREND, Camillo. *A crise atual*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jan/1932, p.30.

*“(...) Isto, porque a idade média foi, essencialmente, uma idade de fé que viu florescer uma civilização profundamente cristã, tendo sido tudo o que produziram as raças novas, germânicas, neolatinas, anglo-celtas, impregnado de religião, a tal ponto que ao medieval se tornou impossível considerar o mundo em seu valor próprio, tão íntima fora a penetração do cristianismo. Querendo os medievais, a todo transe, fundar o reino de Cristo, na face da terra, por mais que concedamos à crítica tendenciosa os recursos condizentes com seus caprichos, devemos, todavia, reconhecer que, politicamente, ao menos, eles levavam sobre nós, os modernos, a grande vantagem de verem nítido e claro o seu ideal, ao qual tudo sacrificavam, mostrando saber o que queriam. É impossível deixar de valorizar e muito a honestidade dos seus propósitos, a segurança de suas convicções, nas quais, mesmo quando em choque recíproco, eram sempre transparentes do desejo intenso de melhor servir a causa comum. E foi contra esse mundo impregnado de Cristo, contra essa sociedade profunda e vivamente cristã, que se levantou o humanismo, num trabalho de destruição e de morte”.*⁸

Um outro ponto a ser observado consiste na compreensão de que os inimigos da fé, embora caracterizados, ao longo da história, em diferentes grupos, seriam, na verdade, faces do mesmo mal; resultado do afastamento do homem com relação à vontade de Deus, da qual a Igreja Católica seria fiel depositaria na Terra, e contra a qual o inimigo conspira sempre, tendo como único objetivo sua destruição. Dessa forma, mesmo que salientadas as particularidades de cada grupo, sejam judeus, maçons, liberais ou comunistas, a análise dos artigos deve primar pelo que significam dentro de um conjunto, identificando e congregando o “espírito do mal”.

“Sim! Os grandes responsáveis pelo estado atual das coisas são os ideólogos de gabinetes, os ideólogos da Revolução Francesa, quer se chamem Voltaire, quando revoltava os ricos contra Deus, e lhes aguçava a cobiça excitando-os a tratarem do povinho com todo o desprezo e rigor; quer se chamem Rousseau, e por caminhos completamente opostos revolte os pobres contra os ricos, lançando a anarquia e a indisciplina por toda a grande família humana, proclamando espalhafatosamente os chamados “DIREITOS DO HOMEM” como se ele não tivesse também deveres sagrados, e entre eles, o de respeitar o direito dos outros, e muito mais os DIREITOS DE DEUS. Sim os grandes culpados e criminosos, são os faustuosos do Liberalismo, que Ruy Barbosa repudiou tão estrondosamente no seu discurso de Nova Friburgo; aqueles inexperientes que imaginavam que os Estados não deviam importar-se com a moralidade do povo e dos negócios; ensinando que o governo devia ser neutro em ensino oficial; e em matéria social ser apenas uma espécie de polícia encarregada

8 - HARGREAVES, H.J. *Separatismo Espiritual*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jun/1932, pp. 346-7.

*de manter uma tal ou qual harmonia de fachada entre os cidadãos, permitindo, porém toda a liberdade de pensamento, toda a exteriorização dos venenos mais corrosivos da inteligência contra a obediência às autoridades, contra a propriedade, contra os direitos dos pequenos e grandes proprietários.(...) Os grandes culpados são aqueles filósofos do século XVIII de que falamos, e os seus sequazes do século XIX, Renan, Haeckel, Lê Dantec e os do século XX, como Anatole France a quem o bolchevismo rubro reconhece como um de seus melhores aliados. (...) Que o fim desta vida é essencialmente gozar; homens funestos que, portanto, desenvolvem um egoísmo feroz, um individualismo ilimitado, uns desejos frenéticos de satisfazer os sentidos, e por isso ensinam a espezinhar os direitos mais sagrados da família e da sociedade, com tanto que a besta humana possa gozar á vontade dos bens materiais. As leis do divorcio e o ensino leigo e os extremos do freudismo e da eugenia não têm outro fim, isto é, bestializar o indivíduo e anarquizar a sociedade”.*⁹

Podemos observar pelo excerto que as transformações seriam promovidas por forças transcendentais que se manifestam no plano material, por meio das idéias e da política. O fator econômico, não é aceito como elemento motivador de transformações. Assim, os aspectos econômicos e sociais, seriam sempre conseqüências diretas de filosofias e ações políticas (inspiradas ou não por Deus).

Além do excerto exposto, na mesma edição de janeiro de 1932, num artigo da Seção Registro, que não identifica o autor, novos elementos são incorporados ao conjunto de inimigos, quais sejam, todos os não-católicos ou católicos que se insurgem contra os ditames da Igreja, e que se imiscuem com práticas consideradas inaceitáveis:

“A reunião do 1º Congresso da Liga rio-grandense pró-Estado Leigo, recentemente levada a efeito em Porto Alegre, veio mais uma vez pôr em foco o perigo que para a unidade nacional representa o laicismo compulsório, que seculariza radicalmente o Estado, afastando-o da sua natureza e divorciando-o da verdadeira realidade nacional. Esse Congresso reuniu fraternalmente, no ódio comum à religião do povo brasileiro, todas as seitas cuja obra mais patente até hoje tem sido quebrar a unidade de alma do nosso povo. Basta ler a enumeração das facções representadas na mesa diretora do referido Congresso, para se ter uma idéia do caos mental que representa a proliferação de todas essas seitas contraditórias, que só se unem para atentar contra a liberdade de consciência dos católicos, forçando-os a continuarem a viver sob o império de uma Constituição individualista e de uma legislação sem Deus. Eis, segundo o que publicaram os jornais de Porto-Alegre, com um alarde de publicidade que bem mostra a irradiação que essa mentalidade laicista vai ganhando, eis a lista

9 - TORREND, Camillo. *Causas morais da crise atual*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jan/1932, pp.16-18.

*dos vários credos religiosos e anti-religiosos, representados na mesa do referido Congresso: Adventistas do 7º dia, Igreja Metodista,, Teosofia,, Maçonaria, Sociedades Israelitas, Espiritismo, Maçonaria Mista, Legiões Femininas, Igreja Evangélica, Livres Pensadores...Vêem-se aí, lado a lado, várias seitas protestantes e mais os judeus, os teósofos, e os espíritas, de braço dado com os seus figadais inimigos Maçons e Livres Pensadores. Só um credo comum os reúne: o ateísmo do Estado. Só um inimigo comum os aproxima: a Igreja Católica”.*¹⁰

Mesmo sendo uma publicação elaborada e dirigida a intelectuais, um de seus objetivos era que seu conteúdo fosse levado a outras camadas da população. Faz-se necessário lembrar que a análise dos artigos propostos no período deste estudo (1930-1937), grande parte da população brasileira era iletrada ou não familiarizada com a erudição característica da revista, de onde a urgência de compor estratégias que tivessem ressonância entre as camadas populares; idéias simples, contendo forte apelo simbólico, caracterizadas por metáforas, expressões recorrentes e apelos à tradição. Para esta população, o que deveria ser assimilado não era o teor do discurso em si, mas as imagens que poderiam ser construídas a partir dele. Imagens essas que, resistiriam ao tempo e à lógica de outros contextos.¹¹

Dentre os elementos fortemente presentes no imaginário popular e, que o catolicismo incorporou com extrema habilidade à caracterização de seus inimigos, estava a figura do demônio, fonte primária de todo mal, desde a queda no Paraíso até o Apocalipse de João. Não pretendemos, com isso, insinuar que os intelectuais de **A Ordem** tivessem como base de argumentação a imagem do velho diabo medieval, mas, sim, ressaltar que seus atributos, sua malignidade, sua versatilidade, foram amplamente utilizados para a divulgação, legitimação e práxis da exclusão dos opositores da Igreja.

“Mais uma vez encontramos-nos em um terreno em que florescem mal entendidos ideais. Diz-se que o ódio contra a religião se propaga porque esta ‘anestesiou os homens (principalmente na Rússia) contra o progresso material’. De fato as ilustrações da revista dos ‘sem Deus’, sempre apresentam quadros novos, que encantam pelas suas belas casas, fábricas iluminadas, a técnica brilhante, podendo se ler como epígrafe: ‘Nada

10 - Anônimo. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jan/1932, p. 81 (Seção Registro).

11 -Partimos do princípio que, nos anos de 1960, após o golpe militar, período de grande recrudescimento do anticomunismo, já havia um imaginário construído nos anos de 1930, especialmente pela Igreja Católica, sobre as doutrinas socialistas.

*poderá servir de fundamento a mais do que em si contém. Inconcebível ser ele a razão suficiente de um terror que torna a lançar um povo inteiro no estado de escravidão. Não se trata só disso; está em jogo o poder e o domínio social. Trata-se de Lúcifer que combate contra Deus. As mesmas energias que em sentido positivo se chamam heroísmo e santidade, aqui se tornam fatores da aniquilação em sentido negativo. Estamos em uma noite em que mora o horror: a consciência cauterizada, em que o sangue do inocente Abel brada aos céus e Caim errante sem cessar, vagueia para longe”.*¹²

Segundo Carlos Roberto Nogueira, “mesmo incorporado ao imaginário coletivo do Cristianismo, o demônio não exerce tanto fascínio sobre a mentalidade otimista dos primeiros cristãos, pois a própria necessidade de afirmação da doutrina não abre espaço para o fortalecimento de tais idéias. A luta imediata era contra o paganismo. A medida que este embate toma fôlego, tudo quanto não é assimilável ao cristianismo, é relegado ao reino do Mal. Neste sentido, a Idade Média foi pródiga: reduziu as divindades pagãs à condição demoníaca”.¹³

Uma visão teológica do mundo que insistisse no poder do demônio, foi amplamente estimulada pela Igreja Católica, na Idade Média. Essa visão prestava-se à legitimação de seu próprio papel enquanto força monopolizadora deste combate (quanto maior era o poder do diabo maior deveria ser a força de Deus, representada pela Igreja). Este foi um período histórico privilegiado na construção do ideário do catolicismo conservador e das representações do Mal enquanto força atuante na Terra. É nesse momento, que tais representações ocupam todos os espaços, introduzindo-se nos corações e nas mentes. Não seria somente um inimigo externo, pois o Demônio poderia instalar-se no discernimento do homem e remetê-lo a toda sorte de irreverência, sacrilégio, indisciplina e rebelião.

Todas as justificativas apresentadas para compor o triunfo de satanás seriam de pouca valia se o *locus* do final do período medieval não fosse tão propício ao seu desenvolvimento: a crise da produção agrícola no século XIV, a fome, a “peste”, as legiões de marginalizados

12 – MUCHERMANN, Frederico. *Por que tanta frouxidão no combate ao Bolchevismo?* In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jan/1933, p.15.

13 – NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. São Paulo: Ática 1986, p. 18.

da decadente economia feudal, qual massa lenta que vagava pelas estradas ofereciam o cenário perfeito para a popularização da imagem e dos poderes do demônio (exacerbação da religiosidade ou de outro dispositivo similar, podem ser característicos dos períodos de crise, em que se atribui a determinados grupos a origem do mal). Os anos após Primeira Guerra Mundial, também foram marcados por intensas inquietações e crises nos modelos políticos.

Ao mencionarmos aqui, a figura do demônio buscamos resgatar sua herança aos séculos vindouros e sobre o “teor de sua malignidade” presente nos artigos da revista. Assim como a Igreja, o Demônio também se renova, emprestando sua essência a outros elementos, compondo novos inimigos, personificados naqueles que se rebelam contra a sua doutrina, afinal o que seria o Demônio se não o grande rebelde?

“(...) A minha força não é o lirismo inútil dos ociosos. Ela é a espada e a luz que Deus me deu para a luta. Sinto que minha voz será ouvida por algumas almas e me encho de alegria e orgulho por esse sentimento. (...) Defenderemos a inocência das crianças. Não defenderemos, porém, o que é condenado por Deus. A usura deverá ser corrida de novo dos templos, não defenderemos o egoísmo capitalista; a crueldade dos que têm o supérfluo, e impassíveis assistem irmãos morrerem à mungua, não a defenderemos. (...) Que os judeus crucifiquem o Cristo, que o insultem publicamente nas ruas, que ofendam as crianças dos humildes; que os judeus arrastem a púrpura do Rei esfarrapada, pelas cidades dominadas pelo demônio é que não consentiremos jamais! Estamos alertas! Trabalharemos no silêncio aclarando as consciências. É preciso desviar o destino do mar imenso que se deslocou numa onda única e vem se aproximando, e vem se aproximando, para a perdição não só dos poderosos mas dos humildes também. (...) O operário se ergue e sua palavra é violenta. O orador é impetuoso e as massas se agitam ondulado. Eu vejo as massas humanas se movendo, mas não é o Amor que neste momento as está dirigindo. Eu vejo que não é o Amor(...)”¹⁴

É interessante que percebamos as conexões estabelecidas na composição do artigo: usura, capitalismo, judeus, cidades dominadas pelo demônio, violência e a “onda única que vem se aproximando” a qual possivelmente faz referência ao comunismo. Essas ligações nos permitem reforçar, mais uma vez, o sentido de unidade em que os diferentes inimigos da Igreja (segundo a visão do catolicismo conservador e expresso por meio de **A Ordem**),

14 - Schmidt, Augusto Frederico. Carta e Mensagem. In: A Ordem, Rio de Janeiro, jan/1932, pp.118-9.

constituem-se num único Mal.

Travestidos de elementos característicos ao *locus* social, político, e econômico de cada época, os inimigos da Igreja foram identificados com determinados grupos e movimentos através da história, entre os quais destacamos a Reforma Protestante, a Maçonaria, a Revolução Francesa, o Liberalismo, o Judaísmo e o Comunismo. A este último daremos maior ênfase, pela abordagem de suas representações no contexto do ideário católico conservador.

Que seriam esses grupos, senão grandes rebeldes contra a causa divina? Cada um deles traria em si, elementos que destroem a ordem do mundo idealizada pela Igreja, espalham crises, promovem transformações. Citar, mesmo que de forma generalizante, algumas das características desses inimigos, faz-se necessário para uma maior compreensão do contexto de produção dos artigos.

A Reforma Protestante

A Reforma Protestante representou um duro golpe nas bases da Igreja Católica e um dos elementos geradores de profundas mudanças na Cristandade dos tempos modernos. Encarada pelo alto clero como desvio do caminho de Deus, e erro na interpretação dos dogmas da fé, motivados pela vaidade de Lutero e seus seguidores ela não significou apenas uma ruptura no seio do catolicismo, mas promoveu a contestação de seu primado nos assuntos da fé, propondo o livre exame e a livre interpretação da Bíblia. Representante da vontade de Deus na Terra, e, até então detentora do monopólio das consciências e mediadora do caminho da salvação, a Igreja Católica, instituição mais poderosa da Idade Média, vivencia o rompimento de sua unidade e o questionamento público de suas verdades. ¹⁵

15 – Presente desde o controle do tempo, da arrecadação de impostos à divisão de terras; da interferência em assuntos de governo à coroação dos reis; a Igreja Católica passara por inúmeros questionamentos ao longo da história, como os movimentos heréticos, as idéias defendidas pelos Franciscanos e as propostas de uma religião simplificada, combinando fé e razão pelo monge e professor de teologia, Erasmo de Rotterdam. Entretanto, nenhum deles foi tão marcante para o futuro do catolicismo ocidental, quanto o protesto de Lutero.

O contexto histórico da Reforma refletia a desintegração do modelo feudal e a emergência de um novo grupo social, a burguesia, para a qual determinadas matrizes do catolicismo (como a condenação da usura e a exaltação da pobreza) representavam entraves à nova ordem econômica e social almejada, de sorte que as propostas de Lutero encontram ressonância nesses meios.

Ao fixar suas 95 teses na porta da Catedral de Wittemberg, em 1517, o então monge agostiniano Martinho Lutero criticava a corrupção do clero, a venda de indulgências e a prática da simonia. No entanto, entre os temas de maior centralidade da Reforma estavam: a questão das boas obras (enquanto o catolicismo defendia que as boas obras redimem os pecados, os reformadores, em especial Lutero, pregavam que o homem se salva por sua fé, não necessitando de intermediários) e o livre exame, aliado à livre interpretação das Escrituras Sagradas (mais uma vez se fazia presente a contestação ao modelo hierárquico medieval, pretendendo tornar iguais os desiguais). Para a Igreja, o monopólio da interpretação da Bíblia era um ponto crucial, presente inclusive nas deliberações do Concílio de Trento, e, trezentos anos mais tarde, nas proposições do *Syllabus Errorum*.

A reação da Igreja não tardou, e, em 1545 foi convocado o *Décimo Nono Concílio Ecumênico da Igreja Cristã*, na cidade de Trento. Propondo uma reforma doutrinal e espiritual, o concílio reforçou o poder do papa, criou o *Index* de livros proibidos, manteve os sete sacramentos, reforçou o Tribunal do Santo Ofício, fixou regras para a formação dos sacerdotes e reafirmou a interpretação das Escrituras Sagradas, como tarefa exclusiva dos clérigos.

Encerrado o *Concílio de Trento*, a atividade da Igreja dividir-se-ia em duas frentes de suma importância: a *missionária*, conquistando novos e reconquistando velhos fiéis, e a *militante*, quase como um exército, pronto para o combate a velhos e novos inimigos.

Nos anos de 1930, esse combate ainda se fazia presente. No artigo *A Igreja e a República*, de fevereiro de 1932, Plínio Corrêa de Oliveira, descreve a Reforma como “sinistro tufão”, e padre Camillo Torrend identifica nos países que sofreram sua direta influência “frouxidão ética e desordem nas relações internacionais”:

“(...) Por outro lado é certo que o protestantismo dá às almas uma elasticidade de consciência lamentável, preparando-as para todas as capitulações perante os magnos deveres da hora presente. Basta lembrar a facilidade com que as nações protestantes aceitam o divórcio como por exemplo nos Estados Unidos, onde existem mulheres que se gloriam, como de um ato de virtude, de terem casado quarenta e tantas vezes; basta dizer que na Inglaterra uma maioria grande de bispos protestantes admitem em certos casos a legitimidade das práticas malthusianas do “birth control”(...)Basta lembrar enfim os excessos dos eugenistas, como o médico W. Popenoe, da Califórnia, que pede aos governos medidas para esterilizar uma média de 10 milhões de tarados ou cacogênicos que se encontram nos Estados Unidos. Gustave Hervé, o famoso comunista de antes da guerra, e hoje conservador decidido com muita exatidão fazia o confronto das nações protestantes perdidas sem remédio perante as crises modernas, com as nações católicas ricas de energias subconscientes, mesmo nas maiores desgraças, quando no fim do mês passado, filosofava sobre a queda da libra e escrevia na “Victoire”: “A França tem a boa fortuna de ser católica”(...) De mais a mais, do atrofiamento da consciência produzida pelo ateísmo nas nações católicas, e pela elasticidade dos dogmas protestantes, resulta outro grande fator de desordem nas relações internacionais o egoísmo espeznizador dos direitos do mais fraco”.¹⁶

Em julho do mesmo ano, a Seção Registro seria ainda mais contundente no ataque à Reforma e aos protestantes:

“A Igreja Católica é intolerante. É mesmo. Ela diz que a verdade está com ela. Ela afirma que fora do seu seio não é possível a salvação. Essa intolerância bem compreendida, é um sinal distintivo da Verdade. A Verdade, onde quer que exista, não tolera a contradição. E a tolerância não é mais do que a conformação da verdade, com a negação dos seus direitos. Mas, enfim, a Igreja é intolerante. Para combater essa intolerância ergueu-se um apóstata, Lutero, e do seu ventre saíram numerosas modalidades de heresias a que foi dado um rótulo comum: Protestantismo. Vamos todos ao livre exame, diziam os bandos rebeldes exaltados pela fúria de seus instintos. A essa gente, com efeito, mais do que outro motivo, animavam as suas concupiscências. E o Protestantismo ficou sendo uma intolerância em nome da cobiça. No Brasil, excetuando alguns homens de boa-fé e um bando de criaturas ignorantes, o Protestantismo não passa de uma máquina de empregos ou uma empresa de caixeiros-viajantes a serviço da indústria americana. O Protestantismo é um negócio.”¹⁷

16 – TORREND, Camillo. *A decadência das nações protestantes*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jan/ 1932, p. 18.

17 – Anônimo. *Os nossos irmãos Batistas*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jul/1932, p. 379 (Seção Registro).

Este excerto mostra-nos quão visceralmente inimigo do protestantismo (que abrigava liberais e maçons) era o catolicismo conservador. Presentes desde as primeiras edições da revista, os ataques aos protestantes, às suas idéias e manifestações só diminuem a partir de 1934. Provavelmente, como resultado do avanço das idéias comunistas naquele período. Destarte o protestantismo fosse, ainda, um poderoso inimigo, naquele contexto específico da história brasileira, católicos e protestantes cerravam fileiras numa mesma trincheira: a guerra contra o comunismo. Naquele momento, era preferível unir forças (mesmo que de forma velada) ao Protestantismo, numa tática de auto-defesa, a permitir que o comunismo triunfasse e, ambos os credos fossem extintos.

A Maçonaria

Freqüentemente combatida nos artigos de **A Ordem**, a Maçonaria figurava, desde muito tempo, entre os mais ferozes inimigos da Igreja. Nas diversas correntes que tentam estabelecer sua origem, temos duas variações mais aceitas: uma, que a localiza nas antigas civilizações orientais (muitos símbolos dos rituais maçons têm sua origem no antigo Egito e na Mesopotâmia); outra, mais corrente, diz que a maçonaria teria sua origem nas *Corporações de Ofício* medievais, especificamente aquelas ligadas a arquitetos e pedreiros.

Maçonaria, Judaísmo, Liberalismo e Comunismo eram as faces de um mesmo mal. Através de seu caráter secreto e conspirador, infiltra-se nos governos, criando um poder paralelo dentro do Estado.¹⁸ A Maçonaria estaria, nesta concepção, presente em todas as

18 – O envolvimento de políticos com a maçonaria, no Brasil, foi alvo de intensas críticas por parte da Igreja Católica. Há referências de Lojas Maçônicas desde os primórdios da colonização, e sugere-se o envolvimento de seus membros em rebeliões como a Inconfidência Mineira e a Revolução Pernambucana. Porém, documentalmente provada, a primeira Loja regular instalada no Brasil foi a Loja Reunião, filiada ao Grande Oriente da França, n(n)5.72023(17(g)5.72171.721099(õ)27.2789(d)-6.295585()-0.147792()-0.147792(d)-0.295585(o)-0.295585

rebeliões e movimentos revolucionários, cujo ápice foi a Revolução Francesa.

Uma das mais ferozes críticas da Igreja à maçonaria, deve-se a seu caráter secreto, atributo daqueles que conspiram. Além disso, a maçonaria detinha um corpo de doutrinas filosóficas que rivalizavam com o monopólio de saber e salvação pertencentes ao catolicismo. Para os conservadores, a maçonaria simbolizava essencialmente o racionalismo e as revoluções, sendo o “criadouro” das conspirações para a destruição da Igreja. Combatê-la seria, antes de tudo, um dever espiritual, pois isso poria fim ao materialismo dos “sem-Deus”.

São inúmeros os artigos da revista que combatem os maçons, desde aqueles que utilizam argumentos filosóficos e religiosos, até os que recorrem à análise de questões políticas. Desde a fundação da revista, até por volta de 1928, a Maçonaria deteve o posto de inimiga primeira da Igreja, posto perdido após 1932 para o comunismo.

Neste contexto, o artigo *Nuvens*, escrito em janeiro de 1932, por Alceu Amoroso Lima, coloca a Maçonaria dentro do cenário político brasileiro por ocasião da elaboração da nova constituição:

“Para todos aqueles que se acham empenhados em restabelecer, na sociedade brasileira, os laços de harmonia que formam a estrutura fundamental de uma nacionalidade sadia, e portanto de modo muito especial para os católicos, o acontecimento mais inquietante dos últimos tempos foi sem dúvida o decreto com que o interventor positivista de São Paulo desautorou (sic) o Governo Federal, “proibindo o ensino das religiões nas escolas públicas”, como ele próprio escreveu. (...) Esse pormenor do incidente, em que se acham empenhadas a dignidade do Governo Provisório e a esperança do restabelecimento da paz e da ordem legal na sociedade brasileira, é sintomático dos processos empregados para coibir, por todos os modos, a tarefa civilizadora e espiritualizadora da Igreja em nosso meio.(...) Como se sabe, fundou-se no Brasil um organismo militante para destruir essa pequena conquista da consciência religiosa nacional e para defender por todos os meios, e, sobretudo pela intriga e pela calúnia, o laicismo da Constituição de 1891. Essa “concentração pró Estado Leigo” é toda ela orientada pela Maçonaria, sendo o seu presidente um conhecido médico carioca Dr. Pedro da Cunha, membro proeminente da Maçonaria.(...) Ora, o que se acaba de passar em São Paulo, por intermédio do Interventor positivista, é um golpe que não tem caráter positivista e sim caráter maçônico. Foi por um ato de visível hostilidade e não por um ato de fraternidade e entendimento, que o coronel positivista procedeu. Se bem que saibamos quanto as idéias entre nós perdem a pureza original e quanto pode a paixão sectária, estamos inclinados a crer que um positivista convicto, e de boa fé, como se diz que é o Coronel de São Paulo, não teria sozinho a deslealdade de praticar tamanho ato de hostilidade patente contra a Igreja e contra o Estado, como esse do seu decreto revogando um decreto federal e oprimindo a consciência de 55.000 crianças

católicas só na capital.(...) Meditem profundamente os católicos brasileiros na gravidade desses sintomas! Pensem bem que o momento não permite mais o otimismo falso, com que muitos adversários pretendem adormecer o nosso cuidado! Compreendam enfim que chegou a hora de defender-mo-nos contra aqueles que não recuam diante de meio algum para derrubar a Igreja de Cristo e portanto ferir com isso, a nacionalidade nas suas forças vivas”.¹⁹

Liberalismo e Revolução Francesa

No contexto do ideário conservador, a Revolução Francesa foi o momento histórico de mais forte contestação aos valores cristãos, tanto pelo conteúdo dos emblemas que carregava, como pelas transformações que promoveu na sociedade. O anticlericalismo de muitos dos revolucionários deixava nos católicos conservadores, a nítida impressão de que, se tratava de uma revolta satânica contra Deus, na figura da Igreja, sua representante na Terra.

Estes teóricos defendem que a Revolução Francesa fortaleceu e “disseminou” o Liberalismo, não levando em conta as transformações que ocorriam desde o século XV, com a chegada de Colombo à América, a intensificação do Mercantilismo e, no século XVIII, a Revolução Industrial, que transformaria as relações de produção em toda a Europa. Esta observação nos faz ver como tais teóricos enfatizam a importância do político-filosófico em detrimento do econômico como fator de transformações sociais.

“(...) O liberalismo que, como uma mancha de azeite vem, desde o século XVI, se alastrando pelo espírito humano, e cuja disseminação Leão XIII, na sua imortal Encíclica Immortale, caracterizou: “com Lutero, ele investe contra a religião cristã e a perturba. Por um declive natural, passa à filosofia. Da filosofia vai envenenar toda a hierarquia da sociedade civil. Das regiões da política, desce afinal para a esfera vizinha, da ordem econômica. O liberalismo que, sob a capa das acomodações e lisonjeando as paixões humanas, vai solapando e sacrificando os grandes e imortais princípios religiosos, sociais, morais e econômicos. O liberalismo daqueles que, ainda no dizer de Leon Daudet, “reverenciam o Bom Deus, respeitando porém, o diabo”. (...) O liberalismo que teve em Rousseau, o codificador de seus fundamentos básicos no Discurso sobre a Desigualdade, no Contrato Social, no Emílio e na Profissão de Fé do Vigário Saboiardo, cujas teorias foram

19 - LIMA, Alceu Amoroso. *Nuvens*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jan/1932, pp. 3-8.

adotadas, divulgadas e alçadas em leis, pelas seitas maçônicas, muito embora o próprio Rousseau mostrasse aos seus discípulos e admiradores a inxequibilidade das suas contraditórias e incoerentes fantasias reformadoras. Esse liberalismo prejudicial, virulento, hipócrita, acomodatório, incoerente, cuja ação danosa iremos observar na história de nossa pátria, indigitando as suas falsas doutrinas e as suas falsas atitudes”.²⁰

Na visão dos autores, a Revolução Francesa era obra do Judaísmo, através de seu braço secreto, a Maçonaria, que inaugurava a era do individualismo, do fim da autoridade, do estabelecimento de uma nova concepção de igualdade. Em nome de um direito racionalista, em nome de um novo modelo de governo, se derrubava o rei, que ocupava o trono pela vontade de Deus; em nome de uma nova ordem econômica afirmava-se a exploração do trabalhador pelo capital, a destruição do mais fraco pelo mais forte. A Igreja mantém sua postura de defesa à propriedade privada, à hierarquização social e à ascensão de uma elite ilustrada católica, no comando da sociedade (o governo dos melhores).

Nesta mesma linha de pensamento, a revista **A Ordem**, num artigo de 1932, critica os princípios democráticos e a escolarização para todos, propondo que uma elite ilustrada católica conduza a “massa inculta” e sem direção. Escolaridade para todos, sempre foi um tema que encontrou fortes opositores na história brasileira.

“(...) E qual a razão alegada para essa inversão de valores: o dever de educar para uma democracia. Mas o que chamar então de democracia? O nivelamento das inteligências num plano que possa ser

Destarte seus ideais, a Revolução Francesa engendrara atos de descristianização da sociedade, por meio da instituição do Estado laico (na visão católica o “Estado sem Deus”), dos artigos da Constituição Civil do Clero e da laicização do calendário, que, em 1793, desvinculou a tradição cristã da sociedade civil.

A Revolução Francesa seria a vitória do ideário liberal que “manifesta-se, desse modo, em todos campos da atividade humana, correndo de cima a baixo todo o sentido de disciplina e ordem fundadas pelo espírito do bem. É, segundo o modelo católico conservador, a verdadeira causa da insociabilidade entre os homens, fazendo com que o individualismo corruptor pregue o desamor à pátria e as suas tradições.(...)”²². Encarnaria, também, a rebelião contra a fé e a moral sob os emblemas da liberdade, do progresso e da ciência.

“(...) Vitoriosos os princípios da revolução, na França, alastrou-se o republicanismo delirante e satânico (De Maistre. Le Pape. Discurso Preliminar) dos sans-culotte e do “Ça-ira” como um incêndio devorador por quase todos os países ocidentais. (...) O formidável caos de idéias, que se constituiu depois da Revolução, e as condições absolutamente imprevisíveis em que se apresentava o mundo, tornaram muito delicada e por vezes embaraçosa a aplicação dos princípios católicos às situações de fato que iam surgindo. Em torno da Igreja, as paixões humanas teceram uma larga rede de calúnias e de equívocos. E tão densa se tornou tal rede que a mão paternal dos Pontífices, não podendo desemaranhá-la pela persuasão e bondade, teve de cortá-la como o nó górdio de Alexandre, com excomunhões e penalidades. Seria longo historiar a crise intelectual por que passaram os católicos franceses, com referência ao problema das formas de governo. Para resumir, basta dizer, que, enquanto alguns católicos se entregavam às mais extravagantes tentativas, procurando conciliar o Catolicismo com o socialismo e o próprio comunismo, outros, alarmados pela ação nefasta e anticlerical da república francesa, se apegaram à monarquia, a ponto de declarar que a Igreja só deveria reconhecer como legítima a forma de governo monárquica! A Igreja, depositária de princípios eternos, não podia abandonar em caso algum sua neutralidade tradicional. Aconselhou, exortou, doutrinou sem resultados apreciáveis. Daí uma dupla série de crises, que, distanciadas entre si pelo tempo, se ligam intimamente pelo significado; em primeiro lugar, a condenação de Lamennais, e depois do “Sillon”, que pretendia forçar a Igreja a reconhecer a legitimidade apenas da democracia. E mais tarde a excomunhão da Action Française, que pretendia impor à Igreja a condenação da forma republicana. Tais fatos demonstram cabalmente a inflexível independência da Santa Sé, e sua rigorosa e imparcial neutralidade. No entanto, as lojas maçônicas, eternas exploradoras da

22 – Gustavo Barroso. *O quarto Império* Apud RAGO FILHO, Antonio. **A crítica romântica à miséria brasileira: O Integralismo de Gustavo Barroso**. São Paulo: 1989 (Dissertação de Mestrado, PUC-SP).

*mentira e do dolo, afirmavam que a Igreja era inimiga do regime republicano, e que, por sua vez, este significava forçosamente o laicismo, quando não ateísmo de estado”.*²³

O excerto refere-se a dois movimentos que acabam severamente condenados pelo papa: o *Sillon* e a *Action Française*. O primeiro foi condenado por sua aproximação com o ecumenismo e a democracia (na visão do catolicismo conservador, aproximando-se do socialismo); enquanto o segundo, por radicalizar sua posição em favor do regime monárquico. Charles Murras, um dos principais articuladores desse movimento, foi abandonado por muitos dos católicos conservadores.

Judaísmo

Nas palavras de Marc Ferro,²⁴ a história dos judeus é uma história exilada, repleta de silêncios. Entre os silêncios, está o anti-semitismo, fenômeno social coletivo tão antigo como o cristianismo assumindo, diferentes formas, manipulado por diferentes grupos ao longo da história.

Hannah Arendt²⁵ quebra parte deste silêncio, quando aborda questões delicadas sobre o tema, como a postura dos judeus ao longo da história, enquanto grupo dividido entre ricos e pobres, ocidentais e orientais, cujas motivações e aproximações com o poder vigente em cada época foram diferenciadas, bem como as contradições na relação ambígua entre judeus e não-judeus.

Para tanto, a autora analisa período medieval, quando o anti-judaísmo de cunho teológico era patente e os judeus eram vistos como “povo deicida”, de “religiosidade errônea” e “inimigo dos cristãos”, pois no dizer destes, os judeus objetivavam “negar e destruir a Igreja de Cristo”.

Mesmo isolados em guetos, havia entre os judeus aqueles que por gozarem de uma situação financeira privilegiada (conhecidos como judeus-da-corte), recebiam proteção dos

23 – OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *A Igreja e a República*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, fev/1932, pp.186-7.

24 – FERRO, Marc. *A história vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

25 - ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

soberanos em troca de empréstimos, administração de bens e finanças, e contatos comerciais. Dessa forma, havia “judeus úteis” ao meio econômico e político, que defendiam sua posição de protegidos e detentores de pequenos privilégios, mesmo em detrimento da maioria de seu povo na Europa medieval, relegado às perseguições e abusos de toda sorte.

Com o surgimento das Monarquias Nacionais, a esfera estatal passa por um processo de alargamento de sua influência econômica, necessitando de créditos cada vez mais altos, e, novamente, se recorria aos judeus “emprestadores” de dinheiro. Desse modo, interessava aos monarcas que os judeus permanecessem como grupo à parte na sociedade, haja vista que os setores não-judeus negavam-se a lhes conceder empréstimos e participar de negócios do governo.

No século XVIII, a consolidação do ideário moderno de Estado-nação, que teve na Revolução Francesa sua maior expressão, traria a esta relação alguns inconvenientes, como o fim dos privilégios a determinados grupos e a extensão da cidadania a todo o corpo social, numa estrutura política e jurídica que só poderia funcionar em condições de igualdade legal. Ao mesmo tempo, a idéia de Estado-nação supunha unicidade, origens, valores e tradições comuns, gerando uma contradição: num momento de valorização da nacionalidade, seria concedido aos judeus, povo cosmopolita por excelência (originário de todos os lugares e de nenhum lugar, portador do estigma de “errante” por condições A95585(i)é78nt,nar,osd4(o)-0.2955855850

Rothschild comandavam casas bancárias na Alemanha, Áustria, França, Itália e Grã-Bretanha. Tamanho era seu poder, que qualquer empréstimo estatal na Europa passaria, obrigatoriamente, por seu aval.

Ainda, segundo Hannah Arendt, esta relação intrínseca entre governos Europeus e fortunas judaicas só seria alterada com o desenvolvimento da política Imperialista no século XIX, quando se inicia um racismo de bases “científicas” e um anti-semitismo de feições político-ideológicas.

Nesse momento da história, os Estados se tornam os agentes da expansão política e geográfica além de monopolizadores de instrumentos de repressão nas áreas conquistadas, despertando o interesse de negociantes não-judeus em aliar-se a seus projetos, fazendo com que os judeus (embora ainda mantivessem sua influência e posições de destaque no quadro político e econômico da Europa), perdessem gradualmente sua posição exclusiva e singular.

“Como grupo, o povo judeu do Ocidente europeu desintegrou-se juntamente com o Estado-nação nas décadas que precederam a deflagração da Primeira Guerra Mundial. O rápido declínio da Europa após a guerra já os encontrou destituídos do antigo poder, atomizados num rebanho de indivíduos mais ou menos ricos. Na era imperialista, a riqueza dos judeus havia se tornado insignificante; para a Europa, desprovida de equilíbrio de poder entre as nações que a compunham, e carente de noções de solidariedade intereuropéia, o elemento judeu, intereuropeu e não nacional, tornou-se objeto de ódio, devido à sua riqueza inútil, e de desprezo, devido à sua falta de poder.” ²⁷

É neste contexto histórico que muitos judeus ricos deixam o mundo das finanças, partindo para atividades liberais na esfera das ciências, artes e comunicação.

Analisar a trajetória das relações entre judeus ricos e governos remete-nos a três importantes observações com relação ao anti-semitismo. A primeira delas é a demonstração de como judeus foram amealhando o desprezo de diferentes grupos sociais: da aristocracia, que, embora antes, fosse sua protetora e muitas vezes aliada, após a Revolução Francesa passou a identificá-los com o Estado, cerrando fileiras junto ao conservadorismo

católico, que via nesse povo o desejo de domínio mundial; da pequena e média burguesia, católica, que via nesse povo o desejo de domínio mundial; das camadas populares que

27 - ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 35.

Ligava os judeus às atividades parasitárias, riqueza e privilégios; e, finalmente, dos governos, com os quais estabeleceram alianças, independente do que representassem, e para os quais se haviam (na fase do imperialismo político europeu) se tornado “desnecessários”.

O segundo ponto leva a perceber que a origem da desconfiança de muitos anti-semitas não era desprovida de matrizes concretas, pois, em determinados momentos, o poderio econômico dos judeus e sua vasta rede de relações internacionais levavam a crer que estes realmente almejavam o domínio mundial.

Finalmente, o fato de os judeus, detentores de grandes fortunas, se mostrarem contrários à extensão do direito de cidadania aos demais judeus, a quem procuravam controlar. Os judeus ricos, na tentativa de manterem-se enquanto grupo privilegiado frente aos governos nacionais, colaboraram para uma diminuição da coesão ideológica enquanto grupo minoritário na sociedade, da unidade de propósitos e da solidariedade dentro de suas próprias comunidades, remetendo toda a “comunidade judaica” à uma situação de fragilidade frente às investidas anti-semitas.

Quanto às formas assumidas pelo anti-semitismo, podemos distinguir dois modelos descritos por Maria Luiza Tucci Carneiro, em *Anti-Semitismo na era Vargas*²⁸: o *tradicional*, expresso principalmente entre os séculos XV a XVIII, na Península Ibérica; e o *anti-semitismo moderno*, manifesto a partir do século XIX, cuja expressão máxima foi o fenômeno nazista.

O anti-semitismo tradicional centraliza seu antagonismo na questão religiosa, que serviu de válvula de escape a interesses políticos e econômicos, com especial vigor em Portugal e na Espanha. Fenômeno entendido por Anita Novinski como escamoteamento de uma luta de

28 - CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O anti-semitismo na Era Vargas**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

29 - Idem, p.9.

O Iluminismo e a Revolução Francesa, com suas propostas de racionalismo, de igualdade civil e cidadania, contribuirão para a extensão de alguns direitos a grupos excluídos ou minoritários, entre eles, os judeus. No entanto, o Século das Luzes, do progresso e da ciência, lançara as bases para o cientificismo do século XIX, abrindo espaços para as teorias racistas, inaugurando o anti-semitismo moderno. Apoiado em teorias antropológicas e etnológicas, o chamado “racismo científico” divide a humanidade em raças superiores e inferiores, cujos atributos variavam de características físicas a traços morais e psicológicos.

No período proposto para análise dos artigos de **A Ordem**, o anti-semitismo tradicional e moderno emergem de maneira clara, mesmo que exaustivamente negados, e somam-se a outros fatores, ora por questões religiosas, ora por questões políticas.

Entretanto, a maioria das críticas não se dirige à “raça judaica”, enquanto fator genotípico ou biológico, mas, sim, ao “espírito judaico”, ligado ao “banqueirismo internacional”, ao capitalismo apátrida, e, portanto, cosmopolita, contrário ao ideal ruralista e corporativo preconizado pelo pensamento conservador.

“Convém, preliminarmente, afastar do leitor a impressão de que participamos da generalizada prevenção existente contra os judeus. Ser anti-semita é ser inimigo da raça semítica. Ora, como pode um católico ser inimigo da raça a que pertenceu Jesus, a que pertenceu Maria Santíssima, a que pertenceu São José, a que pertenceram os Apóstolos. Tomando no seu verdadeiro sentido, o anti-semitismo é mais do que um erro é uma blasfêmia. No entanto, está provado que a religião do Talmud está cheia do maior rancor à civilização cristã. Está provado que ela faz da perseguição aos cristãos um dever, e do arrasamento do catolicismo um ideal. E esta religião é professada pela maioria dos judeus, que, ainda que não aceitem às vezes sua parte religiosa, aceitam sempre sua parte social. Segue-se daí que a maioria dos judeus conspira permanentemente contra a Igreja e a Civilização Católica, como contra estas conspirariam negros, brancos ou amarelos, se professassem a religião hebraica. O mal não é, pois, tanto de raça, quanto de crença. Como consequência todo o judeu que rejeita os erros religiosos de sua raça e se converte sinceramente ao catolicismo será, para mim, um motivo de alegria e entusiasmo. E todo o não-judeu, que porventura abraçasse a religião de Israel, seria para mim objeto da necessária cautela com que os católicos devem tratar os adeptos do Talmud. (...)”.³⁰

30 - OLIVEIRA, Plínio Corrêa de, *O verdadeiro perigo Comunista*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, agos/ 1933, p.555.

Temos aqui a mistura entre o anti-semitismo tradicional e o moderno, na medida em que, ora o problema é a religião, ora é a questão política, embutida no “espírito judaico”. Os argumentos contradizem-se quando, em determinados momentos, critica-se a religião e não a raça, e, em outros, critica-se o “espírito- judaico” e não a religião, sendo que, na maioria das vezes, critica-se a ambos. Momentos há em que raça, religião e espírito judaico tornam-se a mesma coisa. De qualquer modo, o judeu simboliza o estrangeiro indesejável, inassimilável, portador de doutrinas exóticas, estranho aos costumes e anseios do povo brasileiro, contrário às tradições defendidas pela Igreja.

Surge daí uma questão que, até hoje causa constrangimento nos meios católicos: **A Ordem** era uma publicação anti-semita? Esta não é uma pergunta de resposta simples, muito menos fácil, a menos que nos enveredemos em visões maniqueístas ou assumamos posturas de julgamento, o que em nenhum momento foi nosso propósito. A tentativa de resposta a esta questão remete-nos a uma outra pergunta: o termo *anti-semita* pode ter vários significados? Pode haver diferentes graus de anti-semitismo?

Acreditamos que o contexto em que surge o fenômeno anti-semita (assim como suas motivações), pode estabelecer diferenças entre tipos de anti-semitismo, bem como, entre tipos de anti-semitas. Essa questão é levantada por Antonio Candido, no prefácio do livro *Anti-semitismo na Era Vargas*, obra já citada de Maria Luiza Tucci Carneiro:

“(...) Algumas vezes, Maria Luiza trata o anti-semitismo dos funcionários (do governo), políticos e intelectuais como se fossem equivalentes. Mas ainda aqui convém distinguir, não só porque há graus no inferno, mas porque na prática a existência de matizes pode resultar em atitudes mais ou menos humanas. (...)”³¹

Se, conforme a argumentação de Hannah Arendt, torna-se claro o equívoco de se empregar o termo *povo judeu*, enquanto sinônimo de homogeneidade, também podemos supor que, a utilização do termo *anti-semita* comporte idéias heterogêneas. Sem, entretanto, estabelecer uma resposta definitiva à pergunta se **A Ordem** era ou não uma publicação anti-

semita, podemos estabelecer alguns apontamentos: considerando que a revista fosse anti-semita, o grau desse anti-semitismo não atingia as propostas de extermínio físico dos

31 - Antonio Cândido *Apud* CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Anti-semitismo na Era Vargas**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

judeus, como no exemplo da Alemanha Nazista, nem havia em suas bases posturas racistas, no sentido biológico, de forma que os articulistas sempre se opuseram às teorias darwinistas, arianistas e eugênicas. O elemento de mais profunda contestação aos judeus não era a religião, mas, sim, a ligação com as finanças e seu caráter internacional (temos aí a crítica ao “banqueirismo internacional judaico”, bem como a crença de que este grupo detinha o monopólio do capital mundial); a queixa não era específica ao *povo judeu*, mas a indivíduos que formavam “Estados paralelos” dentro dos países, comprometendo o desenvolvimento do ideal nacionalista defendido pela revista.

Baseados nessa argumentação poderíamos afirmar que o anti-semitismo de **A Ordem** não alcançou posturas extremadas, com propostas de exclusão, isolamento ou extermínio dos judeus, o que, entretanto, não o torna menos nocivo à medida em que combateu a imigração destes ao território brasileiro, num momento histórico em que eram perseguidos pelos nazistas. Da mesma forma, defendeu as primeiras medidas tomadas por Hitler, na Alemanha, identificando em seu governo a possibilidade de concretização do Nacionalismo Cristão. O apoio a Hitler só foi retirado, quando este assumiu diretrizes contrárias àquelas almejadas pelo catolicismo.

O combate à imigração judaica tinha sua razão de ser segundo o pensamento conservador, que almejava o retorno a uma sociedade rural, baseada nos moldes da Idade Média. A maioria dos judeus que buscavam refúgio no Brasil, naquele momento, provavelmente fosse oriunda da Europa Central e Ocidental, ligados a atividades urbanas.³² Naquele contexto, a argumentação, fosse legítima ou enganosa, baseava-se no ideal de sociedade objetivado pelos católicos conservadores do qual os judeus citadinos, ligados ao capital e às artes, destoavam cabalmente. Dessa questão específica, trata o artigo *A Imigração Judaica*, de 1933:

“(...) Cabe-nos investigar, porém, se a imigração judaica nos é conveniente, se os judeus vêm cooperar para o desenvolvimento do país, no campo, ou vêm apenas aumentar a classe parasitária dos capitais. Para a compreensão do ponto de vista em que nos colocamos, devemos partir de um princípio: é o judeu

32 - Segundo Hannah Arendt, os judeus da Europa Oriental tinham maior tradição em atividades ligadas à agricultura devido ao atraso industrial de seus países; já os da Europa Central e Ocidental, habitantes de nações industrializadas, dedicavam-se a profissões ligadas ao ambiente urbano.

refratário ou não aos trabalhos agrícolas? (...) É num autor possivelmente judaico, E.Eberlim, que encontramos o mais forte requisitório contra a capacidade dos israelitas para os serviços agrícolas. Requisitório que é uma advertência para os povos tradicionalmente cristãos, para o Brasil por exemplo que deve receber imigrantes selecionados, quer do ponto de vista físico, quer do ponto de vista moral. Eberlim considera a imigração judaica um fenômeno social de ordem particular, uma corrente continua e permanente. Em 3 imigrantes judeus vê um desempregado e um alfaiate. O elemento agrícola é insignificante. Citadinos e artistas – insiste Eberlin – os israelitas convergem sua atenção para as grandes cidades, ocasionando a super-população. (...) É a preferência pela cavaqueira, pelo trabalho fácil. As metrópoles seduzem-no: Nova York, Paris, Berlim, Viena, Varsóvia, Buenos Aires, Rio de Janeiro.(...). A imigração judaica, em suma, é extremamente nociva aos nossos interesses. Não nos serve. O judeu não possui, por exemplo, as características do italiano ou do alemão. Não lavra a terra. Entrega-se á agiotagem das vendas de fazendas e móveis. Á prestação, sabem-no todos.(...)”³³

Muito mais que qualquer outro povo na história humana, os judeus encarnavam milenarmente, o “espírito” do estrangeiro que doravante tornar-se-á indesejável e inassimilável. Sem intenção de desviar o foco da discussão, que não é o judeu por si mesmo, mas, enquanto uma das faces da estranheza, assimilada como maléfica pelo catolicismo conservador e expresso na revista, lembramos que esta prevenção contra o tudo que é diferente dos modelos pré-estabelecidos por um grupo ou nação, seja um povo ou uma idéia, foi tema tratado com extrema sensibilidade por Julia Kristeva:

“A indiferença é a carapaça do estrangeiro: insensível, distante, no fundo ele parece fora do alcance das agressões que, contudo, sente com a vulnerabilidade de uma medusa. É que o afastamento onde o mantemos corresponde àquele em que ele próprio se aloja, recuando até o centro indolor daquilo que chamamos alma, essa humildade que, definitivamente constitui-se de uma nítida brutalidade.(...) Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória

*emergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência, nada mais”.*³⁴

Assim como o anti-semitismo, o movimento sionista e a luta pela construção da “pátria judaica” ganhavam força desde o final do século XIX, mais acentuadamente no início

33 - LOPES, Osório. *Imigração Judaica*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jul/1933, pp.584-587.

34 - KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco Editora, 1994, p.15.

dos anos de 1930. Além da Palestina, terra prometida dos hebreus, aventava-se a possibilidade de que outros territórios, com grandes fluxos migratórios de judeus, pudessem abrigar a “nação judaica”. O Brasil figurava entre elas.

Uma imigração em massa de judeus ao Brasil tornava-se alvo de um combate de primeira ordem nas páginas da revista. Não haveria nisso qualquer sombra de racismo, argumentavam, mas, sim, uma preferência pela imigração daqueles que qualificavam como “raças tradicionalmente católicas”, mais adaptáveis à nossa religião, tradições e ao modelo de sociedade que o catolicismo conservador buscava constituir.

*“A política de Hitler determinou a evasão de alguns milhares de judeus alemães. O Brasil ganhou, como era natural, algumas dezenas ou centenas. A naturalidade é explicada pelo fato da América do Sul ser a moderna terra da promessa. Estabelecendo as bases do programa que abriu novas luzes ao problema judaico, Theodoro Herzl lançou uma pergunta que exprime a tendência para a canalização imigratória rumo a estas paragens: “**Palestine ou Argentine?**” O Brasil está marcado... Não poderá eximir-se à penetração. Antecedentes históricos justificam a razão de ser da preferência, já na frota de Cabral...”*³⁵

A “preferência pelas raças católicas” está expressa em vários artigos, como em *Ameaça Amarela*, presente na Seção Registro, agosto de 1932, sem identificação do autor, onde é criticado o expansionismo do Império Japonês e manifesta a desconfiança em relação à presença de estudantes e imigrantes japoneses na Amazônia, bem como no artigo, do mesmo ano, *Um santo de cuecas...*

“Quando Gandhi, o famoso agitador hindu, veio à Inglaterra conferenciar com o governo britânico, os jornais europeus ocuparam-se largamente dessa passagem.(...) Os amantes de singularidades tiveram, então, largo pasto em que faltar seu apetite voraz de extravagâncias e ineditismos. O assunto, incontestavelmente, prestava-se a toda sorte de fantasmagorias e, por isso, usou-se e abusou-se das construções imaginosas em

torno do “fakir de lunetas”. Chegou-se francamente ao disparate. Assim, por exemplo, louvaram-se com ardor suas virtudes, principalmente sua humildade e, um desses louvaminheiros (sic), num surto audaz e hiperbólico, comparou Gandhi a São Francisco de Assis !!! Ora, seria difícil encontrarem-se dois tipos de humanidade mais irredutivelmente opostos entre si. São Francisco era cristão, um tipo de perfeição cristã. Gandhi, expoente racial e psicológico de todas as taras do povo hindu. A humildade de São Francisco era informada no mais alto grau pelas virtudes teológicas, pelo amor de Deus, na sua mais requintada, mais sobrenatural impressão. A

35 - LOPES, Osório. *Imigração Judaica*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jul/1933, p.589.

(humildade) de Gandhi é formalista, é exterior, e, sobretudo, estranha à graça e à comunicação de Deus às nossas almas. A humildade de Gandhi é, nada mais, nada menos que orgulho secreto”.³⁶

Como se vê, embora fosse o mais citado nos artigos, o combate à imigração não se restringia, apenas aos judeus.

No Brasil, uma das matrizes que mais contribuíram para o fortalecimento do anti-semitismo de expressão política foi a divulgação dos *Protocolos dos Sábios de Sião*, obra publicada originalmente na Rússia, no início do século XX, provavelmente elaborada por grupos aliados ao czar (alguns autores indicam que os *Protocolos* foram elaborados pela *Okrana*, espécie de polícia secreta russa) com o objetivo de combater os ideais revolucionários que se fortaleciam naquele momento.

Os *Protocolos* são apresentados como uma série de conferências proferidas por sábios judeus, cujo teor seria um plano para a destruição da civilização cristã e, conseqüentemente, o domínio do mundo pela “nação judaica”. Essa conspiração que, supostamente, vinha sendo posta em prática havia vários séculos, fornecia explicações para as principais transformações ocorridas no bojo do modelo tradicional da sociedade européia, sendo responsável por

*famoso rabino, Ângelo Sacerdoti, e sim considerando-o como um plano de conspiração internacional, e como um atentado contra o problema religioso. É assim que figura nos Protocolos dos Sábios de Sião, e assim foi interpretado por Henry Ford no “Judeu Internacional”. É ele o programa de Yaroslavsky e de Gorki, pioneiros do movimento ateu internacional”.*³⁷

36 - Anônimo. *Um santo de cuecas...* In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, dez/1932, p. 604 (Seção Registro).

37 – DE LA PEÑA, Antonio. *Situação das confissões religiosas da U.R.S.S.* In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jul/1936, p. 6.

Entre as armas previstas pelo documento, para se alcançar o domínio mundial, estaria, também, a ascensão da Imprensa, que, na visão do catolicismo conservador, encontrava-se cada vez mais controlada por judeus, tanto no Brasil, quanto em outras partes do mundo.

*“(...) Seja como for, os escritores judeus estão desenvolvendo grande atividade com o fim de colocar Hitler numa situação de evidente menosprezo intelectual perante o mundo. O biógrafo de Bismarck e de Napoleão, Ludwig, cuja técnica vem conquistando imitadores, talentosos ou não, cogita de naturalizar-se suíço. O romancista Lion Fauchtwangar, que se diz ameaçado de morte, assinalou que o triunfo de Hitler determinaria o fim da literatura alemã, o que talvez, seja a rigor, um pouco forte. Autores consagrados pelo prêmio “Nobel” figuram no “Index dos Nazis”. O “fascismo” alemão não conta com a simpatia de Thomas Mann, de Stefan Zweig, de Jacob Wassermann, etc. Francisco Nitti, escreveu: “A melhor imprensa da Alemanha é, como disse, escrita por judeus”. Hitler, que é espirituoso a seu modo e sempre como um “garçon” de cervejaria, numa reunião onde lhe foi perguntado o que faria no caso da vitória e se estava verdadeiramente decidido a suprimir os dois maiores jornais alemães, o “Frankfurter Zeitung” e o “Berliner Tageblatt”, respondeu que respeitava demais a liberdade da imprensa para suprimi-los, mas que os obrigaria a não serem publicados em alemão, mas em hebraico, ou em yidisch. Hitler representa, no quadro político, uma possibilidade de ascensão, talvez tardia, talvez imaginária...No interior das sinagogas (na Alemanha), 500.000 israelitas conspiram contra a sua causa, ouvindo, certamente, a voz soturna, a voz longínqua, a voz profética dos rabinos...”*³⁸

A Modernidade, segundo a visão conservadora, também seria um plano executado pelos judeus. Num artigo de 1932, a revista faz alusão ao teatro moderno, como elemento de domínio dos judeus para a transformação social e corrupção das mentes:

“(...) Um jornal europeu entrevistou alguns escritores de renome sobre o inegável triunfo das mulheres, em nossos dias, na cena teatral. Um dos entrevistados associa esse triunfo a dois fatos: a frivolidade do momento e o conceito puramente sexual que invade o teatro moderno. Parece que não será fácil contestar

opinião tão judiciosa. Do momento, talvez se possa dizer que é mais trágico do que frívolo. Mas seria difícil deixar de reconhecer que ao espírito de uma assistência teatral, em nossa época, ajuste-se outro adjetivo que não seja o da leviandade.(...) Este teatro está, realmente, calcado no conceito da sexualidade. Tudo nele são estímulos aos sentidos. O adultério, o divórcio e os vícios mundanos são aí tratados com indulgência, e até mesmo glorificados, pelo que prometem de felicidade ao inquieto coração das criaturas. E o amor, o velho tema que empolgou as almas pela nobreza das suas aspirações no sofrimento, pela candura dos idílios, que

38 – LOPES, Osório. *Judaísmo e anti-Judaísmo na Alemanha*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jun/1932, p.413. *inspirava pela riqueza emocional de todos os seus motivos, no teatro da moda tem um destino vulgar entre as discretas paredes de uma alcova, muitas vezes de infame casa de tolerância... Está mais que evidenciado que, nos planos de destruição das sociedades ocidentais, os judeus incluíram como número principal do programa a corrupção dos espíritos pelo teatro. Plano diabólico, cujo êxito somos forçados a confessar”.*³⁹

Censura à Imprensa e às produções artísticas como o teatro e o cinema, bem como às produções intelectuais de toda ordem, era uma prática considerada extremamente necessária pelo catolicismo conservador para combater a conspiração judaico-comunista.

Atualmente, não há dúvidas de que os *Protocolos* tratavam-se de uma falsificação. O texto teria sido inspirado numa sátira escrita por Maurice Joly contra Napoleão III, rei da França, reproduzindo um diálogo entre Maquiavel e Montesquieu no inferno. Em 1905, Sergey Nilus, inspirado na sátira de Joly, publica o livro “

colocavam frente a frente diferentes propostas quanto aos rumos do país, gerando um momento de grandes incertezas para determinadas categorias sociais.

A difusão dos mitos de conspiração e a materialização dos inimigos em determinados grupos sociais estão diretamente ligados às transformações provocadas pela modernidade

39 – Anônimo. *Teatro Moderno*. In: **A Ordem**, Set/1932, pp. 224-5 (Seção Registro).

40 - MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O mito da conspiração judaico-comunista*. In: **Revista de História**, São Paulo: Departamento de História da Universidade de São Paulo, nº 138 (Terceira Série), 1º semestre de 1998, pp. 95-6. (urbanização, industrialização, fortalecimento de novas camadas sociais, reformas liberalizantes, alterações de comportamento e transformações culturais), e prestam-se à função de escamotear a luta de classes, as contradições dos modelos econômicos e do paradoxo da igualdade civil perante a brutal desigualdade social. As reais origens das crises são camufladas por “inimigos eleitos”, sejam eles pessoas, grupos, idéias ou nações.

As chamadas “teorias conspiratórias” alcançam grande sucesso até os dias atuais. Os *Protocolos* são apenas uma das muitas teorias de conspiração, entre as quais podemos citar a dos Templários, Jesuítas, Maçons. Entretanto, nenhuma delas teve uso político tão intenso e por tão longo tempo quanto a judaico-comunista, acabando por cristalizar as imagens do “judeu-Internacional”, do “judeu-revolucionário” e do “judeu-bolchevista”.

Segundo Rodrigo Patto Sá, a interseção entre judaísmo e bolchevismo, pode ter se dado no contexto de uma das adaptações desse documento, na Rússia czarista. Embora os *Protocolos* não façam menção direta ao comunismo, alguns de seus pontos, como a fomentação do ódio entre as classes e a defesa do coletivismo, bem como a situação pré-revolucionária russa, do início do século XX, tenham sido importantes fatores para esta associação.

Neste contexto, o Brasil dos anos 30 assiste à tentativa de construção de um novo modelo nacional que, embora sem se desvencilhar do que seria arcaico, tem apelos de modernidade. Os opositores ou aqueles que poderiam criar obstáculos, de alguma forma, a tal projeto, deveriam estar bem visíveis, não importando a feição que assumissem, podendo ser o estrangeiro, o judeu, o comunista, o defensor do capital internacional ou de reformas incompatíveis com as propostas governamentais. Também no Brasil, tivemos os “inimigos eleitos”. A visibilidade quanto a esses inimigos é citada em um dos trabalhos de Ângela Maria de Castro Gomes:

“(...) O número de desempregados era grande, como era grande o movimento que trazia mais mão-de-obra do campo para a cidade. Tudo isso, redimensionava o problema político da presença maciça de estrangeiros. O próprio chefe do Governo Provisório alertaria a nação:”quero referir-me aos perigos, para a nacionalidade, da entrada de estrangeiros que, num mundo onde as questões sociais provocam uma fermentação explosiva, poderiam desejar transportar para o novo país suas ideologias exóticas inadaptáveis ao

novo meio sob todos os pontos de vista”.Por estas razões, fora e era necessária uma política de restrição à imigração.(...)”.⁴¹

O Comunismo

Durante o século XIX, não é possível detectar um combate sistemático e objetivo por parte da Igreja Católica ao comunismo. As primeiras encíclicas a condenar o socialismo e propostas similares são *Qui Pluribus*, promulgada por Pio IX, em 1846, e a *Quod Apostolici Muneres*, editada pelo papa Leão XIII, em 1878. Entretanto, o adversário a ser combatido não é identificado de maneira explícita, limitando-se a advertir os bispos e padres para que se afastem de doutrinas revolucionárias que fomentem a luta de classes.

Neste mesmo período, no Brasil, pode-se notar a utilização mais ou menos freqüente do termo *Comunismo*, tanto pela Imprensa, como pelo Parlamento, embora seu significado sugerisse inúmeras variantes, nas quais poderiam ser incluídos anarquistas, socialistas, operários e, em certa medida até liberais que apoiassem reivindicações dos trabalhadores.

No Brasil de meados do século XIX, publicações e periódicos de caráter anarcossindicalista e socialista existissem em grande número, a exemplo de *O Socialista* (1839), *O Progresso* (1844), *O Socialista da Província do Rio de Janeiro* (1845) - todos inspirados nas idéias de Charles Fourier e no Socialismo Utópico - a Igreja Católica parece não ter se dado conta da potencialidade de tais doutrinas, caracterizando-as como exóticas, estranhas ou próprias a países distantes.

O final do século XIX e início do XX marcam a chegada das idéias de Marx e Engels⁴² ao Brasil, por meio de semanários como *O Socialista*, do Rio de Janeiro; *O Internacional*

Socialista, de Salvador, e *O Tribuno Socialista*, de Pelotas, todos com circulação iniciada em 1878. Essas, entre outras publicações socialistas e anarquistas, foram o sustentáculo dos

41 - GOMES, Ângela Maria de Castro. *A Construção do Homem Novo: O Trabalhador Brasileiro*. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). **Estado Novo: Ideologia e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p.161.

42 - Entre as primeiras referências de Marx e Engels, no Brasil, pode-se citar o jornal *Seis de Março*, do Recife, que, em 1872, faz referências ao pensador alemão, e as citações da obra *O Capital* por Tobias Barreto, em *Questões Vigentes*.

primeiros combates da nascente classe operária brasileira, apresentando objetivamente o enfoque das lutas sociais e quando o operariado (embora, ainda, em pequena escala) começa a agir e sentir-se enquanto classe.⁴³ Entretanto, até 1917, ano da Revolução Russa, é difícil, se não impossível, desvincular anarquismo, socialismo, social-democracia e comunismo.

Os primeiros núcleos socialistas como a *União Socialista de Santos*, fundada por Silvério Fontes, ou o *1º Congresso Socialista Brasileiro*, reunido no Rio de Janeiro em agosto de 1892, tinham diretrizes marcadamente anarquistas ou socialistas utópicas. Restritos a círculos intelectuais, a Social-Democracia e o Socialismo Científico ainda não alcançavam a classe operária, orientada essencialmente por anarquistas, provavelmente devido à imigração de operários das Penínsulas Ibérica e Itálica,⁴⁴ onde tais doutrinas já tinham grande alcance. A criação efetiva de um partido socialista foi, em certa medida, dificultada pelos anarquistas, contrários ao partidarismo na luta política do proletariado.

O ano de 1917 será simbólico, tanto para a escalada comunista como anticomunista, no Brasil. No contexto externo, temos um mundo extenuado pela guerra, que atinge seu terceiro ano. No contexto interno, temos por um lado, o Brasil que apresenta significativo avanço em seu processo industrial, graças à brutal queda nas importações, como consequência do conflito mundial; por outro, encontramos uma massa descontente e rebelde, sacudida por rebeliões sociais, greves e motins. A crise gerada pela guerra, em consonância com as mazelas já existentes, fizeram-se sentir no preço dos alimentos, dos aluguéis e no fechamento de pequenas operações de crédito, agravando profundamente as condições de vida da maior parte da população brasileira. Em 1919, lembrando o ano de 17, Delfim Moreira, vice-presidente da República, diria:

“A situação era ameaçadora, porque, à incessante e avultada elevação de custo dos gêneros de primeira necessidade, se sentia avolumar igualmente o desassossego e crescer a inquietação, sobretudo, nas classes desprovidas de recursos. Em alguns pontos do país, notadamente em Juiz de Fora e Petrópolis,

43 - É, principalmente, no período republicano que se acentuam as greves operárias com objetivos econômicos definidos.

44 - As primeiras comemorações públicas do 1º de Maio, no Brasil foram organizadas pelos anarquistas, resultando em prisões e deportações de muitos operários.

*produziam-se até sucessos que caracterizavam ineludivelmente o começo de uma agitação popular tendente a generalizar-se”.*⁴⁵

A Imprensa de praticamente todos os estados noticiava as greves e especulava sobre as possibilidades de levantes e conspirações sob os auspícios das ocorrências na Rússia. Em 1917, São Paulo foi palco de 14 greves, todas apresentando violentos confrontos entre a polícia e os operários. Em junho, num conflito em frente à fábrica Mariângela, no Brás, é ferido e morto o sapateiro Antonio Igneguez Martinez, levando o movimento, até então restrito a capital, a diversas cidades do interior. A questão social brasileira jamais estivera tão evidente quanto na Primeira República.

Ângela Maria de Castro Gomes, citando Azevedo Amaral, faz um paralelo entre a República Velha e as propostas e justificativas do movimento de 1930, em relação à questão social:

“Porém, é Azevedo Amaral quem melhor concretiza o real significado político das alternativas existentes em 1930. Para ele, tratava-se do enorme risco de optar entre a oligarquia e a desordem, uma vez que o esforço revolucionário poderia, de fato, precipitar o país numa situação anárquica. É por essa razão, que Azevedo Amaral atribui à Revolução de 1930, em suas origens, um acentuado colorido conservador.” Tratava-se de impedir que o antigo regime oligárquico desmoronasse ante as ameaças de crescente caos. Nesse ponto, a análise do autor é verdadeiramente esclarecedora do conteúdo específico que seria atribuído à Revolução de 1930 pelo discurso ideológico estado-novista. Vale a pena seguir de perto sua análise e refletir sobre ela: ‘A contemporização entre o regime oligárquico e as expressões cada vez mais acentuadas do descontentamento popular estava a esgotar seus recursos de proteção da crise. Enquanto as contradições vigentes verificavam-se apenas no plano político, a contemporização foi possível; mas com a aceleração do movimento industrializador, depois da Primeira Guerra, a massa do proletariado cresceu e se tornou mais sensível. Aí o

problema social emergiu de forma concreta como uma questão para a nação, agravada pela ação deliberada de agitadores profissionais e pela incompreensão dos políticos da Velha República. (...) A ameaça de anarquia é profunda, já que a perda de autoridade é visualizada como uma autêntica perda do próprio curso da evolução “normal” do país; como uma perda das tradições de ordem, irremediavelmente comprometidas pelo divórcio entre a terra, o homem e as instituições políticas do país. Porém, a ameaça política imediata que

45 - Delfim Moreira *Apud* BANDEIRA, Moniz Luiz Alberto. **O Ano Vermelho. A revolução russa e seus reflexos no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 71.

*atualiza para o mundo dos conflitos esse divórcio crucial é o descontentamento popular, materializado na questão social”.*⁴⁶

Em contrapartida, outras vertentes procuram explicar o não-enfrentamento da questão social, por parte das elites dirigentes, no Brasil. É o caso da chamada *via colonial*, que promoveu o desenvolvimento de um capitalismo hiper-tardio, periférico e subalternizado ao sistema mundial de capital.

*“De modo que a teoria da via colonial eleva e possibilita apreender em sua dimensão ontológica, o elemento morfológico de gênese colonial, preconizado por Caio Prado Júnior, que vem sendo mantido por uma débil burguesia que historicamente não conseguiu realizar mais que um “transformismo” pela metade, porque implementa, in continuus, um processo modernizador, que além de estar situado no terreno da permanente contra-revolução interna, possibilita também adequações de tipo modernização-subalternizada do capitalismo brasileiro, em relação ao conjunto societal burguês”.*⁴⁷

Nesta linha teórica, tais seriam as conseqüências do modelo de capitalismo introduzido no Brasil, pela via colonial, ou seja, como ocorre num processo de industrialização de constituição hiper-tardia, subordinada ao capitalismo monopolista. Não possuíamos uma burguesia liberal-democrática, e nossa classe operária formou-se em meio a uma industrialização incipiente, num país governado por representantes dos grandes proprietários rurais. Desta forma, tanto a classe operária, como a burguesia nacional, formaram-se em condições específicas bastante diferenciadas dos modelos tradicionais europeus, especificidades essas que refletirão nos seus conseqüentes objetivos. De acordo com este contexto político-econômico, as experiências políticas dos anos de 1930 representariam, entre

outras posições, uma “conciliação” entre o velho e o novo, entre o arcaico e o moderno, onde se destaca um modelo de reformismo “pelo alto”, que, em certa medida, alija a participação popular no processo político e redimensiona a questão trabalhista, na medida em que procura

46 - GOMES, Ângela Maria de Castro. *O Redescobrimto do Brasil*. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.) **Estado Novo: Ideologia e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, pp.114-5.

47 - MAZZEO, Antonio Carlos. *O Partido Comunista na raiz da teoria da Via Colonial do desenvolvimento do capitalismo*. In: MAZZEO, Antonio Carlos e LAGOVA, Maria Isabel (orgs.), **Corações Vermelhos – os comunistas brasileiros no século XX**. São Paulo: Cortez, 2003, p.169.

substituir a idéia de “luta de classes” por “pacto social”, dentro de um modelo de corporativismo atrelado ao Estado. Mesmo diante das inúmeras questões sociais que se colocavam, a Igreja Católica mantinha seu discurso inspirado na Encíclica *Rerum Novarum*⁴⁸ pregando o entendimento entre as classes, a paciência e resignação dos operários, a caridade cristã por parte dos patrões. Assim prosseguirá até os anos 30, quando novos acontecimentos mundiais exigirão mudanças de postura.

“(…) *A questão do trabalho, para servir-nos do pensamento de Berdiaeff (49), só se pode solver pela santificação dele, isto é: o trabalho deve ser santo tanto da parte de quem o executa, quanto da parte de quem o ordena e, por isso mesmo, assume o compromisso de retribuí-lo. O operário desempenhará a sua tarefa escrupulosamente, na persuasão de que, agindo dessa maneira, obedece ao mandamento do Criador, cujo olhar onividente o segue e vigia por toda parte. O patrão, de seu lado, pagará o justo salário, suficiente para a manutenção sóbria, mas condigna, do trabalhador e de sua família. E assim, com efeito, é sob este aspecto aureolado de verdade e de justiça que as magistrais encíclicas *Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno*, dos*

48 - A encíclica *Rerum Novarum*, promulgada por Leão XIII, em 1891, aborda diretamente as questões suscitadas pelas condições dos operários e condena o socialismo, qualificado como uma solução errônea aos problemas sociais. Entre seus principais pressupostos estão: a manutenção da propriedade privada como um direito natural do homem e absolutamente necessário à vida social; a aceitação da desigualdade econômica e social entre os homens, considerando que na sociedade civil é impossível que todos sejam elevados ao mesmo patamar social; a substituição da luta de classes pela concórdia entre as classes, estabelecendo um perfeito equilíbrio entre ricos e pobres; o dever dos operários de fornecer integral e fielmente aos patrões todo o trabalho a que se comprometeram por livre contrato, sendo que suas reivindicações deveriam ser isentas de violência e jamais tomarem forma de sedição; o dever dos patrões de não tratar o operário como escravo, mas, sim, de respeitar neles a dignidade humana, realçada pelo espírito cristão, na forma do justo salário; o dever do Estado de ser o guardião da harmonia social; a solução definitiva das questões sociais e trabalhistas pelo princípio da caridade.

49 - Nikolai Alexandrovitch Berdiaeff (1874 – 1948), filósofo russo, um dos mais destacados representantes do Existencialismo Cristão, escola que buscava examinar a condição humana pela perspectiva cristã, e crítico de como as idéias de Karl Marx haviam sido postas em prática na União Soviética. Em sua juventude, esteve envolvido com o marxismo, o que lhe custou três anos de exílio, em 1899. Após a Revolução de 1917, lecionou filosofia na Universidade de Moscou, mas entrou em choque com o regime e acabou sendo expulso do país por suas ligações com a Igreja Ortodoxa Russa. Radicou-se em Paris, onde, juntamente com outros exilados, fundou uma academia de estudos filosóficos e religiosos, em 1924, e o jornal *Put'*, em 1925, por meio do qual combateu o comunismo, e a ordem industrial capitalista, responsabilizando-a pela desumanização da sociedade. Escreveu mais de vinte livros, dos quais destacou-se *Essai de Métaphysique Eschatologique*, de 1946.

*Sumos Pontífices Leão XIII e Pio XI, explanam e decidem o temeroso conflito entre patrões e operários. E é assim que o bravio dissídio suavemente se desloca da trincheira incandescente da “luta de classes” para o remanso evangélico da paz social”.*⁵⁰

Nesse período, marcado por um contexto social e político impregnado de tensões, intensifica-se, por parte do Estado brasileiro, a identificação do estrangeiro, que, ligado às questões ideológicas, é visto como pernicioso à ordem social. Operários estrangeiros são deportados aos magotes, contrariando leis anteriores que lhes garantiam igualdade civil. O controle sobre a imigração passará a fazer parte da pauta das políticas de Segurança Nacional, considerando indesejáveis os elementos que atentassem contra a ordem pública ou que professassem ideologias estranhas ao povo brasileiro, entre as quais, o socialismo figurava como o grande perigo. O grevista, o líder sindical, o anarquista, o comunista são, antes de tudo, estrangeiros, não somente por uma questão de nacionalidade, mas, de ideologia política.

Neste sentido a Revolução Russa abrirá portas a uma intensa atividade formadora de opiniões por parte da Imprensa, sobre os meios operários, intelectuais e religiosos, no Brasil. Apontará também, a cisão entre anarquistas e comunistas (havia inúmeras confusões em torno dos pressupostos teóricos do marxismo, bem como sobre os acontecimentos na Rússia, promovendo reações que, num primeiro olhar, se mostrariam contraditórias, frutos da escassez de informações e do pouco conhecimento das teorias marxistas).

Em sua fase democrático-burguesa, a revolução foi saudada como um avanço pelos principais órgãos da Imprensa brasileira (embora este episódio tenha se revelado como uma excelente oportunidade para a manipulação e mistificação das informações). Kerenski é descrito com ares heróicos, como o grandioso líder que controla o “surto revolucionário” na Rússia, inserindo-a no contexto das nações constitucionais e democráticas. Entretanto, quando

Lênin desembarca em Petrogrado, em abril, e discursa à multidão que o aguardava, dando vivas à revolução socialista, as teses que minimizavam a perspectiva histórica de tais acontecimentos sofreram consideráveis abalos, especialmente após o enfraquecimento do apoio popular ao governo provisório e ao fortalecimento dos soviets.

50 - Arantes, Altino. *Discurso aos Moços*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, Jan/1932, p. 97.

A partir daí, as posições de cada uma das peças no intrincado tabuleiro russo pareciam tornar-se mais claras às demais nações. De abril a outubro, Lênin personifica inúmeras facetas das representações de grupos liberais e conservadores com relação aos acontecimentos da Rússia, materializando o “perigo libertário”. Lênin foi alvo de centenas de notícias dos principais jornais, sendo inúmeras vezes identificado como espião a serviço da Alemanha.

*“Telegramas de Petrogrado dizem que está apurado que o verdadeiro nome de Lênin é Leão Uliadov e que ele pode ser considerado como chefe da espionagem alemã na Rússia, tendo gasto nos últimos meses, milhões de rublos. Lênin comunicava-se continuamente com o governo de Berlim por intermédio do contrabandista Ganedski, que foi preso, e ainda de outros indivíduos que iam a Estocolmo levar e buscar correspondência. Agora, tendo sido interceptada parte dessa correspondência epistolar e telegráfica, o governo provisório tem nas mãos toda a organização da espionagem alemã na Rússia. Lênin é considerado um criminoso de alta traição”.*⁵¹

Outros artigos denunciam a prisão de Lênin:

*“Lênin está preso! O agitador Lênin, acusado de exercer espionagem por conta da Alemanha, apresentou-se à prisão”.*⁵²

E, em pelo menos três ocasiões, Lênin foi declarado morto. Uma, pelo jornal *A Noite*, em 2 de maio de 1917:

*“O correspondente de um jornal norueguês, na fronteira da Finlândia, anunciou também que foi assassinado, ontem de manhã, o socialista Lênin, apontado como agente alemão e que fazia propaganda a favor da paz”.*⁵³

Nove dias depois, o mesmo jornal *A Noite*, voltava a noticiar:

“Londres, 11 – Telegrama de Estocolmo: consta insistentemente que o socialista russo, Lênin, apontado como espião alemão, foi assassinado na noite de domingo, em Petrogrado, durante uma rusga entre operários e soldados”.⁵⁴

51 - Jornal O Combate. *Quem é Lênin?* 25 de Julho de 1917 Apud BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O Ano Vermelho – A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2004, pp.125-6..

52 - Idem, p.125.

53 - Idem, *ibidem*, p.126.

54 - Idem *ibidem*, p.126.

E, em 6 de novembro, de 1917, o jor18348(t)09(e)-2.05734(85(e)3.74(m)-7(t)0.721096-0.147792(E)

*dos objetivos que seriam alcançados em futuro próximo, como a salvação da humanidade, das guerras e a implantação da República Soviética Internacional, que mobilizavam energias e motivavam comportamentos”.*⁵⁷

De, de outro, visto como a rebelião que surge para destruí-lo:

55 - Idem, *ibidem*, p.127.

56 - Idem, *ibidem* p.133.

57 - FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do Mito Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)**. Niterói: Eduff, 2002, p.196.

*“Os soldados e os operários transformam-se da noite para o dia em homens de Estado, em financista, em estrategistas e diretores de uma política internacional do seu país (...) Mas a hidra (a anarquia russa) tinha tantas cabeças que a um só homem era materialmente impossível dominá-la. Acabou pelo golpe de Sovietes de soldados e operários que agora suplicava à Alemanha uma paz humilhante, inspirada na covardia fatal de uma nação que se desagrega aos pedaços e que, de fato, há muitos meses não passa de uma simples expressão geográfica da Europa. Qual será, porém, a consequência prática da atitude russa sobre o resultado final dessa luta de vida e de morte para a civilização?”*⁵⁸

Em meio à construção de tais representações, surgia a necessidade da criação de um partido que abrigasse as tendências socialistas. Desde o final do século XIX, as tentativas de organizar os operários sob a égide de um partido de caráter socialista malograram. Todas as organizações tiveram existência efêmera ou reduziram-se a pequenos núcleos (talvez, devido a influência de lideranças anarquistas sobre o proletariado).

Neste sentido, a Revolução Russa de 1917 abriu novas perspectivas à efetivação de projetos socialistas no Brasil, mesmo que as primeiras informações que aqui chegassem sobre a revolução fossem confusas, controversas, e primassem pelo reducionismo da doutrina de Marx. A Rússia representava, naquele momento, a concretude da luta e da organização proletária.

Ainda que faltassem informações exatas mesmo para a intelectualidade, haja vista a confusão em torno da interpretação de vários termos (como é o caso do *maximalismo*⁵⁹), havia uma espécie de euforia originada dos feitos de Lênin e dos soviets saudada inclusive pelos anarcossindicalistas (que, naquele momento específico, acreditavam ser esse o caminho para a implantação de um modelo libertário). Somente anos mais tarde, as

diferenças entre as propostas de ambos os grupos seriam percebidas com maior intensidade, apontando para uma cisão entre anarquismo e socialismo.

Dentro desse contexto pós-revolucionário, em 27 de março de 1922, foi fundado o Partido Comunista, Seção Brasileira da Internacional Comunista, tarefa que teve em Astrojildo Pereira seu maior expoente:

58 - O País, 9 de novembro de 1917 *Apud* BANDEIRA, **Op. Cit.**, p. 136.

59 - *Maximalistas* era o nome pelo qual eram chamados os bolcheviques, pois, acreditava-se, defendiam um programa máximo, de socialismo radical, em contraponto aos *minimalistas* que defendiam um programa de socialismo mínimo, ignorando que tais designações provinham da cisão do Partido Social-Democrata Russo, em 1903, quando os bolcheviques eram majoritários no Congresso e os mencheviques, a minoria.

*“Em 25 de março de 1922, no Rio de Janeiro, nove homens representando os grupos comunistas àquela época existentes, reuniram-se para formar o partido. Eram eles Abílio de Naquete, barbeiro; Astrojildo Pereira, jornalista; Cristiano Cordeiro, funcionário; Hermogênio Silva, eletrecista; João da Costa Pimenta, gráfico; Joaquim Barbosa, alfaiate; José Elias da Silva, funcionário; Luís Peres, vassoureiro; Manuel Cendón, alfaiate.(...) Dos nove presentes, salvo Abílio de Naquete, sírio, e, Manuel Cendón, espanhol, os demais eram todos brasileiros, e todos saíram do movimento anarquista. Apenas Manuel Cendón possuía algumas noções do socialismo marxista”.*⁶⁰

Outro elemento a ser analisado neste excerto é o fato de apenas Manuel Cendón, um estrangeiro, possuir noções do socialismo marxista, corroborando com a tese dos anticomunistas a respeito da “infiltração” de idéias alienígenas no país, pelos estrangeiros. Percebe-se, também, pelo texto, a fragilidade teórica dos comunistas de primeira hora, no Brasil. Fragilidade esta apontada por inúmeras críticas, quanto às indecisões e equívocos nos primórdios do PCB. O levante comunista de 1935 seria entendido por muitos estudiosos como um exemplo desses “equívocos” e da “ingenuidade” das lideranças comunistas brasileiras. Para os rebeldes, o alcance mundial da revolução bolchevique, era apenas questão de organização e tempo, sendo, dessa forma, imprescindível a preparação e mobilização do proletariado brasileiro.

Entretanto, essa visão otimista sobre as possibilidades de uma revolução social e política, no Brasil, quer fosse com a participação efetiva das camadas populares, quer fosse por um levante militar, não era exclusiva dos comunistas. A *Aliança Nacional Libertadora* (ANL), cuja trajetória inicia-se em meados de 1934, congregando tenentes dissidentes do movimento político de 1930, intelectuais, profissionais liberais, políticos, estudantes, operários e

camponeses (que, em grande parte, definiam-se como “não-comunistas”, mas, sim, como defensores de um ideal nacionalista e por consequência, antiimperialista, e popular, sem caráter partidário), também comungava das expectativas revolucionárias.

Embora as ligações entre ANL e PCB tenham sido estreitas em determinados momentos, havia uma constante negação de propostas de organização política, econômica e social que fossem compartilhadas sem reservas por ambos. O PCB temia o avanço popular da ANL, por defender que esta organização estava impregnada de “inclinações direitistas ou

60 - BANDEIRA, Luíz Alberto Moniz. **O Ano Vermelho - A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2004, pp. 393-394.

pequeno-burguesas”. Já os aliancistas, mesmo reconhecendo que tinham alguns projetos e inimigos em comum com os comunistas (por exemplo o imperialismo e o latifúndio), faziam questão de frisar a total desvinculação de seu grupo com propostas de caráter socialista.

Marly Vianna, em sua pesquisa sobre a ANL, cita a “*Carta aberta aos oficiais, suboficiais e sargentos da Marinha de Guerra*”, escrita por Roberto Sisson, membro da aliança, em 18 de outubro de 1936, na Casa de Detenção do Rio de Janeiro, onde se encontrava preso:

“(...) Sisson afirmava que “Somente um imbecil ou perverso, chamaria a ANL de comunista e argumentava:, seu próprio caráter de luta nacional põe em segundo plano a luta de classes, sempre transformada em seu seio, em luta libertadora, justamente por ser comum a todas as classes – antifeudal, antiimperialista e democrático – não exigindo para a sua realização mudança da Constituição e muito menos do regime político e social. Ao contrário, para os nacional-libertadores a Constituição era a única garantia contra as ditaduras – de esquerda ou de direita “. ⁶¹

A mesma autora, aponta que, após 1930, as “quarteladas” foram episódios comuns em todo o país. A partir de 34, não se passavam três meses sem que alguma rebelião ocorresse nos quartéis, indicando que muitos dos ideais dos tenentes que não se aliaram a Vargas ainda tinham força. Portanto, a crença num movimento revolucionário (mesmo que iniciado ou liderado por militares), no Brasil, neste período histórico, não era apenas fruto de imaginação.

A Revolução Russa, a fundação do PCB e a formação da ANL representaram marcos concretos na trajetória do anticomunismo brasileiro e acentuavam a atmosfera de provocações e embates entre governo e diferentes setores políticos e sociais:

“Foi o jornal O Globo que iniciou a ofensiva final do governo contra a ANL. As provocações começaram com ataques ao prefeito Pedro Ernesto, do Distrito Federal, acusado de transformar a polícia municipal em brigada de choque da ANL. No dia 26 de junho de 1935, veio a grande farsa: em sua primeira edição, O Globo anunciava a descoberta de “um plano subversivo” para a implantação imediata no Brasil de um regime soviético. O plano teria sido enviado de Moscou e seria executado aqui por seus agentes. No mesmo dia, a segunda edição do jornal repetia as provocações em letras garrafais: “SOVIETS NO BRASIL! O governo está de posse de um plano, vindo da Rússia, visando implantar o comunismo entre nós. Moscou legislando para o Brasil!”. O conteúdo do documento era grosseiro. O “plano” seria parte de uma “revolução vermelha” a ser

61 - VIANNA, Marly. *A Aliança Nacional Libertadora*. In: MAZZEO, Antonio Carlos e LAGOVA, Maria Izabel (orgs.) **Corações Vermelhos – Os comunistas brasileiros no século XX**. São Paulo: Cortez, 2003, p.36.

*desencadeada simultaneamente no Brasil, Uruguai e Argentina e, o próprio Roberto Marinho tomava a palavra para anunciar “um extenso programa de atividades extremistas em nosso país, Vindo diretamente da Rússia. O “plano” aconselhava que o primeiro período da revolução deveria ter “duração muito rápida e violenta” e não faltavam os ingredientes dos assassinatos premeditados: fuzilamentos – a tropa que se revoltar agirá assim: fuzilamentos dos oficiais não-comunistas, de preferência, nas portas de suas casas ou mesmo invadindo-lhes os domicílios”.*⁶²

Entre os anos de 1920 e início dos anos 30, percebemos, no entanto, um anticomunismo de atributos tênues, influenciado em grande medida por matrizes estrangeiras, essencialmente francesas.

Destarte a influência exógena, que em nenhum momento caracteriza-se como simples mimetismo, o anticomunismo tupiniquim desenvolveu dinâmica própria, criando novos elementos que melhor se ajustavam às nossas especificidades e conjuntura histórica. Um dos componentes da singularidade brasileira é a predominância, na década de 1930, do anticomunismo de cunho religioso sobre o anticomunismo de caráter essencialmente liberal, cuja matriz esteve presente com bastante intensidade nos Estados Unidos.

Ao menos até o estabelecimento da Guerra Fria, após 1945, o argumento liberal não encontrava aqui maior ressonância, especialmente entre as camadas populares. Valendo-se de uma tradição católica presente e atuante desde os primórdios da colonização, os valores religiosos formavam uma sólida base para a consolidação do discurso anticomunista enquanto manifestação do Mal, fornecendo os principais móveis ao combate às “doutrinas exóticas e malsãs”, vindas de além dos Urais.

Mesmo que, durante outro período de recrudescimento do anticomunismo no Brasil, caracterizado pelo início dos anos de 1960 e fortalecido após 1964, os argumentos contra o comunismo não tivessem sua maior base no elemento religioso, havia toda uma gama de informações e de representações negativas, vindas dos anos de 1930. A semente já havia sido feita.

“(...) O terror, entretanto, está organizado de tal maneira que não há lugar nem de longe para pensar na possibilidade de ser dominado pelo povo oprimido na Rússia mesma. A Tcheka e a G.P.U. que lhe sucedeu, são tão bem constituídas, e com tanta astúcia e crueldade, como o podem realizar homens cheios de

62 - Idem, pp. 44-5.

*um ódio contra a sociedade. Este ódio se exasperou com uma prisão política e exílio de muitos anos e em cérebros disciplinados por decênios de convivência no meio de um mundo criminoso. Com tal horroroso instrumento de terror, torna-se possível conter as massas e obrigá-las à força ao trabalho. Todo este povo de 160 milhões assemelha-se, hoje, a uma massa condenada ao silêncio pelo terror, massa que tem de curtir fome, para aqueles poucos que a refreiam consigam o fim da revolução mundial. (...) Por sua vez, o último termo de uma revolução que abole o domínio de Deus será a revolução sem fim contra o homem. Desta revolução não há outra saída que não seja a vitória da força e da brutalidade. Entreabre-se nesta altura a visão daquilo que no bolchevismo se pode chamar de satânico. Conseqüência da perversidade de seus princípios, esta ordem econômica tende a conduzir, por necessidade essencial, à luta por meio do terror, contra a religião, e luta de extermínio. Com isto despertam nele novas energias sinistras. Pois, esse ódio não é somente o ódio ao homem e à sua liberdade, mas ódio contra a própria garantia do homem e da sua liberdade, que é Deus”.*⁶³

Além dos marcos já citados de 1917 e 1922, e da menção ao nascimento da ANL, em 1934, o ano de 1927, fornecerá novas munições à construção do ideário anticomunista no Brasil. Em maio, a polícia forneceu à Imprensa dados que revelavam a organização de uma suposta conspiração revolucionária engendrada pelos comunistas do Rio de Janeiro. A Imprensa tratou de transformar o que, possivelmente, seria apenas, a organização de uma greve, numa ação concreta de implantação do modelo dos soviets em solo brasileiro. A suposta conspiração forneceu elementos para a aprovação do projeto de lei que tramitava no Congresso, visando a restrição das atividades sindicais e de organizações políticas de esquerda. A Lei Celerada⁶⁴, nome pelo qual ficaria conhecida, deu sustentação ao governo para o combate contra todos os atos considerados contrários à manutenção da ordem pública.

Entretanto, é a partir de 1930 que se engendra com maior intensidade, o *locus* propício para o desenvolvimento das idéias anticomunistas. A ruptura da hegemonia política das oligarquias paulistas no poder e a ascensão da coalizão liderada por Getúlio Vargas, sob os auspícios de rebelião armada, proporcionarão uma atmosfera de incertezas quanto aos rumos políticos do país, e de instabilidade social, haja vista a heterogeneidade das idéias e propostas dentro do grupo que derrubava a República Velha. Sob a bandeira “revolucionária”, abrigavam-se simpatizantes dos mais variados ideários, desde conservadores até comunistas.

63 - MUCKERMANN, Frederico. *Por que tanta frouxidão no combate ao Bolchevismo?*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jan/1933, pp.13-15.

64 - Lei apresentada ao Congresso pelo deputado Aníbal Toledo, que teve como saldo inúmeros atos repressivos contra sindicalistas e estrangeiros, além do fechamento dos jornais *A Plebe* e *A Nação*.

As diretrizes do novo governo, a princípio, não pareciam claras a determinadas camadas da população, promovendo ansiedade em amplos setores sociais. De doutrina exótica e distante, o comunismo passava a ser encarado como um perigo real e interno, na medida em que era apresentado como uma das propostas de solução aos problemas brasileiros.

*“Para onde nos conduz a Revolução de Outubro? A obra que ela está realizando, por entre crises políticas sucessivas, assemelha-se às inundações benéficas e reprodutivas do Nilo fertilizador? Ou, ao contrário, o que ela vai nos deixar, como legado fatal da sua atuação, será a destruição inconsciente das ressacas, enfurecidas, que, de vez em quando, se atiram, loucas e descoordenadas, sobre o cais das nossas lindas avenidas à beira-mar?(...) O país se encontra, atualmente, numa destas encruzilhadas dramáticas, que surgem, de tempos em tempos, na vida dos povos, impedindo-os de continuar na sua marcha vigorosa para o progresso, pela impossibilidade em que se vêem de escolher esta ou aquela estrada do futuro, porque todas elas conservam ocultos e cobertos pelo nevoeiro espesso da incerteza os horizontes para os quais se abrem.(...) Tomando conta do poder, os elementos antagônicos, que formavam o grupo revolucionário, procuraram envolver o Sr. Getúlio Vargas dentro de suas respectivas ideologias. Surgiu, assim, no seio da própria corrente revolucionária, uma luta intensa de facções divergentes, interessando-se cada uma em transformar o Chefe do Governo Provisório em dócil instrumento de seus respectivos objetivos”.*⁶⁵

Entre as forças de combate ao “perigo vermelho”, nos anos 30, a Igreja Católica tornar-se-á importante aliada na divulgação do discurso de manutenção da ordem conservadora e na projeção do comunismo como uma experiência perversa e destruidora dos valores cristãos.

Para o catolicismo, a questão central já não era a manutenção de sua hegemonia religiosa, mas, a luta pela própria sobrevivência enquanto instituição, devido à proposta de eliminação das religiões, característica do ideário de Marx. Tratava-se do definitivo combate entre a “verdadeira Igreja de Cristo” contra os chamados, adversários de Deus”. Não era o momento de acirrar ânimos contra antigos inimigos, mas de unir forças em prol do combate a um novo e poderoso adversário, de cuja derrota dependia a sobrevivência da Igreja.

“(...) Os fenômenos econômicos tomaram feição tal que desorientam os mais entendidos e avisados na matéria Achamo-nos, pois, em uma grande encruzilhada histórica. Diante de nós se rasgam vários caminhos, cuja escolha é extremamente difícil, escolha, entretanto, de que dependem os destinos da humanidade. (...) Quatro instituições há, sem as quais não se pode compreender a vida em sociedade: Religião, Autoridade, Propriedade Privada e Família. Essas instituições caem juntas ou Juntas se mantêm. É pois contra

65 - Sobral Pinto, Heráclito. *Crônica Política*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, mar/1932, pp. 282-290.

*elas que, de modo especial, se dirige a fúria revolucionária.. Há uma corrente avançada, cujo ideal é realizar uma civilização completamente secular, em que se inculque uma moral social sem sanção religiosa, e em que cada indivíduo siga seus destinos, fora de qualquer autoridade. A essa corrente opomos a afirmação de valores absolutos, a crença em uma esfera superior, a convicção de uma outra vida, além da morte. Sem a religião não se resolverão os graves problemas, que se nos defrontam hoje. Acreditar que a ambição e a cobiça desapareçam com a supressão da propriedade privada é uma ilusão, como ilusão é esperar que o governo, transformado em proprietário único, seja melhor gestor desse bens do que os indivíduos. Outra ilusão é crer que as massas populares, uma vez senhoras do poder, realizem o paraíso na Terra. A classe proletária não é melhor que as classes aristocráticas e médias; e, quando estiver no poder, fará o mesmo ou pior que elas.(...) Queremos voltar às praticas cristãs, na ordem doméstica, na ordem civil e na ordem política. Mas, voltar às práticas cristãs não significa restaurar todas as normas econômicas, sociais e políticas do passado, com as quais a Igreja Católica jamais se identificou. Queremos examinar e estudar os novos problemas, para resolvê-los dentro das normas cristãs, mas de acordo com as condições atuais,atendendo às necessidades da nossa época, sem colocar o vinho novo em odres velhos.(...) Eis porque, cada vez mais unidos e mais confiantes, nos devemos congregiar em torno da autoridade da Igreja, fazendo a todos os homens de boa vontade um apelo vigoroso, para uma concentração de forças no terreno espiritual, para que possamos fazer frente à barbárie que nos ameaça, resolver os problemas da atualidade e encontrarmos o caminho seguro a adotar nesta grande e perigosa encruzilhada histórica”.*⁶⁶

No contexto do anticomunismo católico, a Guerra Civil Espanhola, também iniciada em meados da década de 30, representaria um duro golpe. Não mais se falava sobre a distante

terra dos czares, mas, da Espanha, país de secular tradição católica, então sob ameaça do comunismo. Em 1931, instaurado o governo republicano, liderado por socialistas e liberais, foi determinado o fechamento das escolas religiosas. Entretanto, é a partir de 1936, no bojo do enfrentamento entre republicanos e franquistas, quando religiosos foram mortos, igrejas profanadas e incendiadas, que o anticomunismo católico apercebe-se da exigência da adoção de outras estratégias de luta, além da até então pouco eficiente pregação da *Rerum Novarum*.

Embora os assassinatos de clérigos na Espanha sejam objeto de intensos debates, a Igreja Católica imputou a responsabilidade de tais atos aos comunistas, reagindo no ano

66 - SANTOS, Lucio José dos. *Problemas sociais e religiosos após a grande guerra*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, dez/ 1935, pp. 523-525.

seguinte com a edição da Encíclica *Divini Redemptoris*⁶⁷ cujo posicionamento é claramente anticomunista e de chamamento das hostes católicas para o combate ao maior de todos os males” e ao “inimigo irreconciliável” da Igreja.

Daí em diante, as posições seriam claras: ser católico implicava em, irrevogavelmente, abominar as idéias comunistas. Nos artigos de **A Ordem**, a incompatibilidade entre comunismo e catolicismo, ficam visivelmente delineadas:

“Um dos embustes da nova propaganda comunista consiste em apregoar que a doutrina é perfeitamente compatível com a Religião. Para melhor persuadir os papalvos alegam eles que os primeiros cristãos eram comunistas. E alguns têm mesmo o arrojo de afirmar que Cristo foi o primeiro comunista da história. Desgraçadamente há muita gente de boa fé, que se deixa levar por esse engodo. Têm-se visto católicos e até mesmo um ou outro padre simpatizantes com a heresia de Moscou. E sem embargo, um tal engano é fácil de desfazer. Basta atender no seguinte fato: onde o comunismo começa a ter adeptos, logo se verificam atentados contra templos católicos e sacerdotes. É o cartão de visita, digamos clássico, com que ele se anuncia. Aqui mesmo, no Brasil, o comunismo não mudou de tática. De algum tempo a esta parte, em vários pontos do território nacional, vêm se registrando tais atentados. Ainda não faz muito tempo comentávamos nesta seção o ato vandálico de que fora vítima o Vigário de Araguay quando pregava em uma Santa Missão em Uberlândia (Minas Gerais). O nosso colega “O Diário” de Belo Horizonte, em edição de 13 de novembro último, refere-se a outros desacatos sofridos pela Religião em templos católicos, no mesmo Estado de Minas e em outros Estados, sob o pretexto de combate ao Integralismo. Estes fatos são perfeitamente sintomáticos,

*dizem bastante na sua brutalidade, o que seria do Brasil se, mesmo por alguns dias prevalecesse em nossa Pátria o terror bolchevista”.*⁶⁸

As Cartas Pastorais, produzidas nos anos 30, são exemplos do empenho da Igreja brasileira em esclarecer clérigos e fiéis sobre a “malignidade” de tais doutrinas, sendo muitas

67 - Embora, outras referências negativas ao comunismo já tivessem sido feitas, nas encíclicas *Qui Pluribus*, de Pio IX, em 1846 e na *Quod Apostolici Muneris*, em 1878, na qual Leão XIII qualificava o comunismo como “peste mortífera que invade a medula da sociedade humana e conduz a um perigo extremo”, a encíclica *Divini Redemptoris* tem este como seu tema central. Nela o comunismo é abominado como doutrina que se propõe a revolucionar radicalmente a ordem social e a subverter os fundamentos da civilização cristã. A encíclica condena, ainda, o comunismo como um sofisma criado por Karl Marx, que ilude as camadas mais pobres, impondo-lhes a construção de uma sociedade sem Deus e sem família.

68 - GOMES, Perillo. *O cartão de visita do Comunismo*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, dez/1935, p. 577.

delas reproduzidas ou comentadas pela revista **A Ordem**. Havia, inclusive, a determinação dos bispos para que o conteúdo das Cartas fosse explicado, numa linguagem acessível aos fiéis, em todas as missas e eventos religiosos de cada comunidade. A criação de entidades leigas como a *Ação Católica* e os *Círculos Operários*, são partes da nova estratégia de combate da Igreja, marcando efetiva presença nos meios operários.

Sob o prisma do anticomunismo católico da década de 30, podemos citar o fortalecimento dos cultos marianos, frutos da devoção ao aparecimento da Virgem Maria, em Fátima, aludindo ao comunismo e à capitulação a Rússia. As aparições teriam iniciado em 1917, ano da revolução, e as lágrimas derramadas pela mãe de Cristo, seriam decorrentes do avanço comunista.

Em 1931, a Encíclica *Quadragesimo Anno* antagoniza-se claramente com o socialismo, mas não estabelece a ordem capitalista como uma boa alternativa à organização da sociedade. Defende o corporativismo como o promotor da colaboração entre as classes.

Exercendo grande força dentro deste contexto, o levante comunista de 1935 também fornecerá elementos para a exacerbação da pregação anticomunista da Igreja, bem como a justificativa para inúmeras ações repressivas por parte do Estado, não somente contra os comunistas e aliancistas, mas, contra os opositores do governo, de forma geral.

Para os católicos conservadores, a Intentona forneceu a “prova” incontestada da existência de uma “rede revolucionária bolchevista”. Outros setores da sociedade poderiam estar adormecidos, mas, a Igreja Católica estava atenta e vigilante:

“Já agora é menor o número dos otimistas que consideravam um simples espantalho para naturezas pouco viris a ameaça de um movimento comunista no Brasil. Esta ameaça acaba de ter expressão concreta nos acontecimentos de Pernambuco, Rio Grande do Norte e desta Capital, nos últimos dias de novembro último. Por fortuna as autoridades lograram reduzir com rapidez a sedição promovida principalmente por militares insubordinados. Ou melhor, Deus foi servido, que a trama revolucionária tão sabiamente urdida, sem se saber como, se rompesse de todos os lados, de modo que um pouco de energia da parte do Governo bastou para inutilizá-la. Cremos que as autoridades, nesta emergência, cumpriram nobremente o seu dever. Porém, julgamos necessário pôr em relevo que sem deixarmos de nos interessar pelas medidas de caráter imediato que cabe ao Governo levar à execução a fim de restabelecer tranqüilidade na sociedade, devemos mostrar um empenho particular em reeducar o nosso povo nos princípios de ordem e em encher o

vazio do seu pensamento com a riqueza dos ideais cristão”. ⁶⁹

A tarefa de “reeducar o povo nos princípios de ordem” como é mencionado no artigo acima, requeria alguns cuidados; entre eles, observar quem eram os educadores e quais as suas convicções políticas. Essa preocupação é demonstrada num artigo de 1937.

“Um caso recente, da nossa atualidade política, demonstra como, mesmo os melhores dentre nós, pecam pelo excesso de confiança em si próprios, em graves resoluções. Referimo-nos ao apoio recebido, de ilustres professores católicos pela moção favorável à reintegração em suas respectivas cátedras, de colegas seus afastados da atividade pedagógica pelo Governo da República, em razão de sua participação direta ou indireta na revolução comunista de novembro. É mais ou menos certo que aquele apoio teria sido dado pela consideração de que a caridade manda combater as idéias comunistas, porém amar a pessoa do comunista.. Houve no caso, pois, um lastimável equívoco. Sem dúvida seria obra de caridade socorrer com nossas posses e com nosso afeto a pessoa e a família destes ou de outros comunistas, dado que são, queira ou não, irmãos nossos em Jesus Cristo. Agora, sem contestação possível, constitui uma ofensa à caridade contribuir para que esses professores, confessadamente sectários de uma doutrina inimiga das instituições vigentes –

Estado, Família, Pátria e Religião – voltem a preparar impunemente, nos postos mais altos dos centros culturais brasileiros, uma geração de bárbaros científicos, de incontinentes, de ateus e de anarquistas!”⁷⁰

Nas palavras de Maria Helena Rolim Capelato,

“(...) No Brasil de Vargas, o comunismo foi o grande catalisador de sentimentos que mobilizavam temores de desintegração da sociedade e instauração do caos. As representações negativas em torno desse elemento foram muito forte. Eliana Dutra Freitas mostra como o anticomunismo constituiu-se num dos pilares do edifício que deu sustentação ao Estado Novo.(...) O anticomunismo mobilizou os aliados do regime contra os inimigos da sociedade. O levante comunista de 1935 serviu de pretexto para a concretização de medidas fortalecedoras do Estado em nome da Segurança Nacional. Elas contam com o apoio de grupos liberais que ajudaram a preparar o terreno para o advento do Estado Novo”.⁷¹

69 - Gomes, Perillo. *A Revolução Comunista*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, dez/1935, p. 476

70 - Anônimo. *A caridade mal aplicada*. In: **A Ordem**, Jan/1937, p. 72 (Secção Registro).

71 - CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em Cena – Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo**. Campinas: Papyrus, 1998, p.52.

Partindo da idéia de que o anticomunismo foi um dos pilares de sustentação do Estado Novo, as bases desse anticomunismo já haviam sido firmadas, com bastante intensidade, desde o início dos anos 30, pelo ideário e discurso conservador católico. A Igreja já havia fertilizado o solo desse embate, com toda uma simbologia que vinculava o Comunismo ao mal, à destruição e à bestialidade.

A Intentona Comunista⁷² representou, para estes setores, a concretude da ação revolucionária em solo nacional, estabeleceu possíveis ligações entre o PCB e células comunistas internacionais, e, embora contivesse em seu interior diferentes propostas como a dos tenentes ou dos membros da ANL que não se definiam como comunistas, o projeto de um Brasil socialista fazia-se presente. Este episódio forneceu elementos de alto valor simbólico à construção e fortalecimento do anticomunismo, no Brasil, legando aos comunistas e aos defensores de projetos não conservadores, a condição de apátridas, de agentes internacionais, e não de cidadãos brasileiros com o direito de escolher sua filiação política ou ideário social. No levante de 35, os insurretos praticamente não tiveram voz; sua versão sobre os acontecimentos sequer foi divulgada pela Imprensa. A “verdade oficial” dos fatos foi àquela apresentada pelo governo, pelos militares e pela propaganda anticomunista.

A Intentona, enquanto movimento político-social, abriu espaço para uma brutal perseguição a todos aqueles que não comungavam com ideais do governo Vargas. O 27 de novembro foi decretado pelo governo como dia de homenagens aos “heróis da Pátria”, e pelo Exército como “dia de combate ao inimigo interno” (leiam-se: comunismo ou doutrinas que representassem “perigo” para a nação).

Outro elemento de presença marcante na trajetória e na construção das representações sobre os comunistas do Brasil, na década de 30, foi a divulgação do mito da conspiração judaico-comunista, com o surgimento dos regimes nazi-fascistas, na Europa.

72 - A palavra “intentona” origina-se do castelhano, significando “plano insensato” ou “intento louco”. Esse termo foi primeiramente utilizado pelos jornalistas que cobriram o levante ocorrido nos quartéis de Natal, Recife e Rio de Janeiro, em novembro de 1935, com o objetivo de depor o governo; a generalização e utilização histórica desse termo dar-se-ia, somente, anos depois.

*“(...) Trotsky, o missionário errante do programa “sionista” e como ele, os promotores da campanha do ateísmo militante, e da luta iniciada em Moscou, não somente contra o catolicismo, mas também contra qualquer credo religioso, pois se trata de tirar da consciência universal a idéia de Deus, são os pregadores da destruição e da revolta.”.*⁷³

A junção entre Comunismo e Judaísmo foi amplamente utilizada pelo anticomunismo de matriz católica. Entre os pontos definidos para justificar a interseção entre a doutrina política e a religião, três merecem destaque: a forte presença dos judeus no mundo das finanças desde a Idade Média vinculando-se à importância do econômico no contexto marxista; a presença internacional dos judeus (sem levar em conta ser essa condição fruto do processo histórico a que este povo foi submetido), unindo-se às propostas internacionalistas defendidas por Marx e Trotski; e, finalmente a significativa presença de judeus em projetos socialistas, situação comum, também, ao Partido Comunista Brasileiro.⁷⁴

Pesquisas posteriores indicaram que as relações entre judeus e comunistas foi extremamente delicada em muitos momentos, especialmente na União Soviética. Inúmeras teorias defendem a existência de um “anti-semitismo de Esquerda”, inclusive com *pogroms*

ordenados por Stálin. Entretanto, nos anos de 1930, tais estudos ainda não existiam, e, mesmo que existissem, não seriam mencionados no arsenal teórico anticomunista, haja vista o interesse político de muitos países em unir visceralmente judeus e comunistas.

Os soldados da ordem

Eram esses os “inimigos da ordem”, contra os quais combateram os “soldados católicos”, homens que puseram sua pena, e, muitas vezes, sua vida, à serviço da Igreja. Muitos dos articulistas além de gozarem de grande influência nos círculos católicos,

73 - DE LA PEÑA, Antonio. *Situação das confissões religiosas da U.R.S.S.* In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jul/1936, p. 5.

74 - Marx, Engels, Trotski, Bela Kun e muitos dos comissários do povo, na Rússia, tinham ascendência judaica e O PCB contou com forte presença de judeus, como Jacob Gorender, Leôncio Basbaum e Maurício Grabois. ocupavam posições de destaque nos setores profissionais em que atuavam e, também, na sociedade, comprovando que sua influência ideológica ultrapassava as fronteiras dos meios religiosos.

De 1930 a 1937, período de recorte deste trabalho, mais de uma centena de autores emprestaram seu nome e suas idéias em defesa da ordem católica, entre eles os padres Leonel Franca, Camillo Torrend, Antonio de La Peña e Frederico Muckermann; o médico Hamilton de Lacerda Nogueira; o advogado Fernando Lopes Ribeiro; os escritores Jonathas Serrano e Oscar Mendes; os poetas Durval Borges de Moraes e Augusto Frederico Schmidt; os jornalistas Perillo Gomes, Luís Cavalcanti Sucupira e Osório Lopes; os intelectuais Ruy Barbosa de Campos, Sylvio Elia e Paulo Sá; o professor Arlindo Veiga, um dos fundadores da *Frente Negra Brasileira*⁷⁵ que, assim como Sebastião Pagano, presidiu a *Ação Imperial Patrianovista*⁷⁶, entre tantos outros. Homens que, acima de qualquer coisa, defenderam seu ideal e lutaram para construir uma “sociedade em bases cristãs”.

Três dos articulistas merecem ser destacados, não porque tivessem maior importância no contexto da revista, mas pela trajetória ideológica que seguiram: Alceu Amoroso Lima, Plínio Corrêa de Oliveira e Heráclito Sobral Pinto. Todos membros do Centro Dom Vital, católicos, conservadores, com o mesmo ideário inicial, mas trilhando caminhos opostos.

75 - A Frente Negra Brasileira foi uma organização de caráter conservador e nacionalista, fundada na cidade de São Paulo, em 16 de setembro de 1931, e cujo objetivo era lutar contra a discriminação racial no país. A frente alcançou grande repercussão nos meios nacionais e internacionais, apresentando um crescimento acentuado com desenvolvimento de núcleos em vários estados e a criação do jornal *A Voz da Raça*. Em face dos êxitos obtidos, a frente tornou-se partido político, em 1936. No entanto, sua duração foi de apenas alguns meses. Em novembro de 1937, com a instauração do Estado Novo, pelo presidente Vargas, todos os partidos foram dissolvidos, inclusive o da Frente Negra. Para um maior conhecimento sobre o tema, ver SILVA, Maria Aparecida Pinto. **A Voz da Raça: uma expressão negra no Brasil que queria ser branco**. São Paulo: s.n, 2003.

76 - A Ação Imperial Patrianovista foi fundada em São Paulo, no ano de 1928. Inicialmente sob o nome de *Centro Monarquista Brasileiro*, seu objetivo era promover a restauração da monarquia no Brasil. Manteve ligações com a *Frente Negra Brasileira* e com a *Ação Integralista*. Constituiu núcleos em 105 municípios brasileiros e foi extinta em 1972. Para um maior conhecimento do tema, ver MALATIAN, Teresa M. **Cruzados do Império**. São Paulo: Contexto, 1990.

Alceu Amoroso Lima nasceu em Petrópolis, Rio de Janeiro, em 1893. Em 1913, formou-se em Direito. Entretanto, dedicou-se à atividade de crítico literário, tradutor, jornalista, professor (lecionou em universidades brasileiras e estrangeiras, inclusive nos Estados Unidos e na Sorbonne, em Paris) e escritor, utilizando em inúmeras oportunidades o pseudônimo de *Tristão de Atayde*, que adotou em 1919, quando se tornou crítico de *O Jornal*. Engajou-se no movimento modernista, em 1922, e foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 1935. Apesar de ter nascido em uma família católica, não professava credo algum, dizendo-se ateu. De essência conservadora, defendeu os princípios nacionalistas e o Integralismo.

Em 1919, conheceu Jackson de Figueiredo, com quem manteve correspondência quase diária até 1928 (ano da morte de Jackson), marcada por tensões e discordâncias de ambos os lados (inclusive com algumas “escaramuças” nas colunas de *O Jornal*), pois, ali, colocavam-se duas personalidades opostas, com diferentes concepções da vida e de mundo. A despreocupação espiritual, a jovialidade, a inteligência e a sensibilidade de Alceu contrastava com catolicismo fervoroso e a personalidade passional de Jackson.

Entretanto, tais diferenças não impediram que entre os dois surgisse um frutífero debate intelectual e uma sincera amizade, coroada pela conversão de Alceu ao catolicismo em agosto de 1928 (três meses antes da morte de Jackson).

A transformação de Alceu de descrente em católico militante teve a influência direta de Jackson de Figueiredo, que, durante os quase dez anos de correspondência, buscou a todo custo convertê-lo, afirmando ver nele o seu sucessor na militância católica, como podemos observar no trecho de uma carta de 1922:

“Meu caro Alceu, um homem que tem a sua inteligência, não pode nunca ter a fé do carvoeiro. Como eu poderia desejar que você renunciasse à sua liberdade de pensar? Mas uma é esta, no bom sentido, e você não a tem mais do que eu; outra é a de escrever tudo o que, um dia depois, relido, já lhe merece dúvida e até desgosto, conforme confissão sua. (...) Você diz que não ataca a Igreja. Eu lhe digo: ataca e muito! Só a atitude de indiferença ante certos problemas não só equivale a um ataque surdo à moral cristã como até à Lei Natural. (...) Você, renunciando às prerrogativas do Batismo, faz um ideal todo seu, como se você fosse um Deus, de um mundo especial e seu próprio. Se você, vivendo na sociedade que a Igreja formou, passeia a sua linda despreocupação dos alicerces dela, não só gasta perdulariamente os seus próprios sapatos, como gasta, sem direito, as pedras do chão benéfico. Ora, é isto atitude digna de um coração como o seu? Como se arrisca a ferir, mesmo de leve, o que está em sua frente? Não é possível evitar, e, no entanto, você não se deu ao trabalho de saber o que é”.⁷⁷

Jackson fora para Alceu, o que outrora foram para ele Farias de Brito e Dom Leme. Tão intensa tornara-se essa amizade que Alceu jurou, junto ao esquife, no funeral de Jackson, continuar sua tarefa, e, assim o fez. Auxiliado pelo padre Leonel Franca assume a presidência do Centro Dom Vital, para transformá-lo de um pequeno cômodo nos fundos de uma livraria, num concorrido espaço de encontro da intelectualidade não só carioca, como brasileira. Incentivou a fundação de novos núcleos do centro em outros estados, além de projetar sua influência como núcleo da inteligência católica, em nível nacional. Com a colaboração de Perillo Gomes, assume, também, a chefia da redação de **A Ordem**.

A posição conservadora que o levou a combater o liberalismo, o comunismo, a Aliança Nacional Libertadora e a posicionar-se em favor de Franco na Guerra Civil Espanhola modifica-se lentamente, em finais dos anos 30, sob a influência do pensador francês Jacques Maritain, tornando-o um dos principais tradutores de suas obras e o maior

divulgador de suas idéias no Brasil, fato que o colocará em direta oposição a Plínio Corrêa, um antimaritanista ferrenho.

Em meados dos anos 40, sob o impacto da filosofia de Maritain e do contexto democratizante do pós-segunda guerra, Alceu Amoroso Lima assume integralmente a luta pela “Democracia Humanitária”, estabelecendo uma nova diretriz para o posicionamento da revista **A Ordem**. O comunista não mais seria o “inimigo satânico e irreconciliável da Igreja”, mas, sim, o irmão que fraternalmente deveria ser esclarecido sobre os erros de sua doutrina e amorosamente convertido ao catolicismo.

*“Maritain em ‘Cristianismo e democracia’”, diz que as posições possíveis em relação ao comunismo são três: exterminá-los pela violência e pelos campos de concentração; deixar-se dominar por eles; e, finalmente reconhecer que “os comunistas não são o comunismo” e que adquiriram inequivocamente o direito de estar presentes ao trabalho de reconstrução da cristandade, como companheiros de combate”.*⁷⁸

77 - LIMA, Alceu Amoroso & BARRETO FILHO. **Correspondência de Jackson de Figueiredo**. Rio de Janeiro: Editor ABC, 1938, P. 51.

78 - LIMA, Alceu Amoroso. *Comunismo, reacionarismo, integralismo*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, set/1945, p. 167.

No quadro de radicalização política gerado pela ditadura militar após 1964, Alceu Amoroso Lima, passa a ser identificado como um “intelectual progressista”, que luta contra as transgressões à lei e à censura impostas pelo regime aos brasileiros. Nesse período, coloca-se em defesa dos direitos humanos e sociais, tornando-se duro opositor da ditadura militar. Uma semana após o golpe, publicou o artigo *Terrorismo Cultural*, o primeiro de uma série de críticas ao novo regime, recebendo com isto o título de “comunista” (!), embora jamais tivesse se envolvido com partido algum e gozasse de grande respeito junto à intelectualidade conservadora.

Alceu Amoroso Lima morreu em agosto de 1983, aos noventa anos de idade, reverenciado como um dos maiores intelectuais brasileiros de todos os tempos.

Em trajetória político-ideológica oposta à de Alceu, seguiu o também articulista de **A Ordem**, membro do Centro Dom Vital e da Ação Católica, Plínio Corrêa de Oliveira.

Plínio Corrêa de Oliveira nasceu na cidade de São Paulo, em 1808. Herdeiro da linha de pensamento contra-revolucionária de Joseph de Maistre, do Visconde De Bonald, de Donoso Cortés e Jackson de Figueiredo, por quem nutria extrema admiração. Destacou-se desde muito

jovem como um eminente pensador católico e intrépido homem de ação. Em 1929, pouco antes de formar-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, fundou a *Ação Universitária Católica*, e, em 1932, participou da formação da *Liga Eleitoral Católica*, com o apoio da qual se elegeu como deputado federal (o mais jovem do país, aos 25 anos), e para a Assembléia Nacional Constituinte, em 1933, na qual consolidou-se como principal líder do “grupo católico”. Inteligente, intuitivo e carismático, Plínio foi um homem de profunda fé e um grande defensor da Igreja Católica Apostólica Romana (à qual prometeu dedicar toda sua existência) e do papado. Via na figura dos papas, a “doce imagem de Cristo na Terra e o fundamento infalível da Verdade”. No trecho de *Via Sacra*, composta por ele, em 1951, podemos perceber todo o seu devotamento ao catolicismo:

“Pertencer à Igreja é coisa muito alta e muito árdua. Devemos pensar como a Igreja pensa, sentir como a Igreja sente, agir como a Igreja quer que procedamos em todas as circunstâncias de nossa vida. Isto supõe um senso católico real, uma pureza de costumes autêntica e completa, uma piedade profunda e sincera. Em outros termos, supõe o sacrifício de uma existência inteira”.⁷⁹

79 - Plínio Corrêa de Oliveira. *Via Sacra Apud* MATTEI, Roberto de. **O Cruzado do Século XX: Plínio Corrêa de Oliveira**. Porto: Livraria Civilização Editora, 1997, p. 95.

Tomista convicto, casto por ideal e por força de combate, foi um devoto incondicional da Virgem Maria e uma das forças mais atuantes nas *Congregações Marianas* de São Paulo.

Além de assíduo colaborador de **A Ordem**, fundou, em 1930, o *Legionário* que, de simples folha paroquial oficiosa da Arquidiocese de São Paulo, transformou-se em importante jornal semanal de repercussão nacional. É no *Legionário* que se forma seu núcleo de seguidores (mais tarde chamado de “grupo de Plínio”), estabelecendo as bases para a formação da *Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade*⁸⁰, em 1960.

É principalmente pelo jornal *Legionário*, no final dos anos 30, que Plínio inicia uma campanha contra o que chamou de “renascer de um deplorável liberalismo católico”, em decorrência da tolerância com os inimigos do catolicismo, sob o pretexto de uma “piedade adocicada” e de uma falsa caridade, cuja origem encontrava-se nas idéias de Jacques Maritain e que influenciavam negativamente os meios católicos, os quais se deixavam contaminar pela “sociologite” e pelo “pietismo”.⁸¹

“A crescente influência do catolicismo no Brasil se impõe aos adversários de nossa fé com a inexorável força do fato consumado. Cessou a luta aparente e, para melhor continuar a lutar, o diabo se fez de “sacristão” (dia chegará em que se fará de bispo...!) e a fase entre nós está aberta para as aproximações insidiosas, para as infiltrações pérfidas e ambições malífluas”⁸²

80 - A TFP, sigla pela qual ficou conhecida a *Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade*, é uma associação civil, embora tenha inspiração na organização das ordens religiosas. Foi fundada por Plínio Corrêa de Oliveira, com o objetivo da “*construção da autêntica civilização cristã, com o estabelecimento do poder temporal e espiritual da Igreja católica*”. A TFP é dura combatente tanto da modernidade liberal, como do comunismo. Atualmente, mantém sedes em 126 países, nos cinco continentes.

81 - Esses termos são utilizados por Plínio no artigo denominado *Sociologite*, no *Legionário* de setembro de 1938. A *sociologite* consistia em discutir-se apenas questões sociais e políticas, esquecendo-se da santificação, que deveria ser o objetivo primeiro de toda associação católica. O *pietismo*, significava um descuido no estudo da doutrina católica, pois, numa época de “armadilhas intelectuais”, era preciso um sério trabalho interno para manter “incorrupção a inteligência católica”. *Apud* LIMA, Lizanias de Souza. **Plínio Corrêa de Oliverira – Um Cruzado do século XX**. São Paulo: 1984 (Dissertação de Mestrado, USP).

82 - OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Católicos Apostólicos Romanos*. In: **Legionário**, São Paulo, jan/1942, p. 5.

Embora não cite nomes, o trecho do artigo é uma referência a Alceu Amoroso Lima, então Líder nacional da Ação Católica, e à doutrina de Maritain. Essa postura de Plínio dá início a uma cisão nos meios católicos laicos e gera um profundo desconforto nas elites dirigentes do catolicismo brasileiro. Entretanto, o ápice desta polêmica seria a publicação de seu livro *Em defesa da Ação Católica*, em 1943, no qual critica severamente as posturas adotadas pela Ação Católica Brasileira, tais como a aceitação dos “desvios” da modernidade, já condenados pelos papas; adoção de práticas “inadequadas” na militância católica em decorrência do desvio de mentalidade de membros influentes da Ação Católica e a falta de rigor na seleção dos membros que a compunham; ignorância em relação à severidade de princípios do catolicismo, evitando, assim, a divulgação dos erros mundanos, com o objetivo de manter a popularidade vulgar.

Plínio tinha plena consciência das conseqüências da exposição pública de suas idéias, tanto que identificou sua atitude como um “gesto de kamikaze”, afirmando que “ou ele estouraria o progressismo ou seria estourado por ele”. Realmente o foi. Sua posição a partir daí, ficou severamente comprometida nos meios católicos, culminando com seu

afastamento do *Legionário* e da Ação Católica, em 1947. Dessa época em diante, Plínio percebe que seus maiores inimigos estão dentro da “Cidadela de Deus”.

Durante quase dez anos, viveu numa espécie de ostracismo nos meios católicos, sendo alvo de inúmeras críticas. Nesse período, escreve uma de suas mais importantes obras, *Revolução e Contra-Revolução*, em 1959, que se tornará o livro de cabeceira de todos os sócios e participantes da TFP, fundada por Plínio um ano depois.

Plínio Corrêa de Oliveira faleceu em 1995, aos 87 anos de idade. Manteve-se durante toda a vida fiel a seus ideais primeiros; foi um conservador que se colocou à extrema direita dos conservadores. Entretanto, sua autenticidade valeu-lhe o respeito de muitos de seus opositores. Jackson de Figueiredo estaria enganado ao sentir que o sucessor de sua obra seria Alceu Amoroso Lima, quando na verdade, o herdeiro de suas idéias fora Plínio Corrêa?

Trilhando outros caminhos, Heráclito Sobral Pinto não participaria efetivamente da polêmica entre maritanistas e antimaritanistas. Embora ainda fosse um católico fervoroso e praticante, as circunstâncias o colocariam numa batalha jurídico-política, em 1937, na defesa de Luís Carlos Prestes e do alemão Arthur Ernest Ewert (cognome Harry Berguer), participantes do levante de 1935 e acusados pelo Tribunal de Segurança Nacional.

Heráclito Fontoura Sobral Pinto nasceu em Barbacena, Minas Gerais, em 1893. Em 1917 formou-se em Direito pela Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro.

Tornou-se publicamente conhecido por seus artigos na revista **A Ordem**, onde por meio de sua *Crônica Política*, reivindicava o fim do que entendia como arbitrariedades políticas ocorridas durante o Governo Provisório de Vargas. Suas críticas, provavelmente, tenham gerado desconforto no movimento de aproximação entre a Igreja Católica e o Estado, pois, a partir de 1934, seus artigos não mais são encontrados nas páginas da revista católica.

Em 1937, seria designado para uma incumbência um tanto quanto estranha para um católico fervoroso e anticomunista ferrenho como Sobral: foi nomeado pela Ordem dos Advogados do Brasil, como advogado de Luís Carlos Prestes (comunista) e do alemão Arthur Ewert, ambos presos pela participação no levante de 1935, tarefa que aceitou como “dever indeclinável da nobre profissão”, mesmo consciente de que tal atitude render-lhe-ia desconforto e mesmo inimizades nos meios católicos.

Quando questionado sobre o caso, dizia seguir os preceitos de Santo Agostinho de Hipona, “devemos odiar o pecado, mas, amar o pecador”. Portanto, odiaria o comunismo, mas

amararia os comunistas. Argumentava, ainda, que gostaria de ter o amparo divino para mostrar aos juízes do Tribunal de Segurança, que Prestes e Ewert eram, também, membros da grande família humana.

As divergências ideológicas não impediram o nascimento de uma duradoura amizade entre Sobral e Prestes, fortalecida por oito anos de convívio, embora em difícil situação (Luís Carlos Prestes e Arthur Ewert só seriam libertados em 1945, após dez anos de prisão, graças à anistia a presos políticos concedida por Vargas).

Sobral ironizava, afirmando que Prestes havia, nesses oito anos, tentado convencê-lo a tornar-se comunista e que ele (Sobral) havia tentado convertê-lo ao catolicismo, sendo que nenhum dos dois obtivera sucesso.

A amizade entre o “inimigo” e o “soldado” da fé, foi tão verdadeira que, permitiu que Sobral revelasse a Prestes, numa longa carta, escrita em 27 de abril de 1945, seu descontentamento em relação ao apoio do amigo à União Nacional, conclamada por Vargas:

“Capitão Luís Carlos Prestes

Transgredindo prescrição médica, e procurando dominar meu abatimento físico, retorno por momentos à minha atividade de homem público, tão só para fazer chegar ao seu conhecimento o meu modesto ponto de vista pessoal de católico e de brasileiro sobre a entrevista que o senhor ontem teve com a imprensa diária desta capital. Li com sofreguidão e ansiedade, essa entrevista, na esperança de que ela me iria proporcionar a oportunidade de encontrar um terreno comum de identidade de pensamentos e opiniões que nos permitisse encarar debaixo do mesmo ângulo o esforço do povo brasileiro para instituir, entre nós, em bases duradouras, uma ordem verdadeiramente democrática, capaz de harmonizar, em todos os setores da vida nacional, os imperativos da autoridade com as exigências de liberdade. (...) Seu advogado ex-ofício até ontem, vivemos juntos e solidários oito longos anos de sofrimento, inquietações e incertezas permanentes, animados sempre, todavia, pela certeza da vitória final contra a prepotência sombria e brutal da ditadura do senhor Getúlio Vargas, que oprimia, com desrespeito às suas prerrogativas de homem, a dignidade do próprio cidadão brasileiro. Extinto agora o meu mandato ex-ofício por força da anistia, que é a consagração do seu triunfo contra essa mesma opressão brutal do senhor Getúlio Vargas, eu me vejo na contingência de ter que divergir publicamente da atitude do meu dileto amigo de tantas horas amargas, a fim de continuar, coerente com meus princípios, na rota que me tracei de trabalhar, pela arma da palavra, que é a única de que disponho, pela libertação honesta e digna de minha Pátria estremecida. Sua atitude na entrevista que provocou esta minha manifestação, pode ser consubstanciada por esta só expressão: “um apelo de União Nacional”. O que o senhor quer, na realidade é que todos os brasileiros se congreguem em torno do senhor Getúlio Vargas?”⁸³

Assim, segue Sobral Pinto, demonstrando perplexidade frente à atitude de Prestes em apoiar a permanência de Vargas no poder e criticando as arbitrariedades de seu governo, até despedir-se com saudações de respeito, consideração e afeto, colocando-se “sempre” ao dispor do “Cavaleiro da Esperança”.

O difícil processo da defesa de Prestes colocaria Sobral em outros tantos processos nos Tribunais de Segurança, ao longo da história brasileira, como no caso do escritor Graciliano Ramos, entre os anos de 1930 e 1940, e, nos anos de 1960, de Carlos Lacerda, Miguel Arraes, Juscelino Kubitschek, Mauro Borges e Francisco Julião, entre outros. Quando da renúncia do presidente Jânio Quadros, em 1961, manifestou-se publicamente pelo cumprimento da Constituição do Brasil e em favor da posse do vice-presidente, João Goulart, de quem afirmava ser um intransigente adversário político e ideológico.

Inicialmente, mostrou-se favorável ao golpe militar de 1964, mas logo percebeu que o governo dos generais tornara-se um “Estado de arbítrio e prepotência”. Em 1968, foi detido

83 - Heráclito Fontoura Sobral Pinto. *Carta a Luís Carlos Prestes*. In: DULLES, John W.F. **Sobral Pinto: a consciência do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.110.

por três dias na sede da Polícia do Exército, em Brasília; tornara-se uma pessoa incômoda e perigosa para o regime, pelas críticas proferidas contra a violação dos direitos civis e por colocar-se em defesa de presos políticos.

Em 1994, participou da campanha pelas “*Diretas Já*”, considerando este, um dos momentos mais marcantes de sua vida. Sobral Pinto morreu em 1991, aos 98 anos, 74 dos quais dedicados ao exercício do Direito.

Feitas estas considerações sobre os “inimigos” e “soldados” de **A Ordem**, passemos à análise dos artigos que expressam o anticomunismo pelo prisma dos articulistas e das posturas assumidas pela revista, no período de 1930 a 1937.

Capítulo 3

A Força das palavras: Fala A Ordem...

“Dos abismos de minha desgraça, eu clamo a ti, Senhor. Oh Cristo, ouve a minha voz, atende às minhas súplicas; não afaste de mim a tua face; estamos aflitos, inclina até nós teu ouvido, e ouve-nos prontamente. Porque, Senhor, sempre fostes propício à Rússia, e ela contou sempre com teu auxílio. Pois sabemos que se nossa pátria se dirigir a ti, tu declararás guerra aos seus inimigos e abaixarás tua face para nós. E nossa pátria será restabelecida e afastarás de suas terras a miséria. Tu lhe darás em lugar da desgraça a felicidade, e em vez da miséria, torrentes de ouro. Tu te levantarás e terás piedade da Rússia porque já é tempo de teres piedade dela, porque chegou o tempo. Senhor, se ela pecou, se cobriu de iniquidades suas mãos, se foi infiel a ti que só lhe fizeras bem, já pagou com a ignomínia seus pecados. Em teu nome perdoa nossos pecados, pois são grandes.(...) Ouve-nos: escuta com teus ouvidos as palavras que saem de nossa boca. Em teu nome, Senhor, salva minha Rússia de todas as suas iniquidades! Porque os Socialistas irromperam de todos os lados, fizeram para si um caminho para o governo, e rodearam em cerco nossos defensores: eles se apoderaram da Rússia, e tornaram-se opressores do povo, afastaram a Deus de seus olhos. Todos os dias crescem na sua crueldade, e o número de seus crimes é incerto para nós. Mas, oh Deus, a ti elevo minha alma e tenho confiança que minha pátria não se perderá, e que os Vermelhos não continuarão a atormentá-la. Livra a Rússia de seus opressores, porque tu és, ó Cristo, o nosso refúgio e sempre confiamos na tua proteção. Olha, Senhor, a aflição de teu povo, e tem piedade dele, porque ele tornou-se miserável e sem amigos. Multiplicaram-se seus infortúnios, suas humilhações e suas penas. Seus opressores tornaram-se poderosos, e odiaram o povo com um ódio iníquo, perseguiram teus servos e profanaram teu culto. Teu povo chora, implorando misericórdia ao seu Deus, irado contra suas iniquidades”¹.

Qual a força das palavras? Qual o alcance de seu poder na mobilização de sentimentos, no despertar de ações, na formação de consciências? Qual o seu grau de interferência, na formação do imaginário social?

Diante de um excerto da *Prece Russa*, elaborada a partir de textos bíblicos (Job,

1 – OTTONI JUNIOR, J. Lourenço de Oliveira. *Prece Russa*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, mai/1934, pp.381-382.

Lamentações de Jeremias, do Evangelho de Mateus e dos Salmos de Davi), tornam-se inevitáveis tais indagações. Trata-se de um texto “vivo” com um alto referencial emocional, carregado de imagens metafóricas, de apelos à Divina Providência, que funde um elemento historicamente novo, o comunismo (e por sua vez o anticomunismo) a uma milenar tradição bíblica, com a qual, qualquer cristão ocidental está, ao menos medianamente, familiarizado.

Um texto intenso, repleto de súplicas, carregado de adjetivos; construído sobre metáforas que nos permitem construir um quadro mental baseado numa profunda compaixão, associando o comunismo a experiências malignas, destruidoras e bestializadas. Em minutos de leitura, o sentimento que paira sobre a razão é o temor quanto à experiência política desenvolvida na Rússia. Um texto que cria uma determinada representação que, por sua vez, remete-nos ao conceito de *imago* dos antigos romanos, com o significado de “imagem”, “representação”. Tornar presente o que, supostamente, está ausente.

Palavras e imagens, enquanto representações, podem ser armas... Tão mortais como baionetas, com a vantagem de serem mais duradouras, de atravessarem séculos incólumes, guardando toda sua potência. Têm o poder de penetrar tão fundo no imaginário humano, onde nenhuma outra força poderia chegar. Podem semear ódios ou amores, conchamar para a luta ou exortar para a paz. Não são o concreto, mas, certamente, atuam no concreto. Não são “coisas”, mas podem representar “coisas”, num ir e vir dialético e transformador entre aquele que as escreve, aquele que as lê e ao tempo que se põe entre ambos. Concreto e simbólico em vínculo constante. Num jogo de razões e de sentidos.

Todo vocabulário é construído e transformado historicamente. As palavras são históricas tanto em sua etimologia, como em seu uso e, aqui entendidas, como elementos de uma linguagem, desvelam os valores das sociedades que as criaram e que as mantêm vivas.

Os articulistas de **A Ordem**, já compreendiam esse poder:

“As palavras como os livros, têm o seu destino. A uma Idéia que traduz uma determinada situação, localizada no tempo e no espaço, junta-se para traduzi-la, uma certa expressão. A expressão fixa, imóvel, incapaz de evoluir, cristaliza-se. E em tempos distantes, ou em lugares estranhos, nos quais a Idéia representa coisas inteiramente diversas do significado que tinha no nascedouro, ainda continua a prevalecer a palavra

No século XX (especialmente, após 1980), as palavras, ou mais precisamente os discursos, alcançaram um *status* inédito no contexto da historiografia. Martin Heidegger, Michael Foucault e Hyden White⁴ são exemplos de pensadores que desenvolveram pesquisas, tendo como centralidade a dimensão discursivo-narrativa, sobrepondo os tropos e as figuras de linguagem à objetividade da história.

Segundo este pressuposto, a busca da “verdade histórica” estaria sempre comprometida, pois o mundo é complexo e infinito, fazendo das “verdades”, elementos provisórios. Desta forma, tudo seria interpretação e narrativa, pois o real comporta muitas determinações.

“Os leitores de histórias e de romances dificilmente deixam de se surpreender com as semelhanças entre elas. Há muitas histórias que poderiam passar

é mister considerar as condições materiais em que se desenvolveram e se estruturaram as possíveis “visões de mundo”. Ora, idéias não são fruto de geração espontânea, nem estão apartadas dos homens, dos grupos sociais e dos contextos históricos que as engendraram.

“Na produção social que os homens efetuam, eles estabelecem relações definidas que são indispensáveis e independentes da sua vontade; essas relações de produção correspondem a um estágio definido do desenvolvimento de seus poderes materiais de produção. A soma total dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade – seu fundamento real, sobre o qual se criam superestruturas legais e políticas e às quais correspondem formas definidas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o caráter geral dos processos sociais, políticos e espirituais da vida.”⁶

Para Marx, as representações obedecem a uma determinação social, de modo que as circunstâncias histórico-materiais devem ser inalienáveis de qualquer análise histórica ou discursiva. Os homens criam suas representações sociais, mas o concreto já estava anteriormente posto nessas representações, sendo a sensibilidade e o imaginário socialmente marcados (relações ontológicas). A linguagem é, portanto, um construto social.

De acordo com este instrumental teórico, idéias e formas culturais só se tornam “reais” à medida que se materializam em determinadas instituições e práticas, ou seja, à medida que se tornam “visíveis” aos grupos sociais.

O discurso anticomunista só despontou e efetivou-se a partir de determinadas condições econômicas, políticas, culturais e históricas específicas. Esta especificidade histórica, entretanto, assumiu diferenciados aspectos em cada tempo e espaço onde surgiu. Por exemplo, a expressão do anticomunismo nos Estados Unidos, nos anos de 1930, não teve a mesma conformação, nem as mesmas características do anticomunismo desenvolvido no Brasil desse mesmo período.

O anticomunismo brasileiro engendrou-se num contexto histórico específico, quando o pensamento político conservador, pretensamente ameaçado por uma “burguesia liberal” (embora este termo seja utilizado com as ressalvas já expostas anteriormente), aliou-se ao catolicismo, na luta contra as expressões da modernidade, erigindo suas bases em discursos de

6 – MARX, Karl. *Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel*. In: **Obras Escolhidas de Marx e Engels**. São Paulo: Alfa-Omega, 1996, p.95.

caráter religioso. Dessa forma, parece possível dizer que cada país, de acordo com seu contexto histórico específico, formulou elementos de maior ressonância para a legitimação e efetivação de seu discurso anticomunista.

Quando a fonte primária de pesquisa é uma revista, como no caso do objeto desta dissertação⁷, os discursos são os elementos fundamentais de análise, mas, as formas lingüísticas não podem ser descartadas, na tentativa de se perceber quais as intenções subjacentes no texto e como estas se refletem concretamente nas relações estabelecidas. A linguagem, além de ter um significado simbólico tem, também, efeito na ação, o que nos leva a uma outra questão: o que está sendo feito com aquilo que é dito ou escrito? A influência desses discursos está presente na práxis social? Eles criaram novos modelos de representações ou transformaram os já existentes?

Essas questões devem estar presentes na análise dos artigos; caso contrário, corre-se o risco de perceber as palavras “apenas” como palavras, e, não como geradoras de uma forma de representação que contribuiu para criar ou consolidar, imagens negativas do comunismo para as gerações vindouras.

Os objetivos e propostas gerais da revista **A Ordem** já foram explicitados ao longo do primeiro capítulo. Entretanto, com respeito especificamente ao anticomunismo dos anos de 1930, faz-se necessário retomar a questão sob prisma tanto da práxis, como da durabilidade desse discurso. Nesse sentido, vale destacar as pedras angulares do projeto da revista em relação à doutrina comunista: intervir, de maneira sistemática e eficaz, na formação intelectual, moral e religiosa da elite católica laica; advertir essa mesma elite, quanto aos perigos do comunismo e de sua ação destruidora, tanto no plano religioso, como no plano social; veicular o discurso anticomunista, no intuito de atingir todas as camadas sociais, por meio de um processo de adequação⁸ desse discurso, tanto nos meios católicos, através de cerimônias, ritos e congregações religiosas, quanto nos meios laicos, através de encontros, palestras e ações sociais; combater as possibilidades de efetivação de propostas de caráter

7 – A revista **A Ordem**, no período desta análise (1930-1937) não continha ilustrações.

8 – O termo *adequação* é utilizado no sentido de que, veicular os artigos em seu formato original, tornaria difícil a sua compreensão, em determinados meios sociais, haja vista a erudição de muitos deles. A proposta era de que as idéias centrais, em especial, o conteúdo simbólico dos artigos anticomunistas, passassem por um processo de “filtragem” que facilitasse sua compreensão e assimilação.

socialista ou laicizante, no Brasil; e, finalmente, fortalecer o Catolicismo Integral, tanto como proposta de resolução de conflitos e problemas sociais, como de principal elemento da unidade nacional.

Esses discursos atingiram a práxis, na medida em que foram criadas associações que interferiam tanto no plano político, como no social, a exemplo, entre outras organizações, da *Liga Eleitoral Católica*, que buscou apoiar candidatos comprometidos com as propostas católicas; da conformação do “*grupo católico*” que atuou energicamente na Constituinte de 1933; da *Confederação Nacional de Operários Católicos*, cujo objetivo era prevenir e combater a adesão dos operários ao comunismo; da *Associação dos Universitários Católicos*, do *Instituto Católico de Estudos Superiores* e da *Associação dos Professores Católicos*, com atuação nos meios intelectuais e estudantis; da organização da *Associação das Livrarias Católicas* e da *Confederação da Imprensa Católica*, que atuavam nos meios de comunicação. Essas organizações compunham uma vasta rede coordenada nacionalmente pela *Ação Católica Brasileira*, que se converteu na mais importante associação laica sob o comando da hierarquia eclesiástica no Brasil.⁹ Aí pode ser inserida a concepção de Marx, segundo a qual as idéias, sozinhas, não realizam coisa alguma, sendo preciso que os seres humanos as ponham em movimento gerando uma força prática.

Para alcançar esses objetivos, o catolicismo conservador dos anos de 1930, acabou por desenvolver e fortalecer, um arcabouço de representações sobre o comunismo e os comunistas, que teve na revista **A Ordem**, um de seus principais veículos de transmissão e legitimação. A formação desse arcabouço anticomunista, por meio dos artigos, utilizou-se de inúmeros argumentos e de estratégias que se adaptavam às situações específicas. Entretanto, uma dessas estratégias, merece destaque: a utilização sistemática de adjetivos e de metáforas, com marcado teor simbólico, tanto sobre os sujeitos, pela personificação, como sobre as ações, pelo uso de verbos.

Muitas palavras são utilizadas em sentido figurado e tornam-se fundamentais para a compreensão tanto da intencionalidade, como dos efeitos do discurso. Se tais palavras forem

9 – Quando Plínio Corrêa de Oliveira insurge-se, a partir de 1938, contra a direção da *Ação Católica*, (acusando-a de defender uma visão, dominada pelas idéias de Jacques Maritain e do chamado “liberalismo democratizante”), sabia que não atacava “apenas” uma instituição, mas, o centro de controle de uma vasta rede de atuação dos católicos militantes, o que reforça sua percepção de que sua atitude poderia ser a de um *kamikaze*.

analisadas fora de seu contexto, tanto de criação, como de expressão, tornar-se-á mais difícil perceber o seu eco. Ingenuamente poder-se-ia supor que essa fosse uma retórica restrita a meios sob a influência do catolicismo, sem ressonância em outros estratos sociais.

Não se trata, aqui, de enveredar pelos domínios da semântica, da etimologia ou da filologia; entretanto, a decomposição desses textos, com destaque ao uso de determinadas palavras, pode nos fornecer elementos valiosos para a análise dos discursos anticomunistas católicos, no sentido tanto da compreensão de sua produção, como de sua veiculação enquanto força mobilizadora de práticas sociais.

A linguagem tem sido alvo de inúmeros estudos e a metáfora reuniu sobre si um forte interesse, que tem como resultado mudanças em sua concepção e na análise de sua utilização.

*“A metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico, é mais uma linguagem extraordinária do que de linguagem ordinária. Mais do que isso, a metáfora é usualmente vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que pensamento ou ação. Por essa razão, a maioria das pessoas acha que pode viver perfeitamente bem sem a metáfora. Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas, também, agimos é fundamentalmente metafórico por natureza. Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto, eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos seus detalhes mais triviais”.*¹⁰

Embora os estudos sistemáticos sobre a metáfora tenham como marco os anos de 1970, anteriormente muitos estudiosos pensaram sobre ela. Um dos primeiros filósofos modernos¹¹ a conceber a metáfora como figura de pensamento e não apenas de linguagem, foi o filósofo italiano Giambattista Vico (1668-1744).

Para Vico, os mitos, as tradições e as metáforas representam maneiras de dar forma à experiência. Além disso, percebia que o tipo de palavras que as pessoas usam e o modo como usam oferecem um excelente indicativo de sua maneira de pensar e representar o mundo.

10 - LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Educ, 2002, p. 45.

11 - Desde as origens do pensamento ocidental os autores se debruçaram sobre a questão dos limites da linguagem e da linguagem figurada, como Platão e Aristóteles, chegando ao discurso da Patrística e da Idade Média, com Agostinho de Hipona, Boécio, Tomás de Aquino, entre outros.

(...) Feriste com tuas flechas o coração de minha pátria, e sobre nós pesou o teu braço irado. Fizeste com que nossos inimigos vivessem, e com que os Vermelhos se tornassem poderosos sobre nós e se multiplicassem os que nos odeiam iniquamente. Impediste todo o progresso da Rússia, e ela não pode seguir adiante; espalhaste sangue no seu caminho. Tu a espoliaste de suas glórias e tiraste a coroa de sua cabeça. Tu a feriste de todos os lados, e ela perece; e como uma árvore arrancada, tu lhe tiraste toda a esperança. (...) Estendeste teu arco, e fizeste da Rússia como que um alvo, e tuas flechas feriram minha pátria. A dor que elas causam confrangem nosso espírito, e os terrores de Deus militam contra nós. Pois na fome não nos livraste da morte, e na guerra não nos defendeste do que vibra a espada. Do flagelo dos Vermelhos não nos livraste, e nós tememos o castigo quando ele chegou. Vê, Senhor, e considera como nos deixou tua vingança! Teus altares gemem porque não há quem venha ao sacrifício; todas as igrejas foram destruídas ou profanadas; os sacerdotes gemem no exílio da Sibéria, e o povo chora na desgraça coberto de opróbrio".¹²

A *Prece Russa* é exemplo ímpar, do uso das metáforas e da interpretação dos fatos históricos própria do catolicismo conservador (forma de compreender a história já analisada no primeiro capítulo). Os acontecimentos históricos são frutos da Divina Providência agindo sobre os homens. Assim como os hegelianos viam a história dos seres humanos movida pelas idéias, os católicos conservadores consideravam tais idéias como frutos da inspiração divina ou dos ardis do demônio. O infortúnio da Rússia nada mais era do que uma conseqüência do afastamento dos homens com relação à vontade de Deus. Pelo comunismo, doutrina que em si mesma representava o mal, seus adeptos trouxeram para o povo russo a ira de um Deus todo poderoso, que se vingava dos seres humanos infringind

No excerto da *Prece Russa* (citado acima) temos a evocação de Deus, em sua representação de senhor da justiça entre os povos, a espada vingadora, tomada do no *Antigo Testamento*; o sofrimento como punição pelos pecados. A essa representação do Senhor Onipotente são dirigidas as súplicas para que perdoe a Rússia e destrua os socialistas aqui representados como mensageiros da destruição e do flagelo, revivendo dessa forma, o poder do Deus monoteísta dos judeus. Expressa, igualmente, a dicotomia “redenção” (pedra angular da pregação de Jesus Cristo) e “perdição” (intento máximo de Satanás) enquanto conceitos primários do cristianismo em sua proposta universal.

A *Prece Russa* é reveladora, ainda, de um tipo de concepção da temporalidade: o eterno que se renova. Do embate entre as forças do Bem contra o Mal, presente desde a aurora dos tempos até a luta final no Apocalipse; o que está literalmente distante (neste caso, distante no tempo) faz-se presente, pois essa (a luta dos russos contra o comunismo) era mais uma das lutas do povo de Deus, contra as forças do Mal.

A esse respeito, Carlo Ginzburg, em *Olhos de Madeira*¹⁴, pontua inúmeras questões pertinentes ao tema da representação. No terceiro capítulo, sob o título *A palavra, a idéia e a coisa*, o autor recorre ao exemplo da confecção dos manequins representando os reis em suas cerimônias fúnebres, cujo propósito era, provavelmente, tornar perene a figura do soberano, fazendo presente, aquele que estaria ausente.

*“Por um lado, a representação faz as vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro lado, torna visível a realidade representada, portanto sugere a presença. Mas a contraposição poderia ser facilmente invertida: no primeiro caso, a representação é presente, ainda que como sucedâneo; no segundo, ela acaba remetendo, por contraste, à realidade ausente que pretende representar.”*¹⁵

A citação de um exemplo que à primeira vista parece estar fora de contexto deve-se ao fato de que os artigos anticomunistas de **A Ordem** contribuíram para a formação ou, melhor dizendo, rearticulação das representações sobre o comunismo. De certa forma, esses artigos cristalizaram um tempo, um conjunto de idéias, o que nos permite fazer um paralelo com os

14 – GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira – Nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

15 - Roger Chartier *Apud* GINZBURG, Carlo. *A palavra, a idéia e a coisa*. In: **Olhos de Madeira – Nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.85.

manequins dos antigos soberanos, eternizados em uma imagem, presentes numa representação (muitas dessas representações sobre o comunismo atravessaram décadas). O anticomunismo de 1930 teve seu “duplo” presente em diversas gerações, (com maior ênfase nos anos que se seguiram ao golpe militar de 1964) mesmo que os novos contextos tivessem lhe alterado a forma, o conteúdo era basicamente o mesmo. O comunismo, no Brasil, esteve, desde o início dos anos de 1930 até o final da Guerra Fria, sob o trinômio “suspeita, vigilância e eliminação”, de modo que o antigo e o novo, as idéias presentes e ausentes compunham arsenais simbólicos para seu combate.

Destacar o papel da linguagem seria ecoar no vazio, se não analisarmos sua relação direta com a ideologia. Muitos seguidores das idéias de Marx destacaram a intrínseca ligação entre linguagem e ideologia como Walter Benjamin, Mikhail Bakhtin e Jürgen Habermas. Embora divergissem entre si em muitos pontos, todos reconheceram a linguagem como um dos campos mais ricos à observação dos fenômenos ideológicos e das ambigüidades decorrentes disso.

A questão da ideologia é sempre um tema polêmico e de amplos significados. Suscitou discussões acaloradas ao longo da História, e da análise deste conceito não poderíamos nos esquivar, pois as representações estão diretamente ligadas a conceitos ideológicos.

Anteriormente a Marx, o termo *ideologia* foi freqüentemente utilizado com uma conotação negativa, indicando um processo de distorção da realidade, por meio da construção de uma “falsa consciência” (falseamento do real) e por “falsas representações”.

Marx criticou a redução da ideologia “apenas” a um conceito de falsa consciência, pois para o filósofo alemão, a ideologia incorpora (necessariamente) conhecimentos verdadeiros em seu movimento.¹⁶

Para o teórico do comunismo, a consciência remete sempre ao ser consciente e é produzida historicamente; no entanto, esta consciência poderia ser “ilusória”, na medida em

16 – Para Marx e Engels, o “pensador orgânico” desenvolve o processo ideológico com consciência. Entretanto, esta é uma consciência limitada, pois ele não percebe as verdadeiras forças motrizes que o movem na sociedade em que vive. Caso contrário, não se trataria de ideologia. Destacavam, ainda, que a incapacidade de perceber tais forças, também deveria ser compreendida historicamente. A “vulgarização” da expressão “falsa consciência” acabou por comportar leituras simplificadoras de Marx, que a identificaram como sinônimo de ideologia.

que os homens desconhecessem a origem de sua própria natureza.

Marx afiançava que, os teóricos surgidos em meios materialmente dominantes, apresentam em certa medida, “interesses de classe”¹⁷ como se fossem interesses de toda a sociedade, ou seja, como objetivos *universais*. Para tanto, precisam sinceramente acreditar no que pensam e fazem para só desta forma, buscar a construção de um conhecimento verdadeiro (Marx reconhecia que nas idéias de alguns teóricos conservadores havia, muitas vezes, mais conhecimento real e relevante do que em teóricos ditos progressistas). Portanto, não haveria cinismo ou dolo, quando estes adotavam um modo de pensar ideologicamente distorcido, pois realmente não conseguiam ultrapassar os limites de compreensão determinados por seu contexto de classe, ou seja, acabavam “iludidos” a respeito da natureza de sua própria consciência.

Marx apontou, ainda o importante papel da subjetividade na construção da ideologia. Os dramas subjetivos, as escolhas, tensões, recuos e contradições são inerentes ao movimento dos sujeitos sociais. Não se levando em conta a subjetividade dentro desse processo, corre-se o risco de cair numa versão deturpada do *materialismo histórico* ou num limitado *determinismo econômico* que Marx jamais propugnou.

Segundo os pressupostos marxistas, a distorção da consciência sobre sua própria natureza teria surgido no processo em que os seres conscientes provocaram a dilaceração do tecido social que os unia, ou seja, precisamente com a divisão social do trabalho e o aparecimento das classes sociais. Para Marx, divisão do trabalho e propriedade privada são conceitos idênticos, e esta divisão só se torna efetiva no momento em que ocorre a cisão entre o trabalho material e o trabalho espiritual, pois, a partir desse momento a consciência pode supor que é algo distinto da consciência da práxis. Em *A Ideologia Alemã*, obra que só foi publicada na íntegra, em 1931, Marx aponta que os sacerdotes teriam sido os primeiros especialistas no trabalho espiritual; portanto, os primeiros ideólogos.

17 – Devemos, aqui, compreender o termo “classe” não como uma “coisa”, um conceito imóvel e engessado no que deve e no que não dever ser “uma verdadeira a consciência de classe” mas como portadora de uma riqueza extraordinária, pois exprime um conjunto dinâmico de relações humanas, e, portanto não livre de tensões e contradições.

A distorção ideológica, como derivada da fragmentação da comunidade humana, impedindo os homens de reconhecerem-se coletivamente, causa o que Marx chamou de “estranhamento”, ou seja, a atividade humana torna-se um poder estranho ao homem, que se sente dominado por ela em vez de dominá-la. Isto levaria ao individualismo, caso em que o indivíduo se descontextualiza da História.

As idéias de Marx, podem ser um dos referenciais para a análise da postura ideológica dos articulistas de **A Ordem**, na medida em que estes, apoiando-se no conservadorismo de matriz católica, defendiam a propriedade privada, a hierarquia social e a ascensão de uma elite ilustrada à direção da sociedade (caracterizando a divisão entre trabalho espirituais, sob o comando das elites e trabalho material para as massas). Mesmo favoráveis a estes princípios, os articulistas diziam-se contrários ao modelo liberal.

A crítica ao capitalismo, torna-se, dessa forma, equivocada, na medida em que defendem as suas principais bases. Talvez, não percebessem as forças motrizes que os impulsionavam nesse sentido e não conseguissem superar os limites de uma visão burguesa (mesmo que em bases conservadoras), porque não ultrapassavam os limites de mundo, cuja determinação era burguesa.

Neste contexto, o pensamento conservador no Brasil dos anos de 1930 teria cometido um duplo equívoco: combater o capitalismo num país onde ele nem sequer havia se efetivado (não pelo menos em moldes europeus) e defender a manutenção das pedras angulares, dessa mesma doutrina capitalista que combatiam.¹⁸ O argumento de suporte dos teóricos conservadores, ao menos daqueles que se uniam ao movimento da reação, visava reconstruir a sociedade sob as bases de um modelo anterior à consolidação do capitalismo (modelo medieval), como se fosse possível que a sociedade permanecesse imune às transformações históricas. Em sociedades profundamente divididas o *universal* e o *particular* se confundem originando a distorção entre o que é a motivação de um grupo, como sendo a motivação de

18 – Parece-nos interessante ressaltar que desde o século XIX, com as transformações decorrentes do processo de industrialização, houve um grande debate nos meios católicos a respeito da “questão social” ou do que deveria ser uma doutrina social católica. Nesses debates, é possível perceber que a Igreja (e também os articulistas de **A Ordem**), pretendia a livre-iniciativa, a manutenção da propriedade e das “diferenças naturais” entre os homens; no entanto, sem defender a idéia de concorrência e de lucro pelo lucro. Idéias que de certa maneira se aproximavam das propostas do socialismo utópico.

toda a sociedade. Os articulistas de **A Ordem** (como frutos de uma sociedade profundamente cindida por meio da propriedade privada e da divisão do trabalho) comprometiam-se, muitas vezes sem o perceber com os elementos responsáveis por esta a cisão.

O conceito de ideologia em Marx, também pode ser um dos referenciais para se pensar o ideário dos articulistas de **A Ordem**: é possível perceber a crença verdadeira nas idéias que propugnavam. Nos sete anos de análise mais detalhada dos artigos, o cinismo, o dolo, a falsificação proposital e grotesca ou o oportunismo, não nos foram perceptíveis prova disso é o fato de que a maioria desses escritores jamais galgou posições sociais superiores às que possuíam quando colaboravam com a revista. Muitos deles, aliás, sofreram represálias ou viveram um ostracismo intelectual ou profissional pelas posições que assumiram. A crença na solução espiritual para as crises sociais era, de fato, legítima. Imbuídos por essa ideologia, efetivaram o combate ao comunismo, utilizando-se principalmente da exploração do medo.

Até este momento, a apresentação dos artigos da revista **A Ordem**, teve caráter de identificação formal dos contextos históricos, dos espaços, das idéias e das personagens envolvidos em sua composição, além da “atmosfera” em que foram produzidos. A partir deste ponto, a proposta é explorar o universo simbólico, os traços implícitos contidos nesses artigos a distorção de idéias pelo uso de generalizações, estereótipos, apelos à tradição e personificações de cunho negativo.

A trilha utilizada pelo catolicismo conservador para compor o universo de representações sobre o comunismo nos anos 30 foi seguir o rastro do medo. Os artigos anticomunistas fazem, sistematicamente, uso político do medo. Resgatam memórias ancestrais, tradições religiosas e temores sociais, consubstanciados no mal, no sofrimento, no pecado e na morte. Em torno desse quadrante, outras representações do medo assumem novas formas: o medo da destruição, o medo da miséria, o medo das doenças, o medo da violência, o medo do outro.¹⁹

O medo é um sentimento universal, comum a todos os seres humanos, independente do tempo, do espaço, da etnia ou da classe social. A fome, a doença, a morte são conceitos universalmente compreendidos. Essa universalidade tornava seu uso inteligível em qualquer

19 - DUBBY, Georges. **Ano 1000 ao ano 2000 - na pista de nossos medos**. São Paulo: Editora UNESP e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1998.

situação, em qualquer contexto histórico, pois a história humana é uma trajetória marcada por muitos e diferentes medos. Além de universal, o medo é, também, subjetivo, apresenta manifestações singulares, dependendo da situação em que se desenvolve; portanto tem um potencial extraordinário na mobilização de sentimentos e ações humanas.

O universo do medo foi explorado de múltiplas formas pelos articulistas de **A Ordem**. Embora não seja possível isolar esses medos em categorias rígidas, pois suas diferentes expressões podem ser identificadas num mesmo artigo, faremos uso dos elementos destacados por Rodrigo Patto Sá Motta ao longo de sua tese de doutorado²⁰: destruição, miséria, doença (estabelecendo referências a agentes patológicos), bestialização (animalização), conspiração e demonização.

Não sendo possível analisar todos os artigos do período, selecionamos aqueles que melhor representam os temas citados.

O Medo da Destruição

A destruição, no contexto dos artigos, pode ter múltiplos significados: a destruição corpo, pela morte; do mundo, pelo do apocalipse; a destruição moral representada pelo fim dos valores da civilização cristã; a destruição espiritual, através da queda da alma aos abismos do inferno.²¹

Caracterizando as diferentes faces da destruição, temos inúmeros artigos, como, por exemplo, *A crise atual*, escrita pelo padre Camillo Torrend, em 1932, que identifica a destruição do modelo social, tomando o bolchevismo russo como agente dessa destruição. O artigo descreve o comunismo como:

*“Aniquilador, bestializador do indivíduo e anarquizador da sociedade, onde intelectuais e patrões são fuzilados ou obrigados a varrerem ruas, e os pobres operários gemem em trabalhos forçados, quando não são eliminados por motivos fúteis ou vinganças boçais.”*²²

Na nota de rodapé da página 10, deste mesmo artigo, segue-se a recomendação de leituras sobre o que “realmente ocorre” na Rússia; um livro particularmente indicado é *La nuit qui nous vient de l’Orient* de Serge du Chasin. Nele, teríamos exemplos “comprovados” da bestialização geral da humanidade almejada pela Rússia rubra e documentos reveladores de casos como o de um jovem de Paris que ganhou o “Prêmio Trotski” e alguns milhares de rublos, por ter se libertado dos preconceitos burgueses sobre a família, escarrando no rosto da própria mãe, que o repreendia por seu mau comportamento.

A destruição da família é um argumento recorrente, pois se coaduna perfeitamente ao modelo historicamente vivenciado tanto no contexto bíblico do “*Honra teu pai e tua mãe*”, como no do modelo de família patriarcal vigente no Brasil colonial e que tinha ressonância ainda nos anos de 1930. Especificamente, nesse período, a família é representada no contexto religioso e político como a “célula mater” da sociedade, de modo que destruir os valores familiares significava a destruição moral que originaria a destruição social. O bolchevismo russo, pelas supostas campanhas para a dessacralização do casamento, aprovação do divórcio, incentivo ao controle da natalidade e liberação do aborto, seria o “agente máximo” da destruição da família.

Em 1935, o ataque a um padre acabou por permitir aos articulistas atribuir aos comunistas (representados no artigo por membros da ANL, vistos pela Igreja como comunistas) o objetivo de destruir os valores religiosos e espirituais. Atacar um padre era o mesmo que atacar a Deus, visto que o sacerdote é um servo da Igreja, na visão católica, a força viva de Deus na Terra.

“Não teve a merecida repercussão o fato criminoso de que foi vítima o revmo. Vigário de Araguay, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. É bem verdade que as autoridades estaduais deram imediatas providências, a fim de que fossem prestados todos os socorros e facultadas todas as satisfações à vítima, e que a opinião pública no grande Estado sulista condenou, de modo o mais veemente, o brutal atentado. (...) Depois de

22 - TORREND, Camillo. *A crise atual*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jan/1932, pp. 9-30.

*haver produzido um dos seus sermões, certo dia, a altas horas da madrugada, o vigário teve invadida a casa em que se hospedava, por um numeroso grupo de facínoras, que o arrastaram até a rua, e o esbofetearam entre os insultos os mais soezes. Soube-se que os autores de tão infame ato foram indivíduos associados à Aliança Nacional Libertadora, e que assim procederam porque, em suas prédicas, o vigário de Araguary, insistia no combate ao comunismo. (...) Estamos convictos de que a violência de que foi vítima esse ministro de Cristo não contribuirá para amedrontar os que, do púlpito das igrejas, buscam preservar as massas da peste soviética”.*²³

Além da inversão de valores morais, identificados pelos articulistas, temos no artigo de Perillo Gomes a utilização da metáfora relacionada à doença (peste soviética), comprovando a presença das diversas categorias de medo, num mesmo texto.

No artigo, *Natal na Rússia*, temos a denúncia da tentativa de destruição dos valores religiosos, bem como menções negativas à moralidade sexual dos bolchevistas²⁴ e a condenação das blasfêmias contra Maria, mãe de Jesus.

*“Não obstante, ao aproximarem-se as festividades de Natal, os dirigentes bolchevistas se alvoroçam e mobilizam os sequazes das ligas atérias para que promovam violências de modo a impedir que o povo expanda, por essa ocasião, seus sentimentos religiosos. (...) Milhares e milhares de impressos pornográficos e ofensivos à Religião são distribuídos por toda parte. Nas casas de diversão, nas próprias ruas, multiplicam-se as alegorias licenciosas e blasfemas. Os conferencistas e a imprensa, a jatos contínuos, vomitam sordícias contra o Papado, a Igreja, e, especialmente, contra o dogma da Virgindade de Maria Santíssima.”*²⁵

Vale destacar que, desde o final do século XIX, havia, por parte da Igreja Católica, uma intensificação dos cultos marianos, expressos principalmente na formação de congregações como o *Apostolado da Oração* e as *Filhas de Maria*; portanto os “ataques” dos bolchevistas à

23 – GOMES, Perillo. *A agressão a um sacerdote em Minas*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, set/1935, pp. 290-1.

24 - Entre os vários adjetivos que qualificavam a moral dos comunistas nos artigos de *A Ordem*, temos: *imorais, amorais, sedutores, licenciosos, libidinosos, e dissolutos*. O sexo no contexto do pensamento católico é uma questão antiga visto em quase todas as épocas como uma prática negativa (exceto para a procriação) e presente desde a *Queda* do homem, por meio do *Pecado Original* até sua inclusão na lista dos *Pecados Capitais*, sendo representado pela luxúria.

25 – Anônimo. *Natal na Rússia*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, dez/1933, pp. 905-6. (Seção Registro).

mãe de Cristo colidiam frontalmente com as práticas do catolicismo, que alcançavam grande repercussão no Brasil. O uso da figura de Maria, bem como seu culto, remontam ao período da catequese jesuítica, nos primórdios do processo de colonização da Terra de Santa Cruz.²⁶ Os nativos da América tinham certa resistência em compreender a figura de Jesus crucificado enquanto representação de um deus (na tradição indígena, os deuses são sempre vitoriosos e a morte na cruz era símbolo de “derrota”), de modo que as imagens de Maria, representando a mãe de todos os povos e a figura do feminino (em meio a um culto eminentemente masculino), foi introduzida com sucesso pelos catequistas nas missões e aldeamentos. Os *Congregados Marianos* e *As filhas de Maria* foram entidades atuantes na “cruzada” anticomunista mobilizada pela Igreja.

Nessa mesma tendência, um artigo de 1935 revelaria a profanação e o desrespeito dos soviéticos pelos elementos que compõem o sagrado, esteja ele no céu ou na Terra.

“Em Rússia não pode haver paz sequer no silêncio dos campos. É o que acaba de revelar-nos um repórter do grande jornal italiano “Corrieri della Sera”, que visitou recentemente a zona aurífera dos Sovietes. Ali trabalham milhares de deportados políticos a uma temperatura de 60° abaixo de zero. A produção é recolhida por agentes do governo, ao fim do dia, e remetida a Moscou sem perda de tempo. A mão de obra empregada nesse trabalho, portanto, é gratuita. E as remessas do precioso metal são incessantes. Esse ouro, no entanto, obtido a tão baixo preço, ainda assim está longe de aplacar às necessidades dos Sovietes. Já se procedeu o confisco de todos os objetos de ouro puro ou em combinação com outros metais, que estavam em mãos de particulares. Chegou a vez de confiscá-lo também dos mortos. Conta o repórter italiano que viu um cemitério cujas tumbas estavam todas violadas e os cadáveres com sinais evidentes de profanação. Ao solo, cruzes tombadas e crânios em pedaços. E lhe foi dito que por ali haviam passado os catadores de ouro para os Sovietes. Boa terra a Rússia dos nossos tempos! Boa, porém, no conceito da velha canção carnavalesca: “Ela lá e... nós outros aqui...”²⁷

Desrespeito a Deus, à religião, à moral e, também, aos mortos. Desde tempos primevos, a profanação dos mortos foi qualificada de diferentes formas e por diferentes povos: tabu,

26 - Para uma maior compreensão dessa questão ver SOUZA, Laura de Mello. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

27 - GOMES, Perillo. *Paz... nem para os mortos!* In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, abr/1935, p. 247.

pecado, abominação e crime. O comunismo, assim, viria destruir preceitos básicos da civilização.

Na seqüência, o artigo de José Zamarim da Testa, identifica o comunismo à “catástrofe”, ao “maior pecado contra a humanidade” e à “ruína total do indivíduo”.

*“Mas o marxismo que se propunha livrar os homens não só de seu estado econômico miserável como também do seu “atraso” espiritual, desencadeava em ambos os campos, no econômico e no espiritual, a maior catástrofe que o mundo conheceu. Enquanto, em economia, a conseqüência da doutrina marxista foi um egoísmo terrível e uma pobreza horrorosa, no campo espiritual, foi o maior pecado contra a humanidade, matando o espírito nas massas populares. Resultado: ruína total do indivíduo”.*²⁸

Na visão do autor, o marxismo é um duplo pecado, pois suas bases e métodos são ofensivos não só a Deus, mas a toda a humanidade, ou seja, o comunista não peca somente contra si mesmo, mas leva outros ao pecado. O excerto da seção *Letras Contemporâneas*, de 1935, fala do comunismo como o caminho que leva ao apocalipse, o qual, por sua vez, dentro do universo simbólico cristão, representa o final dos tempos, quando Deus julgará todas as iniquidades humanas.

O Juízo Final foi (e talvez ainda o seja para um grande número de pessoas) como nos aponta Georges Dubby²⁹ o grande catalisador dos medos cristãos. Pior do que a morte, o apocalipse poderia significar a condenação eterna dos ímpios. As imagens apocalípticas são até hoje fortemente usadas por diversas vertentes do cristianismo.

*“Para os entusiastas, ou mesmo apenas simpatizantes, é a Nova Humanidade que, ali, nas frias estepes setentrionais, alvoreja e promete o Dia ardentemente desejado do nivelamento social completo. Para os adversários irredutíveis e apaixonados, é o mais diabólico de todos os ataques à própria noção espiritual da vida e do destino do homem, acaso o sinal terrível da iminência dos últimos dias da espécie, com a vinda e efêmero triunfo insolente dos monstros apocalípticos”.*³⁰

Além da destruição espiritual, ética e moral (enfim, a destruição do conceito cristão de civilização), a experiência comunista representaria a destruição do corpo, efetivada nos

28 - TESTA, José Zamarim da. *Retorno à Religião*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jan/1935, p. 52.

29 - DUBBY, Georges, **Op cit.** p.128.

30 - SERRANO, Jonathas. *Letras Contemporâneas*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, abr/1935, p. 241.

assassinatos em massa, nos atos de tortura e violência e em consequência do abandono e da miséria.

Um artigo de 1936 mostra o comunismo como uma experiência perversa, geradora de vícios e crimes, aviltante dos direitos humanos entre crianças e jovens:

“Da viúva de Lenine foi publicado no Pravda (jornal russo) a seguinte afirmação: ‘O número de crianças abandonadas que constam dos registros oficiais é, entre nós, de 7 milhões. Em abril de 1928, o Comitê Central do Partido Comunista verificava que as ruas das cidades estavam cheias de menores abandonados e pedia providências contra o flagelo. De que maneira vivem, porém, estes abandonados? A senhora Kalinine, esposa do presidente do Comitê Central Executivo do partido, conta a visita que fez a um grupo de 38 deles, habitando todos um tambor de preparar asfalto! Um outro grupo de 10 foi encontrado dormindo num recipiente grande de recolher lixo das casas. Num só ano registraram-se na Rússia exatamente 29.527 crimes praticados por crianças abandonadas sendo que deles 22 eram assassinatos, cujos autores precoces não tinham atingido a idade de 10 anos! Não é isto de admirar se é verdade o que escreve o doutor Cholomovitch no jornal oficial da Rússia comunista, quando afirma que dos menores abandonados (e são os 7 milhões da senhora Lenine) 40 a 90% são viciados na cocaína!’”³¹

De certa forma, o artigo de Paulo Sá entra em contradição com um artigo de Frederico Muckermann, de 1933, onde se noticia o extermínio de milhões de crianças na Rússia. Ora, se temos a insinuação de que milhões de crianças haviam sido exterminadas em 1933, como é possível que, somente três anos depois, ainda houvesse mais de sete milhões de menores abandonados no país? Entretanto, o que torna o artigo mais incisivo, é a menção a práticas de extermínio pelo governo comunista.

“Há uns dois meses escreviam nos jornais russos sobre a terrível miséria infantil, comunicava-se uma ordem segundo a qual essa miséria se devia liquidar dentro de um curto prazo determinado. Conforme avaliação feita à vista de bibliografia segura, tratava-se não de milhares, mas de milhões de tais crianças desamparadas. Ora, impossível terem todas achado acolhida nos abrigos infantis e institutos similares. Embora se suponha também que muitos desses órfãos infelizes tivessem sido trazidos para o sul da Rússia, mesmo assim restava um número imenso. Pois bem: hoje nos vêem dizer que essas crianças já não existem! Logo, foram liquidadas. Liquidar quer dizer pôr um termo. Nomeando-se estas palavras “liquidar”, a fisionomia petrifica-se

31 - SÁ, Paulo. *O comunismo e os católicos*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jul/1936, p. 66.

de horror. Quanto a essas crianças, onde ficaram ? Que fez com elas o bolchevismo ? Alojá-las era impossível! Que fez a popular G.P.U. dessas crianças...?!³²

Seguindo com excertos que associam o comunismo à morte, temos os que noticiam os assassinatos de opositores do regime, um deles tratando da União Soviética:

*“O sr Henri Berard, escritor socialista francês, acaba de publicar uma curiosa estatística das execuções levadas a efeito na Rússia sob as delícias do regime soviético: 28 bispos e arcebispos, 6.775 sacerdotes, 6.575 professores, 8.800 doutores, 54.850 oficiais, 260.000 soldados, 198.000 policiais, 12.850 funcionários, 355.350 intelectuais, 1.133.000 operários e camponeses. Segundo dados conhecidos, já se eleva à cifra de vinte milhões o número de pessoas mortas por ordem dos dirigentes soviéticos, a partir de 1927. Só imperfeitamente se conhece o número dos que sucumbiram pela fome. O “Reichspost” de Vienna afirma que somente durante o ano passado hão perecido de miséria em Rússia cerca de dez milhões de criaturas humanas”.*³³

E o segundo, fazendo referência aos acontecimentos da Guerra Civil Espanhola, no qual os assassinatos de clérigos e profanações de igrejas são imputados aos comunistas.³⁴

“A revolução da Espanha não durou muito tempo. Pois, apesar disto, os comunistas que se assenhorearam de Oviedo tiveram calma e vagar para assassinar 7 vigários, 2 Lazaristas, 2 Jesuítas, 1 Carmelita, 8 irmãos das Escolas Cristãs, 3 cônegos, 8 seminaristas e mais cerca de 30 padres seculares da região! De um destes (espantai-vos, senhores, se já não conheceis de fato, dos abismos de barbárie e de ferocidade que podem entenebrececer um coração humano) que fizeram os revolucionários vitoriosos? Abriram-

32 - MUCKERMANN, Frederico. *Por que tanta frouxidão no combate ao bolchevismo?* In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jan/1933, p. 18.

33 - GOMES, Perillo. *O paraíso vermelho é uma delícia.* In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, set/1934, p. 221.

34 - Como aponta Rodrigo Patto Sá Motta, “O assassinato de padres e freiras e a profanação de igrejas e objetos sagrados, ocorridos no decorrer da luta entre republicanos e franquistas, provocaram uma reação violenta dos católicos contra o comunismo. Entretanto, a responsabilidade sobre os atos anti-religiosos cometidos na Espanha ainda é objeto de debate. Alguns autores argumentam que se trataram mais de explosões populares que de ação sistemática coordenada por alguma das forças políticas atuantes no cenário espanhol. De qualquer modo, parece que os militantes anarquistas tiveram uma participação maior que os comunistas nas violências cometidas”. Motta, **Op. cit.**, p. 40.

*lhe de par em par o corpo lacerado, penduraram-lhe as carnes sangrentas no gancho de um carnicheiro e expuseram-no na montra com um cartaz que dizia: ‘É de porco...e vende-se!’”*³⁵

Em 1933, A Ordem já advertia quanto aos “horrores” da experiência bolchevista.

*“Tudo isso, além de não discrepar essencialmente das promessas do materialismo histórico, ainda não justifica os horrores da experiência bolchevista, ameaçando transformar em vastos matadouros as grandes capitães européias e americanas”.*³⁶

Para concluir a análise dos artigos que fazem alusão ao medo da destruição e da morte, recorremos a mais um fragmento da *Prece Russa*, que congrega a soma de todos os medos.

*“Meus pobres irmãos são cercados de algozes, e com as costas em sangue são flagelados por sobre as feridas, e suas entranhas se espalham pela terra. Nossos ouvidos estão sempre atordoados com notícias de Terror, e no meio da paz, encontramos ciladas em todos os lados. E com nossas desgraças a boca de nossos opressores se enche de riso, e seus lábios de júbilo! Senhor, tem piedade de nós, tem piedade de nós, ao menos tu, oh meu Jesus, porque meus inimigos são muitos e poderosos. Tem de piedade de nós, porque somos desgraçados. Auxilia-nos, meu Deus, porque estamos moribundos e sem forças. Tua Rússia está desolada completamente. E tu Senhor, até quando...? Lembra-te novamente de nós, livra-nos da perdição. Salva-nos por misericórdia! (...) Livra-nos dos sanguinários Vermelhos, oh Deus, Deus de minha salvação! Mostra, Senhor, a tua justiça, e levanta teu gládio! Perdoa teu povo e sejam perseguidos todos os que os oprimem. Sejam aflitos e conturbados veementemente todos os Socialistas; fujam e sejam exterminados com toda a pressa, todos os discípulos de Lenine! Extermina todos os sanguinários da Tchêka, como exterminastes o rugido do leão...”*³⁷

O Medo da Miséria

O medo da miséria, numa de suas mais singulares expressões, a fome, sempre assolou os seres humanos desde a *Pré-História*, quando grupos atravessaram imensas distâncias em busca de sobrevivência. Nas sociedades antigas, a marca da penúria inscrevia-se no direito de os pais (principalmente aqueles pertencentes às camadas menos favorecidas

35 - SÁ, Paulo. *O comunismo e os católicos*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jul/1936, p.65.

36 - VAN ACKER, Leonardo. *A lição da moderna pedagogia russa*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, set/ 1933, p. 736.

37 – OTTONI JUNIOR, J. Lourenço. *Prece Russa*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, mai/1934, pp. 381-382.

economicamente da sociedade) criarem ou não os seus filhos, que só eram considerados membros da família ou do clã, quando podiam trabalhar, contribuindo, assim, para o sustento material de seus pares.

A grande maioria da população, na Europa medieval, vivia em estado que hoje poderíamos classificar como de pobreza. O crescimento populacional, os sucessivos conflitos entre reinos e o início do processo de urbanização, particularmente a partir do século XII, criaram os episódios da chamada “fome endêmica”.

A Europa dos anos de 1930 vivera o período pós Primeira Guerra, quando a carestia e as privações de todas as espécies fizeram-se muito presentes no cotidiano das pessoas. Além do que, a queda da bolsa de valores de Nova York, em 1929, desencadeou uma crise econômica mundial. Nesse período, o medo da miséria tinha raízes muito concretas.

O medo da fome é tão pertinente ao mundo cristão, que foi lembrada em uma das mais importantes orações, cuja tradição religiosa afiança ter sido ensinada pelo próprio Cristo Jesus: o *Pai Nosso*, em sua expressão “o pão nosso de cada dia, nos dai hoje...”

O arcabouço de representações do catolicismo conservador sobre o comunismo, não se eximiria de utilizar com grande frequência o medo da miséria, numa de suas mais terríveis faces. Com uma transcrição de notícias da *Pravda* e da *Izvestia* dois dos órgãos de comunicação do governo soviético, **A Ordem** relata a falta de alimentos:

*“Falta completa de mercadorias para os moradores das novas casas operarias, diz a Pravda de 4 de setembro: não se pode encontrar roupas nem alimento. Naturalmente o que o conjunto da população mais sente é a dificuldade em obter mantimentos. Em toda parte e mesmo nas capitais até aqui privilegiadas, já se sente uma terrível penúria. Todos os mantimentos são raros, caros e de má qualidade! “Não há leite!” - diz a Rabotchaya Moskva de 15 de agosto. “Não há sal!” – acrescentavam por sua vez as Izvestia de 3 de setembro. (...) E durante esse tempo, as comissões médicas dos conselhos de revisão declaram nos seus relatórios que “os conscritos (operários) são totalmente desprovidos de banha, mesmo nos intestinos e no abdome; o que diminuiria muito a resistência d’ eles diante da fadiga e das moléstias”.*³⁸

38- Anônimo. *Uma campanha soviética contra o igualitarismo*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, fev/1932, p. 237. (Crônica de Transcrições)

É interessante observar que os artigos concebem a suposta miséria do povo russo como uma conseqüência do modelo socialista, e, não como fruto de condições históricas da Rússia, que vivenciou até o século XIX condições semi-feudais nos campos e um processo de industrialização subordinado ao capital estrangeiro. Se havia miséria, na Rússia, não fora o Socialismo quem a produziu. No entanto, o processo histórico russo anterior à Revolução de 1917 jamais foi mencionado no período desta análise (proporcionando ao leitor uma visão descontextualizada dos acontecimentos).

Entre as denúncias de miséria, um outro trecho da *Prece Russa*, traz elementos de grande valor simbólico. Num tom de indagação, de maneira desconfiada e enérgica insinua-se a prática de canibalismo como medida desesperada à situação de penúria na Rússia.

*“As crianças gritam pedindo pão e não há quem lhes parta um pedaço; e a língua do recém-nascido colou-se ao paladar na sua sede. A pele dos pequeninos mais branca que o leite, e mais bela do que o marfim, tornou-se mais negra do que o carvão, e sua pele colou-se a seus ossos. Com perigo de nossa vida, vamos procurar nosso pão, e por causa das tempestades da fome nossa pele se queimou como num forno. Comemos imundícies como pão, e misturamos nossas lágrimas à água que bebemos. Senhor, acaso comerão as mulheres o fruto de seu próprio ventre, crianças que não são maiores do que um palmo? Vê, Senhor, nossa desgraça, porque estamos cansados de gemer. Todas as noites lavamos com nossas lágrimas nossos leito”.*³⁹

O fragmento remete-nos a uma idéia grotesca, entretanto, muito presente no domínio das representações anticomunistas em meio ao senso comum, a de que “os comunistas comem criancinhas”. Rodrigo Patto Sá Motta, afirma em sua tese de Doutorado que, durante sua pesquisa nunca observou nenhuma representação sobre “comunistas comendo criancinhas” mas, encontrou referências jocosas ao tema, usadas pelos próprios comunistas para ridicularizar os exageros dos anticomunistas.

Seria uma frase ingênua, retirada de um salmo bíblico ou estaria alimentando uma representação já existente, ao menos entre anticomunistas mais exaltados? Seria uma representação distorcida da suposta miséria e abandono em que viviam as crianças russas, tão recorrentes em outros artigos, ou uma citação deliberadamente colocada para compor com maior dramaticidade o universo do medo? Infelizmente, não temos essa resposta.

39 – OTTONI JUNIOR, J. Lourenço. *Prece Russa*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, mai/1934, p. 382.

Fato é que a alusão foi feita, mesmo que de maneira arguta, imbricando a situação criada pelo comunismo na Rússia com um dos elementos que figuram entre os tabus da civilização (e considerado pela Igreja prática abominável diante dos homens e diante de Deus), a prática do canibalismo. No contexto em que esta suposta prática foi insinuada torna-se “a maior” das abominações, pois se trata de mães devorando filhos, gerados em seus ventres. Além da abominação do canibalismo, dois outros elementos presentes neste trecho são profanadores: a figura sagrada que as mães desempenham dentro das representações do universo simbólico do catolicismo é conspurcada, prova do quanto o comunismo rebaixava o ser humano, bem como a violação da pureza intrínseca, tanto física como espiritual das crianças (e exaltada por Cristo em diversas passagens dos Evangelhos).

O Medo da Doença

Na Antigüidade, as doenças eram vistas, ao menos no domínio do senso comum, como castigo divino às faltas pessoais e transgressões coletivas ou como fruto da intervenção de forças sobrenaturais. A Idade Média agregou a essas crenças a noção da doença como elemento de regeneração, não somente no aspecto físico, mas, também, em seu aspecto moral (“sacralização” da doença), assumindo a representação não apenas de um castigo infringido pela Providência Divina, mas como uma purgação, um flagelo regenerador.

Os estigmas e o isolamento impostos aos doentes, especialmente em épocas de epidemias ou por enfermidades que traziam marcas corporais, eram vistos como purgações que, ao mesmo tempo em que flagelavam o corpo (como a lepra e o “fogo de Santo Antonio”) elevavam a alma, por um doloroso processo de rejeição pessoal, familiar e social (os flagelos impostos por Deus a seu servo Jó são muito citados nos sermões dos padres medievais).

A partir do final do século XIX, percebe-se, de um lado, um recuo na crença de que as enfermidades originavam-se de castigos divinos, e, de outro, o fortalecimento da idéia de um vínculo estreito entre doença e moralidade, entre doença e caráter. Nas palavras de Susan Sontag “qualquer doença que seja vista como um mistério, ou seja, profundamente temida, será considerada moralmente, se não literalmente, contagiosa”.⁴⁰

40 – SONTAG, Susan. **A doença como metáfora**. Lisboa: Quetzal Editores, 1998, p.16.

A ação higienista⁴¹ adentrou o século XX, modificando não só o perfil fisiológico das doenças, mas sua feição social, convertendo atributos físicos, psíquicos e sexuais em predicados de insígnias sociais.

A doença adquire o teor simbólico de um “desvio”, de algo que é dissonante da harmonia (seja ela física ou social), de um elemento que degenera o organismo, imprimindo a marca do desequilíbrio físico, moral, espiritual ou político (temos como exemplo a tuberculose, tida durante muito tempo, como conseqüência do desregramento das emoções e hábitos, e a sífilis como resultante do desrespeito à moral sexual).

*“Trata-se de reunir sob uma etiqueta comum os ”flagelos sociais”, representações ou práticas coletivas que produzem o conflito, a desagregação, a morte social e biológica (ruptura do laço social); assim os “males sociais” são associados a espécie de doenças que gangrenam as perspectivas de futuro (tensão do laço social).”*⁴²

Os embates entre o catolicismo conservador e a medicina higienista (em seu aspecto eugênico ou de prevenção à natalidade) não impediram que argumentos do discurso higiênico fossem assimilados e usados como predicado negativo pelos articulistas de **A Ordem** contra o inimigo comunista. Inúmeros artigos fazem a associação entre a ação destrutiva de agentes patológicos e comunismo.

“Ora, nada de mais claro do que o espírito anti-religioso do Sr. Anízio Teixeira e sua animosidade contra tudo o que de perto ou de longe venha lembrar-lhe a sua antiga fé. E se não ousa francamente alistar-se entre os materialistas integrais e nega mesmo sua participação no “aliancismo”, que foi o mais recente aspecto

41 - A ação higienista deve (aqui) ser entendida como um conjunto de processos gerados em conseqüência do desenvolvimento científico aplicado à área da saúde, promovendo ações que tinham como objetivos a prevenção e cura de doenças, pela adoção de medidas de saneamento e desinfecção de regiões de risco. Sob uma perspectiva mais ampla, a ação higienista valeu-se de um processo educativo para promover a “higienização dos costumes”, alterando os padrões da família de molde predominantemente colonial, em prol de novos padrões impostos pela ascendência econômica e cultural da burguesia. Para maior compreensão sobre o tema ver COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e Norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

42 – MARTINE XIBERRAS. **As Teorias da Exclusão: para a construção de uma imagem do desvio**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998, p.23.

da epidemia comunista em nosso país, não esconde sua posição ideológica nítida e expressamente anticatólica".⁴³

Em 1936, o mesmo autor, tratando do mesmo assunto, compara o comunismo a uma infecção social:

"Costuma-se combater o comunismo mostrando os seus fiascos; é uma tática que leva muitas vezes à deturpação dos fatos o que é sempre inadmissível. A mais elementar honestidade intelectual e mesmo a mais estrita exigência da luta necessária contra essa tremenda infecção social exige que mostremos tanto os fiascos como os seus êxitos".⁴⁴

Num artigo de fevereiro de 1938, no qual se faz a análise da atuação comunista no Brasil, temos, no que se refere ao Levante de 1935, o uso de termos que fazem analogia às doenças, como vírus, contaminação, infiltração:

"No movimento comunista de 1935, pôde-se ver, claramente delineado, o plano envolvente partindo de dois extremos: enquanto as pequenas células vermelhas contaminaram as classes operárias e os quartéis; o vírus comunista infiltrou-se por todas as classes, por intermédio das organizações do "Socorro Vermelho" e da "Juventude Comunista". (...) O comunismo envolve lautosamente as forças vivas do Brasil; tenta enfraquecê-lo, envenená-lo, sugar-lhe as energias, exaurir-lhe as resistências".⁴⁵

Entretanto, o elemento que aparece com maior frequência nos artigos, é a associação da experiência socialista na Rússia à falta de higiene, vinculando comunismo e sujeira:

"Pequenas misérias quotidianas. Para se fazer a barba em Moscou é preciso esperar pelo menos hora e meia. Todos gostariam de se barbear a si próprios, mas é impossível arranjar uma navalha, um sabão e uma brocha. A navalha fere o rosto e isso em todos os barbeiros; se o cliente se queixa, o barbeiro toma uma navalha ainda pior, com essa bela desculpa "não tem importância política..." (...) As toalhas de todos os barbeiros são aliás repugnantes de sujeira".⁴⁶

43 – LIMA, Alceu Amoroso. *Ainda o ensino religioso*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, set/1935, p. 210.

44 – LIMA, Alceu Amoroso. *Educação e Comunismo*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, mai/1936, p. 329.

45 – RIBEIRO, Fernando Bastos. *O comunismo no Brasil*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, fev/1938, p.171.

46 - Anônimo. *Uma campanha soviética contra o igualitarismo*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, fev/1932, p. 235 (Crônica de Transcrições).

Se o governo socialista soviético não havia dado conta de manter saudáveis atos triviais do cotidiano, como poderia resolver grandes questões? E, prosseguem as descrições das imundícies cotidianas na Rússia, em outros artigos, cujo objetivo, provavelmente era desqualificar a experiência soviética, provocando repulsa no leitor ao imaginar um cenário completamente anti-higiênico, onde pessoas são tratadas como animais em cruel cativeiro.

*“Em Leningrado, diz a Pravda de 13 de agosto: “as fábricas cozinhas fazem serviço mal feito. Elas distribuem à uma hora da madrugada as refeições anunciadas e feitas para as onze da manhã; as vasilhas onde são trazidas não se lavam durante dias e semanas.(...) Nas salas de jantar do “Outubro Vermelho” os operários escrevem nas paredes “Atenção para não cair!” porque o chão está cheio de detritos escorregadios.(...) A sujeira é horrível nas barracas de alimentação. A barraca nº 13 do Monte Sokoline, em Moscou, faz parte da fábrica “Foice e Martelo”. Cento e vinte e cinco adultos e trinta e cinco crianças moram ali; não há mesas nem bancos, nenhuma canalização, só um gabinete para todos, e dois lavatórios mas sem água. Nenhum serviço sanitário. Os banhos mais próximos são a uma distância de cinco paradas de bondes. Não se come dentro da barraca, mas na fábrica, e a única cozinha que existe é infecta; moscas e parasitas em quantidade, nunca uma desinfecção. Tudo é sujo, as camas juntas umas às outras e o chão cheio de baldes de lixo. Como luz, só miseráveis lampiões de querosene. Na fábrica, as refeições trazidas em latas, são sempre insuficientes, sempre as mesmas, e há sempre menos porções do que pessoas. Nos aposentos, muito pequenos, as pessoas se acotovelam e têm de comer quase sempre de pé. Em nenhuma sala de jantar há lavatório ou toalha. Nunca uma vassoura passa por ali. O pátio da entrada é imundo. Os médicos não fazem nada, aliás evita-se que eles vejam esses lugares.” (...) E durante esse tempo, as comissões médicas dos conselhos de revisão declaram nos seus relatórios que “os conscritos (operários) são totalmente desprovidos de banha, mesmo nos intestinos e no abdome; o que diminuiria muito a resistência d’eles diante da fadiga e das moléstias.Os inspetores das barracas Pravda e Comunista visitaram trezentas e vinte barracas. Eles acharam ali trinta e cinco mil homens; logo um excesso de 50 p. 100. Os telhados deixam entrar água. Nos três lavatórios e water-closets há locatários permanentes. Nenhum esforço de instrução para toda essa massa, nenhuma higiene, nenhuma ventilação, não há arejamento normal e tudo isso porque não há um chefe nessas barracas. Nas novas casas operárias, segundo a Rabotchaya Moskva de 13 de agosto, não há higiene. Elas ficam logo infectadas, contaminadas. Os refeitórios tornam-se imediatamente nojentos, os dormitórios sujos e nauseabundos; o tifo se alastrou em algumas casas novas desde a abertura”.*⁴⁷

Na visão dos articulistas de **A Ordem**, o comunismo condenara a Rússia não somente à miséria, mas à sujeira, à doença e à morte. Uma população mal tratada, mal alimentada, mal

47 - Idem, pp. 238-9.

alojada (e mal barbeada...), vivia em meio a um ambiente sujo e infectado, sob a incúria do governo soviético. Somente a *Prece Russa*, mais uma vez, pode definir o que era a experiência comunista:

“Ai de vós Socialistas e Comunistas hipócritas que fazeis da Rússia um sepulcro caiado, que por fora parece rica aos homens e dentro está cheia de todas as imundícies e podridões. Assim sois também vós, que fora pareceis hábeis chefes de governo aos outros países, e por dentro sois bárbaros demolidores! Ai de vós, Socialistas e Comunistas perversos, que edificais o sepulcro de nossa pátria, em vez de protegê-la”.⁴⁸

Destarte os usos políticos do medo, outro elemento de incomensurável valor na composição das representações do comunismo, pelo catolicismo conservador, foi a utilização do recurso lingüístico da *personificação*. As metáforas comumente mais utilizadas foram as de “animalização” e “demonização”.

No contexto da simbologia católica medieval, determinados animais são identificados como portadores ou emissários do Mal. A *Prece Russa* chama os comunistas de “serpentes”, “raça de víboras”. Compara-os a “águias caindo sobre a presa inocente” e pedem a Deus que os livre das “garras” da *Tchéka* (espécie de polícia de costumes, criada na União Soviética), que os perseguem como “leões selvagens”. Jonathas Serrano, em 1933, refere-se ao “chacais comunistas”⁴⁹ e, Everardo Backheuser, fala das “garras” do comunismo.⁵⁰

A identificação do comunismo com o Mal, e, conseqüentemente, sua personificação como o demônio, foi tema de inúmeros artigos. Na segunda parte do artigo *Em face do Comunismo*, Alceu Amoroso Lima afirma que “o comunismo é o mal, é o demônio, é a destruição!”, e, defende ser nosso dever “colocar nossa atitude de categórica repulsa, repressiva e preventiva contra a última expressão do Príncipe das Trevas, na sua eterna luta contra Cristo e sua Igreja”.⁵¹

Entretanto, um artigo anterior, escrito em 1932, já fortalecia o processo de demonização do comunismo. Carregado de elementos simbólicos, deixa claro que entre catolicismo e

48 - OTTONI JUNIOR, J. Lourenço. *Prece Russa*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, mai/1934, p. 383.

49 - SERRANO, Jonathas. *Letras Católicas*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jan/1933, p. 38.

50 - BACKHEUSER, Everardo. *A Escola Única*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jul/1933, p. 529.

51 - LIMA, Alceu Amoroso. *Em face do comunismo* (parte II). In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, mai/1936, p. 354.

comunismo não pode haver qualquer entendimento, pois tratar-se-ia de duas forças visceralmente opostas: “Deus contra Lúcifer, o Kremlin contra o Vaticano”.

“Aproveitando-se da situação desesperadora do trabalhador explorado como força produtiva, pela impiedade do capital, como se, sem mais nem menos, se tratasse de uma máquina que deve trabalhar até sua destruição, começaram a surgir os falsos profetas de que fala Cristo, espíritos enganadores, cheios de doutrina de demônios, que se encarregam de propagar mentiras, para curar o mal reinante e que instigavam nos pobres o ódio invejoso contra os que possuem, pretendendo a supressão da propriedade. (...)Daí, não admirar que surgisse um Miguel Bakounine aplaudindo o desencadear das más paixões, o despertar dos piores instintos, a destruição de todo e qualquer vestígio de moral individual em nome de uma moral social, achando a desordem excelente e benéfica, considerando bestas negras a Igreja e o Estado e proclamando ser a paixão da destruição uma paixão criadora. Daí não espantar que um Proudhon, que adorava Satã e proclamava a anarquia, bradasse que a propriedade é um roubo. Daí o êxito retumbante de um Karl Marx e de um Engels aconselhando, no Manifesto de Novembro de 1847, a união dos proletários de todos os países, a fim de conseguirem a extinção do capital, enquanto o povo, se deixava ludibriar pelas teorias revolucionárias desses “apóstolos da destruição universal”.⁵²

Dentro de um contexto histórico, predominantemente católico, como era o Brasil, na década de 1930, as conexões feitas entre comunismo e satanismo, provavelmente tenham espalhado medo entre os fiéis. Daí os terços rezados nas Igrejas suplicando o fim dessa doutrina.

A Ordem, também foi um dos mais fortes veículos de divulgação das supostas conspirações comunistas, das quais invariavelmente faziam parte, judeus e maçons.

“Por outro lado, (os maçons) curvam-se à influência quase onipotente dos financeiros judeus, que são os empresários do comunismo no mundo inteiro. Conhecedores dos secretos molejos da máquina de propagando comunista , os banqueiros judeus sabem perfeitamente que, no dia em que lhe faltar o dinheiro, a III Internacional não passará de um inofensivo clube de sonhadores. Por isto, ateam os financeiros judeus calmamente o incêndio, certos de que eles – e só eles – poderão a qualquer momento dominar o progresso das labaredas, desde que estas se tornem incômodas para os grandes proprietários descendentes de David”.⁵³

52 – SUCUPIRA, Luís. *Alguns pontos de doutrina social católica*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, nov/1932, p. 355.

53 - OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *O verdadeiro perigo comunista*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, agos/ 1933, p. 555.

Em sua maioria, os artigos que citam Karl Marx, colocam antes de seu nome a palavra “judeu”, e o descrevem, invariavelmente, como “ateu”.

“Judeu de origem e ateu confesso, Karl Marx levou suas idéias para o terreno da impiedade, no que, aliás, procedia coerentemente, pois só com o desprezo dos mais mezinhos princípios morais, que as religiões ensinam, era possível desencadear o furacão de reformas revolucionárias que delineou o autor de O

*“Os homens “de ação” do sindicalismo, da maçonaria e do judaísmo internacional, recebiam a consignação de 70 pesetas semanais, assim como as pistolas e munições que fossem necessárias; recebiam, além dessa remuneração, a quantia de 500 a 1.000 pesetas por cada “fato” efetuado, segundo a classe da vítima e o risco havido na realização do intento.”*⁵⁷

As táticas de atuação dos conspiradores foram alvo da indignação dos articulistas. Eles eram descritos como “traíçoeiros”, “falsos”, “mediócrs”, “odiosos”, “dissimulados”, “cínicos” e “caluniadores”. Já em 1931, Augusto Schmidt os havia identificado como “inimigos de Deus que chegam na calada da noite e andam pelas sombras”.⁵⁸ Na simbologia cristã medieval, a noite, as sombras, a escuridão, representam, por excelência, os domínios de Satanás.

Na Carta Pastoral *Comunismo Ateu*, transcrita em **A Ordem**, de 1937, são descritos os métodos de atuação da propaganda comunista.

*“Na propaganda e implantação destas ideologias subversivas, o comunismo, simultânea e separadamente, lança mão de dois processos diversos: os sedutores e os violentos. Onde ainda não conseguiu firmar o seu domínio, apresenta-se com um aspecto que fascine as massas e desoriente os governos. Fase das promessas falazes, das dissimulações e disfarces, das confusões despistadoras, da exploração hábil de divergências de partidos, de raças e regiões. Onde logrou implantar-se, de modo passageiro ou estável, aparece então com sua própria fisionomia, dura, cruel e violenta. É a supressão completa, impiedosa e sistemática, de pessoas, de classes, de instituições que, de qualquer modo, julgue indesejáveis na nova ordem de coisas. Por toda a parte, e em todos os países em que conseguiu dominar, instala-se o terrorismo coletivo: incêndio das igrejas, assassinatos de sacerdotes, desacato e morticínio de religiões consagradas à oração e à caridade, execução de cidadãos em massa. O sangue humano corre em torrentes. Nem a vida nem a honra de suas vítimas é respeitada!”*⁵⁹

Plínio Corrêa usa a Rússia como modelo para exemplificar os atributos as ações dos

57 - LA PEÑA, Aniano de. *Situação atual do Anarquismo na Espanha*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jun/ 1937, p. 541.

58 - SCHMIDT, Augusto Frederico. *A vinda do Inimigo*. In **A Ordem**, Rio de Janeiro, out/ 1931, p. 224. O artigo citado é a reprodução de um texto escrito e lido pelo poeta numa Igreja do Rio de Janeiro.

59 – Carta Pastoral: *Comunismo Ateu* (documento coletivo do Episcopado brasileiro – setembro de 1937) In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, out/1937, p. 287.

comunistas (leiam-se maçons, judeus, capitalistas) conspiradores:

*“Como a cobra da fábula, que envenenou ao próprio homem que a aquecia ao peito, a Rússia agride assim seus bem-feitores, e emprega para isso suas armas habituais: a mentira e a traição”.*⁶⁰

No universo das conspirações, uma das ações mais criticadas pelo pensamento conservador foi a criação da *Aliança Nacional Libertadora*, que, no seu dizer, nada mais era que um disfarce, uma máscara usada pelo comunismo para confundir pessoas de boa fé.

*“Diante da recusa de inscrição do Partido Comunista no Tribunal Eleitoral e da fragorosa derrota do “Bloco Operário Camponês” nas eleições políticas, vê-se que os agentes soviéticos no Brasil, ás ordens dos orientadores do movimento revolucionário mundial, resolveram seguir uma orientação diversa. Proceder por partes, por etapas e por alianças. É o que está fazendo a Aliança Nacional Libertadora, que reúne em seu bloco, todos os esquerdistas, desde os mais românticos e demagogos, como o Sr. Nicanor do Nascimento ou Maurício de Lacerda, até os marxistas mais evidentes como o Sr. Agildo Barata Ribeiro ou o Sr. Francisco Mangabeira. Os dirigentes da III Internacional renderam-se às razões do Sr. Luis Carlos Prestes e mantendo embora as suas células de “puros”, servem-se da Aliança como uma máscara para avançar sem chocar o ambiente”.*⁶¹

Oito meses depois, já ocorrida a Intentona de 1935, o mesmo autor, confirmava suas previsões e suspeitas quanto ao caráter político-ideológico da ANL:

“Os fatos também estão demonstrando que a política de expansão revolucionária da Revolução Soviética tendo encontrado, na Europa e na Ásia, obstáculos muito maiores do que julgava, voltou decididamente suas vistas para a América do Sul. (...) Entre nós, principalmente, é a parte mais obscura do movimento revolucionário, pois raramente tem tido oportunidade de agir. Ou porque a tática da máscara aliancista, realmente habilíssima, tenha sido julgada suficiente no momento, ou porque essas células de ação intensiva não estejam ainda bem preparadas, como aliás se viu com o fiasco de novembro. Os golpes de Natal, de Recife e do Rio foram visivelmente a aplicação da segunda parte da tática do avanço vermelho, de que a

60 - OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *O verdadeiro perigo comunista*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, agos/ 1933, p. 558.

61 - LIMA, Alceu Amoroso. *A Igreja e o movimento político*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jul/1935, p. 9.

Aliança Nacional Libertadora fora a vaga doutrinação preparatória, de infiltração capciosa e mascarada de nacionalismo, liberdade e humanitarismo".⁶²

Além de todas as ligações estabelecidas entre comunismo e conspiração, destruição, miséria, doença e morte, percebe-se, principalmente a partir de 1932, a forte presença de artigos, caracterizando o comunismo como uma experiência “perversa”, “opressora de todos os direitos humanos”.

Na Seção Registro de 1932, encontramos a frase que identifica o comunismo como uma experiência de governo tirânica: “sem dúvida, os soviets, pilhados em flagrante, no fracasso de todas as suas promessas e no rude infortúnio que a sua tirania tem imposto ao pobre povo russo”.⁶³

Alceu Amoroso Lima, em 1936, reitera a descrição do comunismo como experiência maligna e perversa:

“Os que consideram impossível o comunismo, mormente no Brasil, têm dele uma noção falsa e até ridícula. O comunismo é o mal, é o demônio, é a destruição! (...) O triunfo social do mal, seria uma justificação do mal. A falência temporal do bem, será uma condenação do bem. Nesse terreno é que devemos colocar nossa atitude de categórica repulsa, repressiva e preventiva contra essa última expressão do Príncipe desse Mundo, na sua eterna luta contra Cristo e sua Igreja. Por isso é que a luta dos sem-Deus contra a religião, sendo embora apenas um dos aspectos do comunismo, é também aquele que mais profundamente revela o satanismo dessa tremenda contaminação materialista do mundo(...). Em todos os lugares em que conquistou o poder, (o comunismo) mostra-se selvagem, desumano, a um ponto tal que custa a crer e parece um mito, como o testemunham os massacres horríveis e as ruínas que acumulou em inúmeros países da Europa Oriental e da Ásia. Essa é a natureza ímpia e injusta do comunismo”.⁶⁴

Entretanto, em 1933, Frederico Muckermann já escrevia sobre a *malignidade* dessa experiência e o sofrimento a que estava submetido o povo Russo. Uma experiência em que a sensibilidade, a espiritualidade e a arte não encontravam espaço, quando tudo se organizava em torno de um *tecnicismo* e de um *materialismo* sem precedentes.

62 - LIMA, Alceu Amoroso. *Em face do comunismo*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, mar/1936, pp. 252-259.

63 - Anônimo. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jan/1932, p. 152 (Seção Registro).

64 - LIMA, Alceu Amoroso. *Em face do comunismo* (parte II). In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, mai/1936, p. 354.

*“Por este terror vem ao bolchevismo aquela rigidez que exclui inteiramente qualquer evolução e muito menos uma depuração. Sonho vão é portanto o que muitos moços sonham, ver um dia levantar daquelas cinzas uma fênix. Impossível...! O montão de cinzas na Rússia só pode crescer. Quase de todo suprimidas a espiritualidade e a arte, que no princípio mostravam certo adiantamento, e embotados os impulsos nobres da natureza, pela ansiedade geral e a brutalidade do puro tecnicismo econômico, não resta senão uma massa macerada, cansada, torturada, desesperada. Por sua vez, o último termo de uma evolução que abole o domínio de Deus será a revolução sem fim contra o homem. Desta revolução não resta outra saída que não seja a vitória da força e da brutalidade. Entreabre-se nesta altura a visão daquilo que no bolchevismo se pode chamar de satânico. Conseqüência da perversidade de seus princípios, que esta ordem econômica tende a conduzir, por necessidade essencial à luta, por meio do terror, contra a religião. É luta de extermínio. Com isto, despertam nele novas energias sinistras. Pois, esse ódio não é somente o ódio ao homem e à sua liberdade, mas ódio contra a própria natureza do homem e da sua liberdade, que é Deus. Os horrores de hoje são piores que os anteriores. De resto, a intensidade maior ou menor importa pouco porque o fenômeno como tal significa uma violência constante do homem. Na Rússia só há uma religião que se pode expandir: o ódio a Deus...”*⁶⁵

Para o catolicismo conservador, a força que movia os comunistas era o ódio, sentimento esse que ultrapassava a negação da propriedade e o desejo de fim das desigualdades sociais. Era o ódio contra as leis de Deus, contra tudo que havia de mais nobre na cristandade. Na origem desse ódio estaria a inveja dos afortunados, a rebeldia diante dos desígnios de Deus; mas, o ódio nada de bom poderia construir.

Dessa forma, reivindicações legítimas, diferentes propostas de organização política, econômica e social eram reduzidas a sentimentos. As contradições sociais e a luta de classes eram escamoteadas por um reducionismo teórico e uma visão maniqueísta de mundo.

*“O terror, entretanto, está organizado de tal maneira que não há lugar nem de longe para pensar na possibilidade de ser dominado pelo povo oprimido da Rússia mesma. A Tcheka e a G.P.U., que lhe sucedeu, são tão bem constituídas, e com tanta astúcia e crueldade, como o podem realizar homens cheios de um ódio contra a sociedade. Este ódio se exasperou com uma prisão política e exílio de muitos anos e em cérebros disciplinados por decênios de convivência no meio de um mundo de criminosos. Com tal horroroso instrumento de terror, torna-se possível conter as massas e obrigá-las à força ao trabalho. Todo esse povo de 160 milhões de russos assemelha-se, hoje, a uma massa condenada ao silêncio pelo terror”.*⁶⁶

65 – MUCKERMANN, Frederico. *Por que tanta frouxidão no combate ao bolchevismo?* In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jan/1933, pp. 9-21.

66 – Idem, p. 18.

A mente disciplinada que enfrentou a prisão e o exílio, citada no artigo, seria a de Lênin. Na concepção do autor, Lênin é fruto do ódio. Outros artigos apresentam Marx como um fracassado que viveu às custas do amigo Engels e Trotski é descrito, em pelo menos três artigos do período de análise da revista, como agente do judaísmo internacional.

Os russos e os comunistas, de forma geral, eram qualificados como “bárbaros”, com o mesmo significado usado pelos romanos para designar aqueles que não faziam parte, nem territorialmente, nem culturalmente, do seu Império. Num artigo da Seção Registro, de 1933, esse termo é utilizado em sua forma negativa.

*“Como ninguém ignora, os “sem Deus” são organizações fundadas sob a inspiração e com o patrocínio dos Sovietes , afim de destruir as crenças religiosas da humanidade e dispor os povos para a revolução universal com que esperam aniquilar nossa civilização e implantar no mundo seu domínio. Trata-se, pois, claramente, de uma obra no sentido de minar as bases cristãs da sociedade e sacrificar aos apetites de mando de um bando de bárbaros”.*⁶⁷

Já em 1934, os comunistas são descritos como “apátridas”, pessoas que não tiveram base familiar ou cristã, ou como rebeldes de toda sorte.

*“Quase todos, exceto alguns comunistas sinceros, em geral sem pátria e sem família, e alguns “deracinés” amargos, educados sem pais, ou educadores sem filhos e daí, numa realidade contra qual nada podem os sofismas irônicos e superiores, incapazes de ensinar a fazer... por que nunca fizeram...”*⁶⁸

Os comunistas brasileiros, também, são desqualificados (e, de certa forma, ridicularizados pelos termos utilizados para descrevê-los) em diversos artigos.

“Entre nós, desgraçadamente, só se assentam as baterias contra as hordas de Moscou; quando é evidente que o Moloch comunista, duro e violento para os que o servem, nunca se acalientaria por tanto tempo na companhia preguiçosa e mole dos nossos sacis despreocupados, das nossas macumbas sensuais e entorpecedoras. Comunista no Brasil? Além de uma multidão de esnobes à procura de originalidades

67 – Anônimo. *Pela cultura e pela dignidade do país*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, dez/1933, p. 922 (Seção Registro).

68 - SÁ, Paulo. *Posições Católicas*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jul/1934, p. 28.

*decrépitais, além de meia dúzia de estrangeiros que o meu amigo Rego Monteiro ainda não acabou de expulsar e de quatro ou cinco fanáticos, sinceros mas impotentes, além desses só mais um sr João Mangabeira, móvel “quale puima al vento”, no seu Packard macio e confortável, ou um sr. Edgard Sussekind, funcionariozinho burguês e, nas horas vagas, declamador tonitroante de palavras mais ou menos ocas, porque vazias de realidade.”*⁶⁹

O tom jocoso com o qual são tratados os brasileiros (“sacis preguiçosos”), seria elemento revelador de uma aguda e maliciosa crítica. Os comunistas brasileiros são descritos como burgueses aproveitadores, desfrutando de total conforto proporcionado pelo modelo capitalista e, no entanto, faziam propaganda aos incautos, de doutrinas exóticas, que não combinavam com os anseios do brasileiro. No entanto, até os comunistas poderiam ser divididos dentro de parâmetros de bondade e maldade. Os primeiros eram idealistas, ingênuos ou infantis; os outros eram descritos como aproveitadores, venais, rebeldes, imorais ou amorais.

*“Assim, por exemplo, com os comunistas no Brasil, há duas classes bem distintas. Uma (e é quase totalidade) se subdivide em uma série de sub-classes mais restritas: são os comunistas por “infantilismo”, que o são porque o comunismo é alguma coisa de perigoso e é bom mostrar que não se tem medo de papões (como fora bom fumar para provar que se era homem, ou tomar o bonde andando porque as crianças não o podem fazer...); são os comunistas por “chic”, que usam idéias vermelhas como usam gravatas Laco, ou almofadas nos ombros do paletó; são os comunistas por “primarismo”, que o são porque a propaganda subsidiada pelos Litvinofs põe ao alcance de todas as bolsas (e de todas as inteligências...) o meio suave de ser erudito em sociologia, ingerindo comprimidos brochados, com a marca de garantia da foíce e do martelo; são, ainda, os comunistas que têm a “obsessão do sexo” e a eles parece que os Sovietes acabarão de vez com o que os seus instintos, fantasiados de princípios, chamam “os preconceitos da moral burguesa”; são, finalmente, os comunistas por ódio a Deus, o que é uma coisa tão real quanto o demônio, ou o orgulho humano. Com estas sub-classes todas de comunistas, é claro que não é possível argumentar: que caia sobre eles a faísca fulgurante da graça, é o que devemos pedir como meio único de iluminá-los”.*⁷⁰

Para encerrar o quadro sobre as representações do comunismo e dos comunistas, recorreremos a um excerto da Carta Pastoral dirigida ao clero e aos fiéis, transcrita na edição de

69 - Idem, p. 375.

70 - SÁ, Paulo. *Comunista, meu irmão!* In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, mar/1935, pp. 177-8.

outubro de 1937. O artigo faz a citação de um trecho da Encíclica *Divini Redemptoris*, e posiciona definitivamente a Igreja Católica frente ao Comunismo:

“Podeis, agora, irmãos e filhos muito amados, compreender, em toda a sua profunda e oportuna verdade, a gravíssima advertência do Santo Padre Pio XI, que o primeiro perigo, o maior e o mais geral, é, sem dúvida, o comunismo, sob todas as suas formas e em todos os graus, porque tudo ele ameaça, de tudo se apodera, infiltra-se em toda parte, abrupta ou sorrateiramente; tudo combate: dignidade humana, santidade da família, ordem e segurança da sociedade, e sobretudo a religião, indo até a negação aberta de Deus e atacando de modo particular a religião católica. E, depois de recentes experiências horripelantemente confirmadoras de suas palavras, o Sumo Pontífice, novamente insiste: “O comunismo é intrinsecamente perverso e não se pode admitir em campo nenhum, a colaboração com ele da parte de quem quer que deseje salvar a civilização cristã. E, se, alguns induzidos em erro, cooperassem para a vitória do comunismo no seu país, seriam esses os primeiros a cair como vítimas de seu erro; e quanto mais se distinguem pela antiguidade e grandeza da civilização cristã as regiões onde o comunismo consegue penetrar, tanto mais devastador já se manifestará o ódio dos sem-Deus.” (Encíclica Divini Redemptoris). Não é, pois, possível colaborar com quem, desconhecendo e menosprezando a eminente dignidade da pessoa humana, torna irrealizável, pela raiz, toda e qualquer reforma das condições sociais, que represente, para o homem integral, verdadeiro progresso.”⁷¹

Juntamente ao quadro de representações sobre o comunismo, que o catolicismo conservador fortaleceu, é pertinente retomar os predicados positivos que os articulistas atribuíam à Igreja. A revista **A Ordem**, apresenta-nos um vasto repertório sobre o papel da Igreja e a sua atuação, naquele período.

Já em 1931, com *A vinda do Inimigo*, temos a revelação dos atributos e das ações que cabem à Igreja:

“Nós sabemos de tudo. Ninguém nos enganará. Precisamos acordar os que estão dormindo enquanto é tempo de acordar o que há de bom no fundo dos corações(...) Este é o templo, o nosso templo é a Igreja de Pedro. Ela é a grande trincheira, onde se esconderão os assinalados. (...) É preciso que todos os que sofrem saibam que o Cristo é o pai do sofrimento. E que só Ele tem o remédio.”⁷²

71 - Carta Pastoral. *O comunismo ateu*. Documento coletivo do episcopado brasileiro (publicado em setembro de 1937) In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, out/1937, p. 286.

72 - SCHMIDT, Augusto Frederico. *A vinda do Inimigo*. In: **A Ordem**, Outubro, 1931, pp. 222-3.

Em 1932, Alceu Amoroso Lima atribuía à Igreja Católica a “tarefa moralizadora, civilizadora e espiritualizadora do Brasil.”⁷³

Proclamada pelos conservadores como “fiel depositária da doutrina de Cristo na Terra” e como “única e verdadeira representante de Deus no mundo”, os adjetivos que a caracterizam são invariavelmente positivos. Ao longo dos artigos, a Igreja Católica é descrita como “divina”, “bondosa”, “amorosa”, “consoladora”, “redentora”, “protetora”, “defensora da fé, da espiritualidade, da civilização, da moralidade, da justiça”, e, principalmente, como “inimiga irreconciliável do comunismo”.

Além destes atributos, no Brasil, cabia ao catolicismo ser o “guardião da verdadeira nacionalidade” que as idéias “alienígenas” representadas pelo comunismo almejavam destruir. Ser brasileiro significava, antes de tudo, ser católico.

*“A primeira manifestação de civilização no Brasil e o seu primeiro nome foi uma cruz cristã. (...) O espírito religioso entrou no Brasil com seus primeiros colonizadores. A cruz de malta nas naus de Cabral e os cruzeiros que, como marcos de fé, foram erigidos ao longo da costa passaram à posteridade, como documentos de uma colonização cristã. O nativo, místico supersticioso, procurando divindades nos fenômenos da natureza, com toda uma religiosidade imprecisa, perdida na noite dos tempos, recebeu do jesuíta uma religião nova cheia de mistérios que ele aceitou, sem compreender, porque se parecia com a sua. Sobreveio o elemento africano com todo um mundo de ritos rudimentares, de seitas, de crenças e de temores. Houve uma verdadeira fusão de misticismos variados. Sobrenadou, fatalmente, o mais forte, o mais puro e o único filosófico. (...) As visitas do Santo Ofício, por um lado, a catequese dos missionários de outro, e o aspecto oficial que tinha então a Religião de Roma, tornaram-na quase obrigatória. As capelas determinavam o centro dos povoados. Não havia lugar para incréus. Quatrocentos anos decorreram, e é no espírito deste povo, formado, evoluído, vivido, num ambiente de religiosidade, que o comunismo quer descobrir ambiente para a sua difusão deletéria”.*⁷⁴

Apenas com os adjetivos e verbos presentes nos artigos deste capítulo, é possível perceber que, entre a Igreja e o Comunismo, há uma polarização de representações, caracterizando, de um lado, as “forças do Bem” e, de outro, as “hostes do Mal”.

73 - LIMA, Alceu Amoroso. *Nuvens*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jan/1932, pp. 3-8.

74 - RIBEIRO, Fernando Bastos. *O comunismo e o Brasil*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, fev/1938, pp. 166-7.

Não é perceptível nos artigos sobre as representações da Igreja, qualquer menção a atributos negativos ou dúvidas quanto à sua atuação. Entre a Igreja, como agente do “bem”, e

*Kominter, sob a inspiração da tirania de Moscou, tem perfidamente plantado nos países chamados democráticos, ou melhor ditos, despolitizados, com o fim de aniquilar o Estado e com ele toda a expressão de vida civilizada que ainda resta pelo mundo.(...) O que interessa pôr em relevo em nosso comentário é que o perigo comunista no Brasil, não era um mero espantinho. Ele fez escola em homens que por todos os motivos deveriam ser seus inimigos. E, se conseguiu penetrar uma organização como o nosso Exército, terá se infiltrado, certamente, em outras camadas da nossa sociedade, tão vasta como a nossa e menos impermeáveis ao espírito de disciplina. Não nos amedrontemos com esta verificação. Procedamos, porém, como quem sabe que há um abismo cavado no seio do Brasil contra o qual é necessário que todos se precavenham.”.*⁷⁶

Até a década de 1930, é possível perceber na postura do catolicismo, com relação ao comunismo, um caráter basicamente especulativo. A Igreja opunha-se às doutrinas de Marx, mas não as compreendia como um perigo real e eminente. Havia uma expectativa de que a experiência soviética não fosse duradoura e que as idéias socialistas não tivessem ressonância em países católicos (como já foi dito, o ideário comunista era classificado como “exótico” não adaptável à índole dos brasileiros). Neste contexto, a pregação da *Rerum Novarum* parecia atender às exigências do momento.

Entretanto, a partir de 1930, quando medidas de caráter laicizantes passam a ser adotadas em vários países com secular tradição cató

Além de ser um período frutífero para a produção de *Cartas Pastorais*, foi significativa, também, a realização de *Congressos Eucarísticos* que mobilizavam lideranças religiosas e fiéis tendo, dentre seus objetivos, o de coordenar as forças católicas em todo o país.⁷⁸

Para fortalecer a doutrinação e as práticas católicas, foram criadas entidades que integravam leigos às atividades religiosas. Entre as que alcançaram maior destaque, temos a *Ação Católica*, a *Liga Eleitoral Católica*, os *Círculos Operários*, o *Apostolado da Oração*, os *Congregados Marianos* e *As Filhas de Maria*, todas engajadas na luta contra o comunismo.

No Brasil, além do fortalecimento das ações citadas acima, pode-se perceber, por volta de 1934, uma tentativa de aproximação entre a Igreja Católica e o governo. O uso do termo *aproximação* talvez soe um tanto quanto exagerado; por certo, a idéia de uma “trégua”, fosse mais apropriada. Tal trégua pode ser demonstrada por meio de dois dados: a partir de 1935, é possível encontrar artigos elogiosos às iniciativas governamentais facilitadoras da introdução do ensino religioso nas escolas, e, desde o ano anterior (1934) já não são encontradas as *Crônicas Políticas*, assinadas por Heráclito Sobral Pinto, principal crítico de Vargas entre os articulistas (ao mesmo tempo em que, embora timidamente, aparecem artigos favoráveis ao presidente).

*“Do Governo atual, passado algum tempo, muitas coisas se esquecerão. Desde que o mundo é mundo, tem sido sempre assim. (...) Uma coisa, entretanto, pensamos, jamais será olvidada: seu empenho em estabelecer no meio do trabalho uma política de justiça social. É inegável que sob os auspícios do Sr. Getúlio Vargas se tem elaborado uma legislação destinada a amparar as classes trabalhadoras, assegurando-lhes o gozo de regalias que desconhecia, entre as quais a estabilidade no emprego, a ajuda nos casos de acidente e a garantia do pão verificada a invalidez pela idade ou por moléstias. Poder-se-á dizer que essa legislação padece, aqui e ali, do vício da precipitação; que em uns casos se foi além do que as circunstâncias permitiam e em outros impôs um tratamento injusto àqueles mesmos que o legislador pretendia beneficiar. (...) Isto, porém, não diminui o mérito das realizações do governo Vargas no domínio da justiça social. (...) É justo que registremos este fato tão significativo da política trabalhista do atual Governo da República.”*⁷⁹

78 - A divulgação e posteriores deliberações dos *Congressos Eucarísticos* estavam presentes nos artigos de **A Ordem**.

79 – GOMES, Perillo. *O Labor Social do Governo*. In : **A Ordem**, Rio de Janeiro, mar/1937, p. 279.

Esses elementos seriam indicadores de uma cooperação entre a Igreja Católica e o governo de Getúlio Vargas no combate ao comunismo? Fato é que, mesmo com os problemas e rugas enfrentadas no início de 1930 entre o governo e o catolicismo, graças especialmente às propostas de ensino laico, a “aliança” entre Vargas e a Igreja tornar-se-ia mais produtiva e vantajosa para ambos os lados do que lutar separadamente contra o “perigo comunista”.

Estaríamos diante de um marco de passagem entre um momento de exclusão simbólica do comunismo, feita até então por instituições não governamentais, como a Igreja e a Imprensa, para uma fase onde a exclusão tornar-se-á visível e concreta, sob a direção do Governo Constitucional, e, a partir de 1937, pelo Estado Novo? É provável que sim.

A discussão sobre a permanência destas questões é inerente ao ofício do historiador e aos domínios da historiografia, sendo sempre alvos de debates e revisões. Como escreveu padre Ariano de La Peña, num de seus artigos para **A Ordem**:

*“Assim se constata mais uma vez que a História não é simplesmente a narração das lutas sociais; a História é também uma coleção de mentiras que com o tempo passarão a ser verdades...”*⁸⁰

Certamente, o sacerdote referia-se às “mentiras do comunismo”, às suas promessas de mudanças sociais e de construção de um “paraíso operário” na Terra; entretanto, sua frase poderia aplicar-se, também, à sua instituição. Grande parte das representações negativas sobre o comunismo, elaboradas ou dinamizadas pelo catolicismo conservador, resistiram ao tempo, e foram utilizadas em outros momentos de recrudescimento do anticomunismo. O catolicismo brasileiro foi um dos responsáveis pela construção e manutenção de uma “sombra” paira até hoje sobre tais idéias, ou, com a marca do silêncio e da desinformação sobre o comunismo em nosso país.

“Certas formas de representação coletivas não detêm assim, no próprio seio da sua sociedade, nenhum estatuto, nenhum reconhecimento, tal como se não existisse; no entanto, elas existem. (...) As representações desenvolvem forças de acolhimento ou de exclusão tremendamente poderosas. O excluído não é

80 - LA PEÑA, Ariano R. de. *Situação atual do Anarquismo na Espanha*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, jun/1937, p.543.

*só, pois, aquele que é rejeitado para fora de nossos espaços, dos nossos mercados materiais, mas, também, aquele que é colocado para fora de nossos valores”.*⁸¹

A desqualificação, as representações negativas e silêncio sobre o modelo marxista, não foram consequência, apenas, dos períodos de perseguição ou proscrição de seus organismos representativos; as propostas de cunho socializante foram vítimas do “banimento” político e intelectual na medida em que foram vinculadas a idéias e valores considerados errôneos, ineficientes ou desestruturadores do *status quo* vigente. Os setores conservadores, tanto no aspecto religioso, quanto no aspecto político, pretendiam decretar a “morte” do comunismo, como uma proposta efetiva de organização econômico-político-social.⁸²

Essa prevenção, vigilância e medo do comunismo estão presentes num artigo escrito em maio de 1934, por Paulo de Sá. Por meio de uma historieta familiar, o autor demonstra o vínculo entre anticomunismo e tradição católica.

*“De um conhecido meu, contam as crônicas familiares que, quando pequeno, na sua cidade natal, Ouro Preto, ao atravessar à noite, de volta para casa os “campos do Raymundo” onde havia à mão esquerda, um barranco despencado, gritava-lhe o pai cauteloso “Menino, cuidado com a esquerda!” De tanto ouvir o conselho precavido, a criança guardou-o na sua coleção de pavores, e, às vezes, noite afora, acordava assustado “com medo da esquerda”. Aos católicos, também por sustos antepassados, ficou-lhes invencível e perene, o medo da esquerda...”*⁸³

81 - MARTINE XIBERRAS. **As Teorias da Exclusão: para uma construção da imagem do desvio**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998, pp. 21-2

82 - A possibilidade de um projeto marxista efetivar-se em algum lugar país, é considerada inexistente ou totalmente ineficiente para amplos setores do Liberalismo. Para estes setores, o projeto comunista estaria morto, visto que predomínio do capitalismo seria irreversível. Nestes sentido, as idéias marxistas estariam fadadas ao esquecimento.

83 – SÁ, Paulo de. *Posições Católicas*. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro, mai/1934, p.374.

Considerações Finais

Finalizar uma pesquisa nunca é tarefa fácil, pois sempre haverá conhecimento a se buscar, fatos a revisar, conceitos a repensar. Portanto, longe de serem uma nota conclusiva, estas considerações finais têm como objetivo estruturar algumas das questões propostas no desenvolvimento dos capítulos e estabelecer parâmetros para possíveis análises do anticomunismo católico na história brasileira.

Cabe aqui uma menção aos intelectuais católicos de **A Ordem**, sobre os quais havia de minha parte, *a priori*, uma (inconfessada) desconfiança, fruto do preconceito e do desconhecimento. Estes homens não eram movidos por interesses particulares ou mesquinhos; eles sinceramente acreditavam em sua “missão”: reconduzir o catolicismo ao centro de todas as questões fossem elas éticas, morais, políticas, sociais ou econômicas. Enxergavam como única saída para as diversas “crises” vividas pelos povos ao longo dos tempos a solução que a Igreja, em sua “sapiência divina e secular”, propunha desde a Idade Média: o estabelecimento do “Governo de Deus e por Deus”; o teocentrismo como princípio e finalidade; o cumprimento da vontade divina por meio da obediência ao clero, seu mensageiro na Terra.

A autenticidade dos ideais destes intelectuais pode ser entendida pelo prisma de Karl Marx a respeito da formação da ideologia, pois não se tratava de consciência falsa, mas de uma consciência que encontrava na hierarquia social, na harmonia entre as classes, na manutenção da propriedade privada e no predomínio do sagrado sobre o profano, o limite de seu horizonte. Os intelectuais de **A Ordem** eram frutos de um tempo, de um contexto social e de uma situação histórica singular.

A luta contra o Comunismo foi, neste sentido, apenas mais uma das batalhas. Possivelmente a que requereu maior ardor e na qual o confronto deixou marcas mais profundas, pois esta doutrina rivalizou frontalmente com a Igreja na sua proposta de estabelecer o “Catolicismo Integral” e na formação do *Homo Christianus*. Neste aspecto, o combate ao comunismo não era um fim em si mesmo, mas decorria de uma conjuntura histórica na qual construções ideológicas engendradas por determinados setores sociais

ligados ao catolicismo tradicional se fortaleceram; construções estas, como frutos de situações históricas múltiplas, complexas e em constante movimento.

Não se trata, portanto, de simples manipulações sobre algo que poderia ser somente um espectro: ao menos para os setores católicos, o comunismo era visto como um perigo real, e impedi-lo de ascender ao poder era o dever de todas as forças cristãs. O levante de 1935 (mesmo com todas as suas fragilidades) foi, para estes setores, a prova incontestada desta ameaça.

Não houve, nesta proposta de pesquisa, a intenção de relativizar as ações comunistas, bem como as reações anticomunistas. Ambos tinham, em sua trajetória, idéias e ações legítimas, cada um a seu modo, pois continham um corpo doutrinário e uma proposta de organização para a sociedade. Buscou-se, no entanto, resgatar a especificidade e a dimensão histórico-social de cada um, sem incorrer em visões maniqueístas ou juízos de valor. A força do comunismo, em grande medida, engendrou o anticomunismo, e é neste sentido que deve ser inserido o anticomunismo católico (algumas linhas de abordagem apresentam o anticomunismo católico apenas como mais um dos processos de manipulação das massas).

Entretanto, essas considerações não têm como objetivo, eximir a intelectualidade católica leiga, atuante no Centro Dom Vital e na revista **A Ordem** de sua responsabilidade (mesmo que indireta ou não intencional) de colaborar, por meio do silêncio, com a censura aos meios de comunicação e as perseguições, prisões, torturas e assassinatos de comunistas ou de indivíduos contrários às propostas levadas a cabo por Vargas, após 1935, e, especialmente, durante o Estado Novo.

Segundo os intelectuais de **A Ordem**, cabia aos católicos cristianizar a política e redimensionar as relações humanas. Desse modo, a revista agiu em seu propósito de diluir as lutas sociais, propondo a harmonia cristã em detrimento da luta de classes (de acordo com esta visão, só o sentimento religioso poderia superar a ódio entre classes). Ao catolicismo caberia a tarefa de “civilizar e doutrinar” as camadas populares, e, neste processo “civilizatório” não havia espaço para as propostas comunistas (um dos temas mais recorrentes na revista, a partir de 1930, é demonstrar a incompatibilidade entre cristianismo e comunismo).

Nos anos de 1930, impedir que o comunismo revolucionário avançasse sobre o Brasil e conquistasse as camadas populares, tomando entre estas o lugar da religião (substituindo nas

representações populares, a “fé no céu pela fé na Terra”), fez parte da tarefa de recristianização da sociedade, tornando-se, mesmo, um dos imperativos de **A Ordem**. Para alcançar este intento, mesmo as soluções autoritárias por parte do governo poderiam ser validadas.

Na visão da elite católica brasileira deste período, compartilhada também pelos articulistas da revista, o comunismo, o anarquismo, assim como todo espírito revolucionário, tinham sua origem na incredulidade e só um movimento pelo resgate da religião poderia reverter o quadro de confrontos sociais pelos quais o mundo passava. Defendiam que a opção de muitos operários pelas doutrinas socialistas não se devia ao fator ideológico ou porque pregassem a destruição da propriedade privada, mas, sim, pelas gritantes injustiças sociais, das quais o “capitalismo desumano” era um dos grandes responsáveis.

Na concreção destes propósitos, a elite intelectual católica leiga deveria ser aglutinada para se constituir numa espécie de “consciência da nação” e como a porta-voz dos anseios do povo brasileiro (considerado historicamente católico). Para tanto, era fundamental que Educação e Imprensa estivessem entre seus domínios, donde a luta pelo ensino religioso obrigatório e a necessidade de viabilizar publicações de orientação católica, entre as quais a revista **A Ordem** estava inserida.

Além de se fazer presente na Educação e na Imprensa, a criação de uma vasta rede de atuação em diferentes setores sociais fez parte das estratégias da Igreja para alcançar seus objetivos. Neste contexto, se insere a criação da *Ação Católica*, da *Liga Eleitoral Católica*, dos *Círculos Operários*, e das diversas uniões estudantis católicas, entre outras, estabelecendo vínculos entre doutrina e práxis social.

No universo dos anos de 1930, no Brasil, o anticomunismo é um fenômeno relativamente novo, cujas principais matrizes eram idéias e discursos de países europeus. Entretanto, a especificidade do anticomunismo brasileiro foi dada em grande medida pela elite dirigente do catolicismo e por católicos ligados a movimentos políticos, como a Ação Integralista Brasileira, o “grupo” de Plínio Corrêa de Oliveira (que, nos anos de 1960, fundará a TFP), ou por movimentos de caráter cultural, como é o caso da revista **A Ordem** e do Centro Dom Vital.

Neste sentido, os diversos movimentos sob a bandeira do catolicismo exerceram o papel de “construtores” de um arcabouço teórico de combate a todos os movimentos

revolucionários e de composição dos principais elementos do imaginário anticomunista no Brasil, utilizados não só neste período, mas, também, nos anos seguintes ao golpe militar de 1964.

Entre os principais pontos dessas construções ideológicas estava a “desqualificação” do comunismo como proposta de organização social, política e econômica. Isto se deveu em grande medida pelo desconhecimento ou pelo reducionismo das idéias de Marx. Neste período, a doutrina comunista tornou-se sinônimo da experiência stalinista na União Soviética, o que, na visão dos setores conservadores, era uma experiência extremamente desumana e perversa.

A experiência soviética foi entendida, também, como promotora de todas as misérias e problemas vividos pela Rússia (ignorando-se toda a história deste país nos períodos anteriores à Revolução de 1917). Aliás, o vínculo entre comunismo e experiência soviética não foi apenas uma prerrogativa dos anticomunistas, mas, também, dos próprios comunistas brasileiros, que tinham na União Soviética e em Stalin, um modelo a ser seguido.

Além da desqualificação do comunismo, é possível constatar a desqualificação dos comunistas, agrupados em três categorias distintas: os “ingênuos”, pessoas de boa fé, que careciam ser advertidas quanto a seus erros e ilusões, dado que haviam sido induzidas a esquecer o paraíso do céu para buscá-lo apenas na Terra; os “oportunistas”, para os quais não havia remédio, pois aderiam a esta ou aquela causa, sempre tendo como fim a satisfação de interesses pessoais; e, finalmente, os “revolucionários”, vistos como os “verdadeiros” bolchevistas, dissecados pelo marxismo (que lhes fossilizara os sentimentos e as emoções), artífices de todas as rebeliões contra a fé e a vontade de Deus. Estes deveriam ser duramente combatidos, pois, além de incorrerem no erro, arrastavam consigo as camadas operárias. Nos comunistas revolucionários se consolidariam as imagens de destruição, demonização, doença, licenciosidade, imoralidade, vilania e corrupção, presentes em tantos artigos das revistas.

Na retaguarda do comunismo revolucionário, estaria o judaísmo, promovendo nos meios conservadores um singular “anti-semitismo católico”, que teria suas bases não na questão racial ou religiosa, mas em princípios éticos, espirituais e interesses políticos nacionais (que os próprios articulistas de **A Ordem** classificavam como “anti-judaísmo social”), na medida em que o judeu era vinculado ao capital internacional. O judeu não seria discriminado por

sua origem ou credo, mas por sua atividade na sociedade. Condenava-se o judeu ligado às operações de crédito, às profissões citadinas e ao capital especulativo.

De acordo com esta visão, esse judaísmo “degenerado” (que não era o judaísmo “legítimo” no qual Jesus Cristo fora educado), mancomunado com a maçonaria universal, seria o promotor e arauto tanto do capitalismo “mamonista” como do bolchevismo revolucionário.

O combate a esses inimigos, independente das formas que assumissem, se dará não só por meio das páginas de **A Ordem** (que não era um órgão oficial da Igreja, mas que naquele momento representava as propostas da camada dirigente do catolicismo brasileiro), mas, também, pelos sermões nas missas, pelas doutrinações das diversas associações católicas, pelo catecismo das Filhas de Maria, pelas orações dos Congregados Marianos, pela militância nos círculos operários, pelas aulas nas escolas confessionais ou por meio da visão, muitas vezes distorcida dos fatos históricos (onde a “versão oficial” dos acontecimentos era a única a ser apresentada), nas escolas públicas.

Estas ações demonstram que a Igreja Católica e os articulistas da revista tinham claro que, para promover transformações significativas na sociedade, era imprescindível a modificação da consciência dos homens comuns, por meio da atuação tanto no imaginário social, como nas ações cotidianas. Promover estas modificações estava a cargo da elite intelectual católica leiga, e, desenvolver parte do instrumental teórico, a fim de que esta elite pudesse cumprir tal missão, cabia à revista **A Ordem** nos anos de 1920 e 1930.

Em certa medida, ao almejar a construção de uma nova ordem religiosa como diretriz para a sociedade (que implicava no combate sem tréguas ao comunismo), a revista contribuiu, ao menos até 1940, para a manutenção da ordem política instaurada por Vargas a partir de 1935 (a luta contra o comunismo serviu de pretexto para justificar a instalação do Estado Novo, em 1937, e reprimir movimentos populares cujo interesse fosse contrário aos do governo daí em diante).

O levante comunista de 1935, além de representar o início de um fechamento do regimel, trouxe para as fileiras anticomunistas a atuação direta do governo, da Imprensa, das Forças Armadas e de diversos setores da sociedade civil. A Igreja e a intelectualidade católica (presentes desde há primeira hora neste combate) serão, a partir de então, não mais os protagonistas, mas uma das forças coadjuvantes na luta contra as forças revolucionárias.

Dessa forma, podemos dizer que o anticomunismo teve um papel fundamental no quadro político da história do Brasil republicano, na medida em que, direta ou indiretamente, se vinculou a propostas políticas autoritárias. Nos anos de 1937 e 1964, o anticomunismo foi um dos principais móveis para a ruptura institucional, o fechamento do regime e da opção por modelos autoritários de governo. Portanto, não incorremos em exagero ao defender que as camadas conservadoras, que aderiram ao discurso anticomunista, tiveram importante papel nas diretrizes políticas seguidas pelo Brasil.

As representações anticomunistas, especialmente as de cunho religioso (e por cuja construção ou reformulação o catolicismo foi um dos maiores responsáveis), tiveram um caráter duradouro e sobreviveram por décadas, até chegarem aos nossos dias. Vale dizer que, mesmo que muitas delas tenham sido modificadas ao longo do processo histórico, sua essência permanece nas representações sobre os comunistas.

Com o fim da Guerra Fria e a desintegração da União Soviética, comunismo e anticomunismo pareciam ter chegado ao esgotamento; provavelmente, esta é uma idéia equivocada. Mesmo que grupos liberais insistam em decretar a morte do comunismo, ele se mantém como uma proposta real de organização da sociedade e inspira movimentos populares em várias partes do mundo, assim como as representações anticomunistas se fazem presentes, mesmo que em estado latente, em muitos corações e mentes. Tais idéias não morreram; apenas mudaram de lugar.

FontesRevista

A Ordem (1921/1939)

Documentos Pontifícios

Leão XIII, Papa. *Carta Encíclica Rerum Novarum*. Petrópolis: Vozes, 1951.

_____. *Carta Encíclica Quod Apostolici Muneres*. Petrópolis: Vozes, 1951.

Pio IX, Papa. *Carta Encíclica Quanta Cura e Silabo*. Petrópolis: Vozes, 1959.

Pio XI, Papa. *Carta Encíclica Divinis Redemptoris*. Petrópolis: Vozes, 1959.

_____ *Carta Encíclica Quadragésimo Anno*. Petrópolis: Vozes, 1959.

Livros

FIGUEIREDO, Jackson de. *Do Nacionalismo na Hora Presente*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1921.

_____ *Reação do Bom Senso*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922.

_____ *Pascal e a inquietação Moderna*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922.

_____ *Literatura Reacionária*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1924.

LIMA, Alceu Amoroso & Barreto Filho. *Correspondência de Jackson de Figueiredo*. Rio de Janeiro: Editora ABC, 1938.

Dissertações e Teses

ALMEIDA, Maria das Graças Ataíde. *A construção da verdade autoritária*. São Paulo, 2.000 (Tese de Doutorado, USP).

CÂMARA NETO, Isnard de Albuquerque. *Um caso de sobrevivência: os Redentoristas e a festa de São Benedito em Aparecida*. São Paulo, 2.000 (Dissertação de Mestrado, USP).

CORDI, Cassiano. *A noção de Revolução em Jackson de Figueiredo*. São Paulo, 1980 (Dissertação de Mestrado, PUC/SP).

RAGO FILHO, Antonio. *A Crítica Romântica à Miséria Brasileira: O Integralismo de Gustavo Barroso*. São Paulo, 1989 (Dissertação de Mestrado, PUC/SP).

FRANCISCO, Luís Roberto da Rocha de. *Liberais e Jesuítas na Roma brasileira: uma disputa por almas em Itu (1865-1908)*. São Paulo, 2002 (Dissertação de Mestrado, PUC/SP).

LIMA, Lizanias de Souza. *Plínio Corrêa de Oliveira – Um cruzado do século XX*. São Paulo, 1984 (Dissertação de Mestrado, USP)

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo. 2.000 (Tese de Doutorado, USP).

Bibliografia

- ALBERIGO, Giuseppe. *A Igreja na História*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- ARENDT, Hanna. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ASLAN, Nicola. *Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia*. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.
- AZZI, Riolando. *A crise da cristandade e o projeto Liberal*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- BAIGENT, Michael e LEIGH, Richard. *A Inquisição*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O Ano Vermelho – A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- BARBOSA, Marcio. *Frente Negra Brasileira: Depoimentos*. São Paulo: Editora Quilombohoje, 1998.
- BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização* In Boris Fausto (Org.) *História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Republicano*, Tomo III, São Paulo: DIFEL, 1985.
- BORDÉ, Guy & Martin, HERVÉ. *As Escolas Históricas*. Portugal: Publicações Europa-América, 1983.
- BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1992
- BOYER, Alain / et al./ *Por que não somos nietzscheanos*. São Paulo: Ensaio, 1993.
- CABRAL, Padre J. *A Igreja e o Marxismo*. São Paulo: Panorama, 1949.
- CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena – Propaganda política no Varguismo e no Peronismo*. Campinas: Papyrus, 1998.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural – Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CORTEZ, Joaquim Roberto. *Fundamentos da Maçonaria*. São Paulo: Masdras, 2.000.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República – Momentos Decisivos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e Norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. *Estado-nação e construções identitárias. Uma leitura do período Vargas* In SEIXAS, Jacy A; BRESCIANI, Maria Stella; BREPOL, Marion (Orgs), *Razão e Paixão na Política*. Brasília: Editora UNB, 2002.

D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; CASTRO, Celso (Orgs). *Visões do Golpe – A memória militar sobre 1964*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

DELLA CAVA, Ralp. *A Igreja e o Estado no Brasil do século XX: sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro – 1916/64*. Estudos Cebrap nº 12. São Paulo: Edições Cebrap, 1975.

DIAS, Romualdo. *Imagens de ordem – A doutrina Católica sobre a autoridade no Brasil: 1922 – 1933*. São Paulo: Unesp, 1996.

DUBY, Georges. *Ano 1.000, Ano 2.000 – na pista de nossos medos*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

DULLES, John W.F. *Sobral Pinto: a consciência do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DURANT, Will. *A Reforma*. Rio de Janeiro: Record, s/d.

DUTRA, Eliana de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

FARIAS, Damião Duque. *Em defesa da Ordem*. São Paulo: Hucitec, 1998.

FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano. Sociedade e Política (1930 – 1964)* Tomo III. São Paulo: Difel, 1981.

FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito – Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: Eduff, 2002.

FERREIRA, Roberto Martins. *Organização e Poder: Análise do discurso anticomunista do Exército brasileiro*, São Paulo: Annablume, 2005

FERRO, Marc. *A História Viglada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989

- FLUSSER, Vilém. *A História do Diabo*. São Paulo: Edições Annablume, 2005.
- FORTES, Alexandre (Org.). *História e Perspectivas da Esquerda*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- FORTUNA, Ezechias Galvão. *Vida de D. Antonio Joaquim de Melo*. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1898.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Idade Média – Nascimento do Ocidente*, 2.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.
- FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*, São Paulo: Contexto, 2003.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira – nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX- 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____ (Org.). *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HORTA, José Silvério Baía. *O hino, o sermão e a ordem do dia: A Educação no Brasil (1930 – 1945)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- IANNI, Octávio. *O colapso do Populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- IGLESIAS, Francisco. *História e Ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- _____. *Trajetória Política do Brasil: 1500 – 1964*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- KONDER, Leandro. *A questão da Ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LAKOFF, Georges e JOHNSON, Mark (Coordenação de Tradução Mara Sophia Zanotto). *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Educ, 2002.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas: Papyrus, 1986.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Notas para a História do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: EDUCAM – Paulinas, 2001.

LIMA, Hermes. *Anísio Teixeira – Estadista da Educação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LOPES, Marcos Antonio (Org.) *Grandes nomes da História Intelectual*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

MALATIAN, Teresa Maria. *Catolicismo e Monarquia na Primeira República*. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. *Império e Missão – Um novo monarquismo brasileiro*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2001.

_____. *Nostalgia do antigo regime: a República em crise e a solução restauradora*. São Paulo: UNESP, 1989.

MARITAIN, Jacques. *Humanismo Integral: uma visão da nova ordem cristã*. Tradução de Afrânio Coutinho. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1942.

MARTINA, Giacomo. *História da Igreja de Lutero aos nossos dias – A era do Liberalismo*. São Paulo: Edições Loyola, 1996, Tomo III.

MARTINE XIBERRAS. *As Teorias da Exclusão: para uma construção da imagem do desvio*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

MARTINHO LUTERO. *Obras Seleccionadas*. Porto Alegre: Sinodal e Concórdia Editora, 1973.

MARTINS, Luciano. *A gênese de uma intelligentsia – Os intelectuais e a política no Brasil (1920-1940)*, Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 2, nº4, Junho, 1987.

MARX, Karl, *Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel*. In: *Obras Escolhidas de Marx e Engels*. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1998.

MATTEI, Roberto de. *O Cruzado do Século XX: Plínio Corrêa de Oliveira*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1997.

MAYER, Arno J. *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime: 1848-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MAZZEO, Antonio Carlos e Lagoa, Maria Izabel (Orgs.) *Corações Vermelhos – Os comunistas brasileiros no século XX*. São Paulo: Cortez, 2003.

MICELLI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Difel, 2001.

MOURA, Odilão. *Idéias Católicas no Brasil: Diretrizes do pensamento católico do Brasil no século XX*. São Paulo: Convívio, 1978.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O diabo no imaginário cristão*. São Paulo: Ática, 1986.

NOGUEIRA, Hamilton. *Jackson de Figueiredo*. Rio de Janeiro: Hachete, 1976.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.) *Elite intelectual e debate político nos anos 30*. Rio de Janeiro: FGV, 1980.

_____. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. VELLOSO, Mônica Pimenta e GOMES, Ângela Maria de Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Em defesa da Ação Católica*. São Paulo: Editora Ave Maria, 1943.

PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

PAIVA, Vera Lúcia Oliveira. *Metáforas do Cotidiano*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

POLIAKOV, Leon. *A causalidade diabólica*, São Paulo: Perspectiva, 1991.

RAJA GABAGLIA, Laurita Pessoa. *O Cardeal Leme (1882 – 1942)*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1962.

REIS, Vera Lúcia dos. *O perfeito escriba – Política e Letras em Alceu Amoroso Lima*. São Paulo: Annablume Editora, 1998.

RODRIGUES, Cândido Moreira. *A Ordem – Uma revista de intelectuais católicos: 1934 – 1945*. Belo Horizonte: Autêntica/Fapesp, 2005.

ROMANO, Roberto. *Conservadorismo Romântico*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *As Barbas do Imperador – D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Hélio. *O primeiro século da República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

SILVA, Maria Aparecida Pinto. *A Voz da Raça: uma expressão negra no Brasil que queria ser branco*. São Paulo: s.n, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck.. *História Militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SONTAG, Susan. *A Doença como Metáfora*. Lisboa: Quetzal Editores, 1998.

SOUZA, Laura de Mello. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *A Ordem: uma revista de doutrina, política e cultura católica*. Rio de Janeiro: FGV, 1978.

VIANNA, Marly Almeida Gomes. *Revolucionários de 35: sonho e realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

VIEIRA, Evaldo. *Poder político e resistência cultural*. Campinas: Autores Associados, 1998.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1987.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)